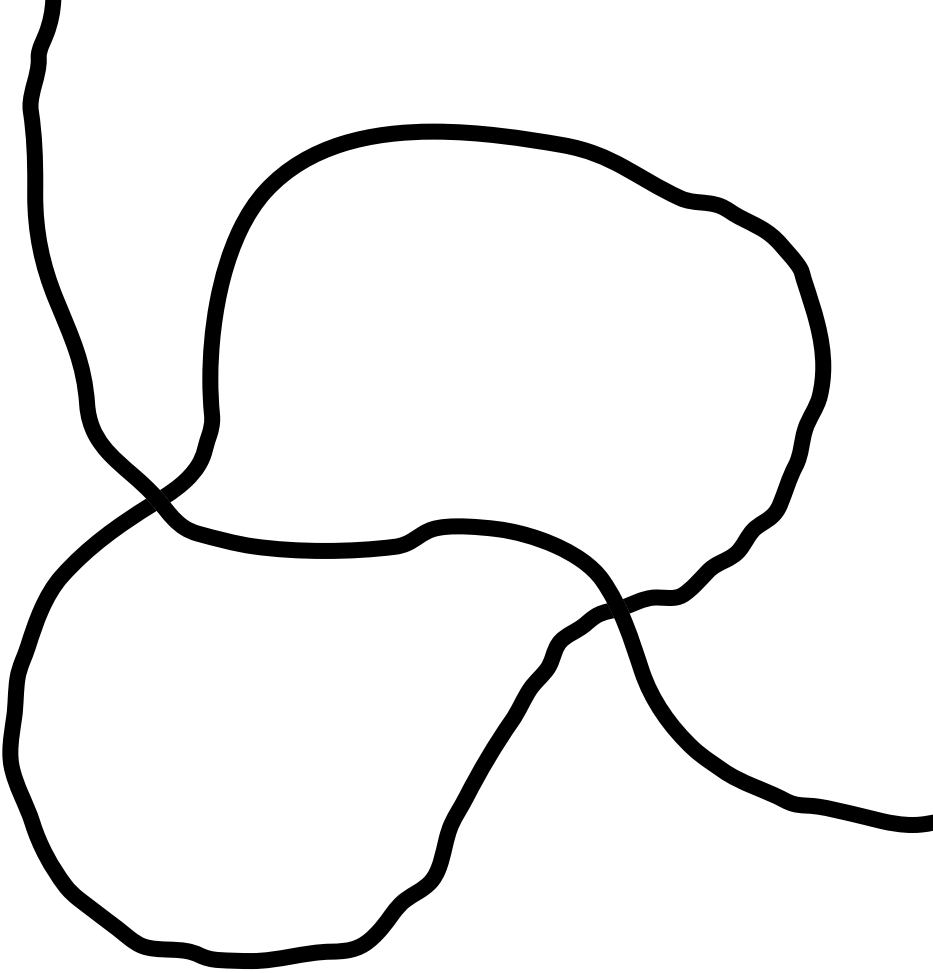
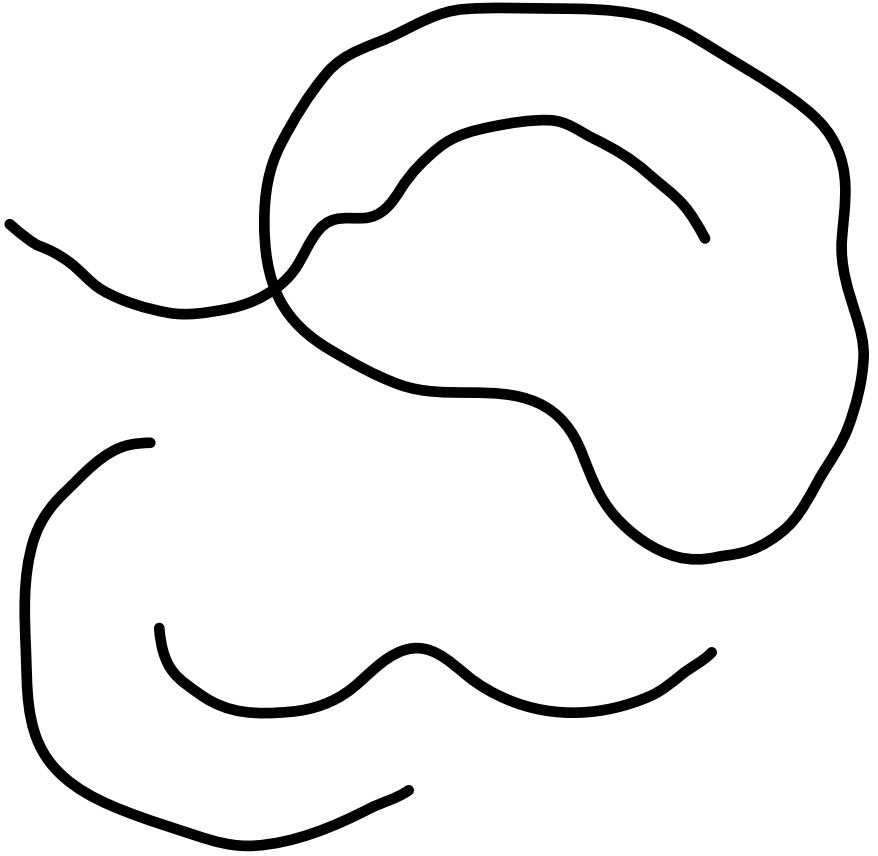


Laboratório para Estruturas Flexíveis

Laboratory for Flexible Structures

2017



Laboratório para Estruturas Flexíveis

Ferramentas de gestão, redes de cuidado e modos de auto-organização

Laboratory for Flexible Structures

Management Tools, Networks of Care and Self-organization

O *Laboratório para Estruturas Flexíveis* é um programa que se estendeu ao longo de um ano, discutindo técnicas de gestão de diversas iniciativas culturais. Em um contexto político em que a imaginação de futuros possíveis não pode mais descolar-se da disputa de presentes urgentes, procuramos reunir espaços, iniciativas e coletivos de pequeno e médio porte, nos quais a situação frágil e o trabalho um tanto silencioso apontam para outras formas de organização – ou até de desorganização. A busca por outros meios de financiar suas atividades, trabalhar coletivamente, criar comunidades, borrar fronteiras entre público e artista e ampliar nosso entendimento do que é cultura, não deixa de ser uma tentativa conjunta de criar zonas de autonomia temporárias, estas que aguçam a sensibilidade social e ensaiam outras formas de existência. Esses bolsões de experimentação, espalhados por diferentes lugares do mundo, reinventam modos de estar, dinâmicas e o uso dos espaços comuns, para que não sejamos reduzidos a meros consumidores de serviços, ou de equipamentos coletivos já formatados.

The *Laboratory for Flexible Structures* is a year-long program discussing management techniques for various cultural initiatives. In a political context where imagining possible futures cannot afford to distance itself from urgent disputes in the present, we've attempted to bring together small and mid-scale spaces, initiatives and collectives, whose fragile situation and often silent work indicate other forms of organizing – or of disorganizing, for that matter. The search for alternate funding options, collective-oriented work, blurring borders between artist and public, creating communities and otherwise expanding our idea of what culture is turns out to be a concerted attempt at creating temporary autonomous zones, sharpening social sensibility and rehearsing other forms of existence. These pockets of experimentation, spread throughout different regions of the world, reinvent ways of being, uses and dynamics of common spaces so that we may be more than mere consumers of services or of pre-formatted collective equipment.

Inquietações comuns

Dividido entre grupo de estudos, visitas a instituições parceiras, residência para coletivos, uma publicação e um encontro final, o *Laboratório para Estruturas Flexíveis* reúne iniciativas nacionais e internacionais que inscrevem suas práticas no campo ampliado da cultura (das artes visuais ao ativismo cultural), em torno de três inquietações principais: a primeira relacionada aos públicos (1); a segunda, ao objeto de atuação (2); e a terceira, ao tempo e aos espaços dessa atuação (3).

(1) Não seria o público dessas iniciativas antes o resultado de uma construção coletiva do que um alvo preexistente ao trabalho realizado? Ou seja, não estaríamos nós falando mais sobre a ideia de formação de redes do que sobre a ideia de criação de públicos?; (2) Por que e para quem trabalhamos? Para promover um certo tipo de prática artística, reforçando a sociedade civil e inventando outras formas de fazer

Common Concerns

Divided in study groups, a residency program for collectives, a publication and a final encounter, the Laboratory for Flexible Structures is comprised of national and international initiatives which inscribe their practices in an expanded field of culture (from visual arts to cultural activism) around three main concerns: the first is related to the public or audience (1), the second to the object of action (2), the third concerns the time and space of these actions (3).

(1) Wouldn't these actions' audience be the result of a collective construct, rather than a pre-existing target for the work to come? That is, aren't we talking more about the idea of creating networks than about creating an audience? (2) Why and for whom do we work? To promote a certain type of artistic practice, reinforcing civil society and inventing other forms of political action? To better the lives of those around us and generate revenue for the community? These questions propose a re-structuring of these initiatives, which

política? Para melhorar a vida do entorno e gerar renda para a comunidade? Essas perguntas propõem a reestruturação dessas mesmas iniciativas, o que nos leva à terceira inquietação; (3) Se os públicos são agentes ativos dos resultados obtidos; e se o objeto de atuação é um processo de construção constante, como essas iniciativas podem reinventar suas relações com o tempo e com o espaço? Quais outras genealogias e ancestralidades é possível resgatar? Onde encontrar as muitas experiências hoje apagadas da história oficial da arte? Como adaptar a programação dos espaços culturais às urgências atuais (abrindo mão de exposições, cursos e temporadas)? Até que ponto podemos trabalhar sem ter espaço? Em que medida conseguimos frear o tempo em que vivemos?

brings us to our third concern. (3) If these audiences are the active objects of the results obtained, and if the object of these actions is a process of constant construction, how can these initiatives reinvent their relationships with time and space? What other ancestries and genealogies should we reclaim? Where can we find the many experiences now erased from official art history? How do we adapt cultural space programming to present-day urgencies (giving up exhibitions, seasons and courses)? Up to which point can we work without space? To what extent can we delay the time we live in?

Por novas ferramentas

Vale frisar, porém, que o *Laboratório* guarda no próprio nome ambiguidades sobre as quais temos que nos equilibrar diariamente. Termos como "flexível", "autônomo" ou "alternativo" sugerem desvios ou quebras daquilo considerado estabelecido, podendo significar tanto o esforço por encontrar modos de organização mais igualitários e justos quanto o rompimento com garantias básicas para a subsistência – é o que temos visto recentemente com a crescente onda de trabalhadores autônomos em "regimes flexíveis". Assim também, a ideia de "laboratório" como espaço de experimentação remonta o imaginário herdeiro de uma certa modernidade, cuja produção de conhecimento está, entre outras coisas, relacionada às práticas que, amparadas por um modelo linear de progresso, eliminaram outras afiliações e ramificações de saber.

Toward New Tools

It is worth stressing, however, that the Laboratory bears in its name ambiguities on which we have to balance ourselves daily. Terms such as "flexible," "autonomous," or "alternative," suggest deviations from or breakdowns of what is considered or established, and can mean both the effort to find more fair and equal modes of organization and disruption with basic livelihood guarantees - recently with the growing wave of self-employed workers in "flexible schemes." Thus, the idea of "laboratory" as an experimentation space reminds us of the imagery inheritance of a certain modernity, whose production of knowledge is, among other things, related to practices that, supported by a linear model of progress, eliminated other affiliations and ramifications of knowledge.

É nesse contexto de esgarçamento da linguagem e da imaginação que se fazem tão fundamentais iniciativas e coletivos cujas práticas vêm antes dos nomes. Foi necessário criar este momento de suspensão do trabalho cotidiano e que reunisse tantas iniciativas por uma semana de encontros e conversas. Imersas numa estrutura física composta por redes, tapetes, colchões e plantas desenhada por Amilcar Packer e Valentina Desideri, foi possível criar outras formas de estar no espaço – descansar, dormir, falar, comer e etc. A Casa do Povo e as diversas iniciativas reunidas se abrem para novas possibilidades, tornando-se mais porosas no vaivém de convidados e do público, estes que se misturam e se confundem ao longo da semana. Algumas atividades balizam o programa, acontecendo em torno de refeições, conversas e ações, embora se apoie sobretudo na partilha desse tempo estendido.

It is in this context of a widening of language and imagination that initiatives and collectives whose practices come before proper names become fundamental. It was necessary to create this moment of suspension of daily work and to gather all these initiatives for a week of meetings and conversations. Immersed in a physical structure composed of nets, rugs, mattresses and plants designed by Amilcar Packer and Valentina Desideri, it was possible to create other ways of being in space - resting, sleeping, talking, eating and so on. Casa do Povo and the various initiatives become open to new possibilities, becoming more porous in the scuttling of guests and public, which mix and mingle throughout the week. Some activities mark the program, taking place around meals, conversations and actions, although it relies mainly on sharing this extended time.

Uma rede de cuidado

O desejo de produzir formatos, dinâmicas, relações e usos ainda sem nome que vão, pouco a pouco, encontrando seu dizer, parece ser hoje uma atuação tão valiosa quanto incomum. Para isso, o *Laboratório* reúne iniciativas como: Agência Solano Trindade (São Paulo, SP), Aldeia Kalipety (São Paulo, SP), Beta-Local (Porto Rico), Casa de Cultura Tainã (Campinas, SP), Chão SLZ (São Luís, MA), ColetivA Ocupação (São Paulo, SP), Contrafilé (São Paulo, SP), Clínica Aberta de Psicanálise (São Paulo, SP), Coletivo Transformação (São Paulo, SP), data_labe (Rio de Janeiro, RJ), Digital Art Lab (Israel), Escola Nacional Florestan Fernandes (Guararema, SP), G>E (São Paulo, SP), JA.CA (Belo Horizonte, MG), L'Asilo (Itália), Movimento de Moradia da Região Centro (São Paulo, SP), Ocupação Mauá (São Paulo, SP), Oficina de Imaginação Política, PF (São Paulo e Rio de Janeiro), PAF [=PerforimingArtForum] (França). Não por acaso, muitas dessas iniciativas reunidas são fronteiriças, tanto pelos lugares onde atuam quanto pelas suas práticas ou formatos organizacionais. Também foram convidados alguns pesquisadores e ativistas, cujo trabalho volta-se à gestão e organização de iniciativas culturais e militantes, tais como: Andrea Phillips (Suécia), Denétèm Touam Bona (França), Sofía Olascoaga (México) e TC Silva (Campinas, SP).

Em poucas palavras, o *Laboratório para Estruturas Flexíveis* procura identificar ferramentas de gestão e assim buscar o que seria uma unidade mínima de institucionalização dessas iniciativas, no sentido de que possam se consolidar sem se engessar; se reinventar sem se precarizar; se internacionalizar sem deixar de ser locais. Afinal, o que essas estruturas pretendem é instituir novos mundos.

A Network Of Care

The desire to produce still-unnamed formats, dynamics, relationships, and uses that gradually, find their voice seems to be as valuable today as it is unusual. To this end, the Laboratory includes initiatives such as: Solano Trindade Agency (São Paulo, SP), Kalipety village (São Paulo, SP), Beta-Local (Puerto Rico), Tainã Culture House (Campinas SP), Chão SLZ (São Luis, MA) ColetivA Occupation (São Paulo, SP), Contrafilé (São Paulo, SP), Open Psychoanalysis Clinic (São Paulo, SP), Transformação Collective (São Paulo, SP), data_labe (Rio de Janeiro, RJ) , Digital Art Lab (Israel), Florestan Fernandes National School (Guararema, SP), G>E (São Paulo, SP), JA.CA (Belo Horizonte, MG), L'Asilo (Italy), Workshop on Political Imagination, PF (São Paulo and Rio de Janeiro), PAF [=PerforimingArtForum] (France).

It is not by chance that many of these initiatives are bordered both by the places where they operate and by their practices or organizational formats. Also invited were some researchers and activists, whose work is focused on the management and organization of cultural initiatives and activists such as: Andrea Phillips (Sweden), Denétèm Touam Bona (France), Sofía Olascoaga (Mexico) and TC Silva (Campinas, SP).

In a nutshell, the Laboratory for Flexible Structures seeks to identify management tools and thus seek what would be a minimum unit of institutionalization of these initiatives, in the sense that they can consolidate without becoming stuck; reinvent itself without becoming precarious; to become internationalized while remaining local. After all, what these structures intend is to institute new worlds.

Como funciona?

A semana do *Laboratório para Estruturas Flexíveis* se articula ao redor de almoços coletivos, conversas, oficinas, ações na Casa do Povo e fora dela, visando a troca de ferramentas entre iniciativas relacionadas à cultura e ao ativismo.

O laboratório é voltado para profissionais da cultura, ativistas envolvidos em práticas coletivas, pesquisadores de modos de (auto-)organização, e conta com atividades abertas ao público e também com ações fechadas para os participantes convidados.

How Does It Work?

The *Flexible Structures Laboratory* Week is organized around collective lunches, conversations, workshops, and actions at and outside Casa do Povo, aiming at an exchange of tools between initiatives related to culture and activism.

The laboratory is aimed at culture professionals, activists involved in collective practices and researchers of modes of (self) organization, and has activities both open to the public and closed actions for invited participants.

A programação se divide em quatro eixos principais:

Almoços coletivos

Artistas, pesquisadores, coletivos e gestores foram convidados para ativar o espaço da *Metacozinha*. Cada dia da semana um deles irá desenvolver uma refeição coletiva, propondo trocas e conversas com os participantes e o público.

Ferramentas de gestão

Cada dia da semana dois gestores de espaços diferentes apresentam suas práticas e contam sobre o percurso da iniciativa onde trabalham. As conversas visam o compartilhamento de metodologias e ferramentas de trabalho, tocando três eixos principais: (1) relação com o público; (2) objeto de atuação; (3) como lidam com tempo e espaço dentro da iniciativa.

The program is divided into four main axes:

Group lunches

Artists, researchers, collectives and managers were invited to activate the *Metacozinha* (meta-kitchen) space. Each day of the week one of them will create a collective meal, proposing exchanges and conversations with participants and the public.

Management tools

Each day of the week two managers from different spaces present their practices and tell about the course of the initiative where they work. The conversations aim to share methodologies and work tools, touching three main axes: (1) relation with the public; (2) object of action; (3) how they deal with time and space within the initiative.

Conversas

Acadêmicos e ativistas apresentam suas pesquisas ligadas às ideias de gestão, práticas culturais, imaginação política, ativismos e outras formas de organização para intervir nos contextos onde se inserem.

Ações

Performances, terapias, oficinas, consultorias, saraus e experimentos que acontecem ao longo da semana e que colocam em prática reflexões acerca de modelos possíveis de gestão.

Conversations

Academics and activists present their research, linked to management ideas, cultural practices, political imagination, activism and other forms of organization to intervene in the contexts where they are inserted.

Actions

Performances, therapies, workshops, consultancies, soirées and experiments that take place throughout the week and put reflections about possible management models into practice.

Programação

Program

23.10

Apresentação da *semana do Laboratório para Estruturas Flexíveis*

Atividade aberta a todxs.

10h30

Presentation of the *Laboratory for Flexible Structures*

Activity week open to all.

23 a 28.10

Terapia Política

– Com Valentina Desideri (PAF)

A artista Valentina Desideri propõe uma sessão individual de aproximadamente uma hora, em que se discute um "problema político", isto é, qualquer problema, pensamento ou pergunta que esteja sendo enfrentada diretamente e que será formulada como uma questão política. Não se trata de buscar uma cura ou um conserto, mas entender os "problemas" como geradores de pensamentos e formas de vida.

Inscrição por ordem de chegada.
Será oferecida uma sessão por dia.

11h–12h

Political Therapy

– With Valentina Desideri (PAF)

Artist Valentina Desideri proposes an individual session of approximately one hour, which discusses a "political problem", that is, any problem, thought or question that is being directly faced and which will be formulated as a political question. It is not about seeking a cure or a "fix", but understanding problems as generators of thought and forms of life.

Registration on a first-come, first-served basis. One session per day will be offered.

23 e 24.10

Diagnóstico Indie.Gestão

– Com Francisca Caporali (JA.CA)
e Samantha Moreira (Chão SLZ)

Sessões de aproximadamente uma hora são conduzidas por Francisca Caporali e Samantha Moreira para o entendimento e compartilhamento de estruturas de funcionamento de cada espaço. Trata-se de buscar táticas para tentar sobreviver em um mundo com estruturas pouco abertas à inovação ou àquilo que escapa ao padrão e, para tanto, o diagnóstico Indie.Gestão baseia-se na troca de experiências entre quem está à frente de iniciativas semelhantes.

Atividade reservada para xs
convidadxs do projeto.

11h–12h

Indie.Gestão Diagnostic

– With Francisca Caporali (JA.CA)
and Samantha Moreira (Chão SLZ)

Approximately one-hour sessions are conducted by Francisca Caporali and Samantha Moreira for understanding and sharing operating structures of each space. About seeking tactics to try to survive in a world with structures that are not open to innovation or what is beyond the norm, and to that end, the Indie diagnosis. Management is based on the exchange of experiences between those who are ahead of similar initiatives.

Activity reserved for project invites.

23.10

Almoço coletivo

Com Contrafilé

O coletivo Contrafilé propõe uma "assembleia de olhar", tentativa de criar um dispositivo que permita uma conversa que deixe aflorar assuntos micropolíticos.

Capacidade: 30 lugares. O almoço é preparado por todxs xs participantes e aberto para contribuições no dia.

12h–14h

Collective lunch

With Contrafilé

The Contrafilé Collective proposes a "looking assembly", an attempt to create a device that allows a conversation that brings up micro-political issues.

Capacity: 30 seats. Lunch is prepared by all participants and is open for contributions all day.

23.10

Ferramentas de gestão

Casa do Povo e o Povo da Casa

Atividade aberta a todxs.

15h

Management tools

Casa do Povo and Povo da Casa (People of the House)

Activity open to all.

23.10

Ferramentas de gestão

data_labe (Rio de Janeiro) e Raul Torres (São Paulo)

Selecionado na Residência para Coletivos, o data_labe apresenta um diagnóstico da sua pesquisa com Raul Torres, contador-ativista especializado em ferramentas de gestão para novas formas de organização e coletivos.

Atividade aberta a todxs.

17h30

Management tools

data_labe (Rio de Janeiro) and Raul Torres (São Paulo)

Selected for the Collectives Residency, data_labe presents a diagnosis of their research with Raul Torres, counter-activist specialized in management tools for new forms of organization and collectives.

Activity open to all.

24.10

Almoço coletivo

Com Sofía Olascoaga

Curadora e pesquisadora da pedagogia radical, Sofía lança mão de experiências de trabalho coletivo e processos de aprendizagem autogeridos para propor um encontro na forma de almoço que pretende aprimorar a troca de ferramentas e saberes entre as diversas iniciativas presentes.

Capacidade: 30 lugares. O almoço é preparado por todxs xs participantes e aberto para contribuições no dia.

12h–14h

Collective lunch

With Sofía Olascoaga

Selected for the Collectives Residency, data_labe presents a diagnosis of their research with Raul Torres, counter-activist specialized in management tools for new forms of organization and collectives.

Capacity: 30 seats. Lunch is prepared by all participants and open for contributions all day.

24.10

Saída para Kalipety

Atividade reservada para xs convidadxs do projeto.

24.10

Ferramentas de gestão

Casa de reza

– Agência Solano Trindade (Thiago Vinicius) e Casa de Cultura Tainã (TC SIlva e Layla Xavier Silva)

Atividade reservada para xs convidadxs do projeto.

15h30

Departure for Kalipety

Activity reserved for project guests.

20h

Management tools

Casa de Reza

– Agência Solano Trindade (Thiago Vinicius) e Casa de Cultura Tainã (TC SIlva e Layla Xavier Silva)

Activity reserved for project guests.

25.10*

Almoço coletivo

12h–14h

Collective lunch

25.10*

Ferramentas de gestão

Aldeia Kalipety (Jera Poty, Marquinho Benites) e Escola Nacional Florestan Fernandes (Rosana Fernandes)

*Dia de atividades reservadas para xs convidadxs do projeto.

15h

Management tools

Kalipety Village (Jera Poty, Marquinho Benites) and Escola Nacional Florestan Fernandes (Rosana Fernandes)

*Day of activities reserved for project guests.

26.10

Ações

Prospecção de recursos

– Com Adriana Sumi, Ana Terra e Maria Dias

Adriana, Ana e Maria formam um conjunto que desenvolve e pesquisa práticas de diálogo. Propõem nessa ocasião um encontro para a prospecção dos recursos contidos na sabedoria invisível presente na história e no cotidiano de cada coletivo, se relacionando ao aproveitamento e à reconfiguração de situações de conflito.

Atividade conduzida pelxs convidadxs e aberta a todxs.

09h

Actions

Resource prospection

– With Adriana Sumi, Ana Terra and Maria Dias

Adriana, Ana and Maria form a group that develops and researches dialogue practices. On this occasion they propose a meeting to explore the resources contained in the invisible wisdom present in the history and daily life of each collective, relating to use and reconfiguration of conflict situations.

Activity led by invited guests and open to all.

26.10

Almoço coletivo

Com Beta-Local

Capacidade: 30 lugares. O almoço é preparado por todxs xs participantes e aberto para contribuições no dia.

12h–14h

Collective lunch

With Beta-Local

Capacity: 30 seats. Lunch is prepared by all participants and open for contributions all day.

26.10

Ferramentas de gestão

Beta-Local (Michael Linares) e Chão SLZ (Samantha Moreira)

Atividade aberta a todxs.

15h

Management tools

Beta-Local (Michael Linares) and Chão SLZ (Samantha Moreira)

Activity week open to all.

26.10

Conversa

Oficina de Imaginação Política

– Com TC Silva e Dénètem Touam Bona

TC Silva, membro de um quilombo em Campinas, e Dénètem Touam Bona, historiador da vida quilombola da Guiana Francesa, conversam sobre questões que atravessam historicamente a existência dos quilombos, como modos de organização, militância, diásporas, fronteiras e resistência.

Atividade aberta a todxs. Conversa em francês e português com tradução disponível.

19h

Conversation

Workshop on Political Imagination

– With TC Silva and Dénètem Touam Bona

TC Silva, a member of a quilombo in Campinas, and Dénètem Touam Bona, historian of quilombola life in French Guiana, talk about issues that historically cross the existence of quilombos, such as modes of organization, militancy, diasporas, borders and resistance.

Activity open to all. Conversation in French and Portuguese with translation available.

26.10

Conversa

Por uma gestão crítica

– Com Andrea Phillips

Estudiosa de teorias de gestão radical e historiadora dos centros comunitários da Inglaterra dos anos 60, Andrea vem acompanhando diversas instituições de arte nos últimos anos com o objetivo de analisar seus funcionamentos para assim entender as novas formas de organização para as quais elas apontam.

Atividade aberta a todxs. Conversa em inglês com tradução simultânea disponível.

20h30

Conversation

Toward a critical management

– With Andrea Phillips

A scholar of radical management and a historian of community center theories in 1960s England, Andrea has been accompanying several art institutions in recent years to analyze their workings in order to understand the new forms of organization to which they point.

Activity open to all. Conversation in English with simultaneous translation available.

27.10

Almoço coletivo

PF [PRATO FEITO| PRETTY FAIR | PROPER FUEL]

– Com Kadija de Paula

Atividade aberta a todxs. É sugerida uma contribuição espontânea a partir do orçamento compartilhado pela artista antes do almoço ser servido.

12h–14h

Collective lunch

PF [PRATO FEITO | PRETTY FAIR | PROPER FUEL]

– With Kadija de Paula

Activity open to all. A spontaneous contribution is suggested from the open budget shared by the artist before lunch is served.

27.10

Ferramentas de gestão

PAF (Valentina Desideri) e JA.CA (Francisca Caporali)

Atividade aberta a todxs.

15h

Management tools

PAF (Valentina Desideri) and JA.CA (Francisca Caporali)

Activity open to all.

28.10

Ações

Ateliê Vivo

– Com G>E

Atividade reservada para xs convidadxs do projeto.

10h–12h

Actions

Ateliê Vivo

– With G> E

Activity reserved for project invitees.

27.10

Ações

TRANSarau

– Com Coletivo Transformação

Atividade aberta a todxs.

19h

Actions

TRANSarau

– With Transformação Collective

Activity open to all.

28.10

Almoço coletivo

Com Amilcar Packer, Nice (moradora da Ocupação Mauá) e Nelson (Movimento de Moradia da Região Centro)

Capacidade: 30 lugares. O almoço é preparado por todxs xs participantes e aberto para contribuições no dia.

12h–14h

Collective lunch

With Amilcar Packer, Nice (Ocupação Mauá) and Nelson (Movimento de Moradia da Região Centro)

Capacity: 30 seats. Lunch is prepared by all participants and is open for contributions all day.

28.10

Ferramentas de gestão

Digital Art Lab (Eyal Danon) e L'Asilo (Pierluigi Vattimo)

Atividade aberta a todxs. Conversa em inglês com tradução simultânea disponível.

16h

Management tools

Digital Art Lab (Eyal Danon) and L'Asilo (Pierluigi Vattimo)

Activity open to all. Conversation in English with simultaneous translation available.

28.10

Ações

Abertura processo: o que aconteceu desde que pulamos os muros?

– Com ColetivA Ocupação

A ColetivA Ocupação, grupo de performance de secundaristas e estudantes, cria uma performance-conversa a partir da qual dividem as experiências de auto-organização nas ocupações e suas conexões dentro do próprio grupo.

Atividade aberta a todxs.

18h

Actions

Opening process: what has happened since we jumped the walls?

– With ColetivA Ocupação

CollectivA Ocupação, a performance group of elementary-school students, creates a performance-conversation from which to share the experiences of self-organization in the occupations and their connections within the group itself.

Activity open to all.

28.10

Conversa

Elogio da Indocilidade

– Com Dénètem Touam Bona

Atividade aberta a todxs.

19h

Conversation

In Praise of the Indocile

– With Dénètem Touam Bona

Activity open to all.

28.10

Ações

CAVEMUSIC

– Com Daniela Bershan

Discotecagem somática para pessoas horizontais – edição remota experimental.

Atividade aberta a todxs.

21h

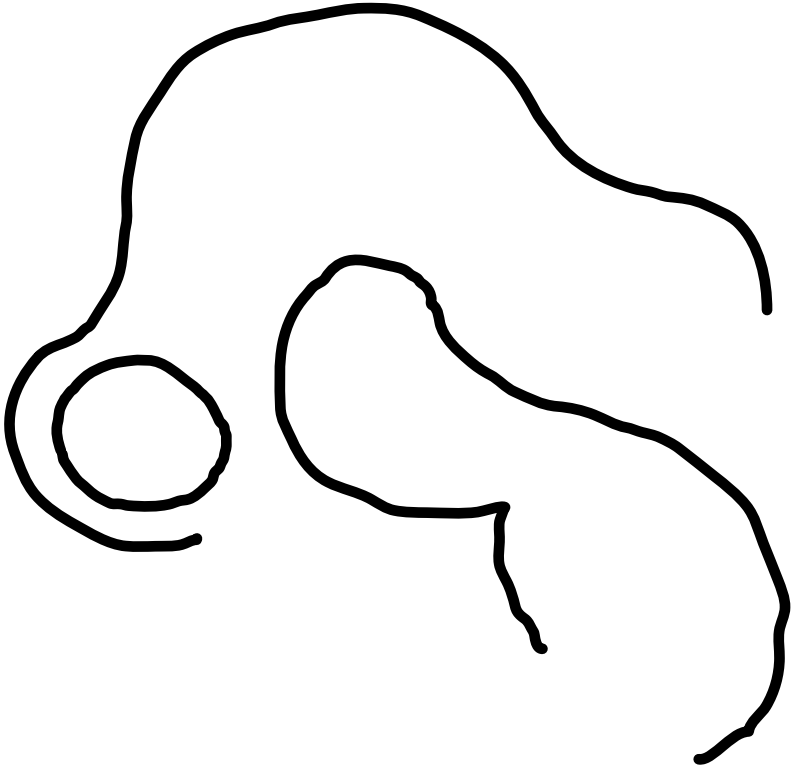
Actions

CAVEMUSIC

– With Daniela Bershan

Somatic Discotheque for Horizontal People - Remote Experimental Edition.

Activity open to all.



Sobre os convidados das Ferramentas de Gestão

About The Management Tools Guests

1. Agência Solano Trindade

É um empreendimento cultural que vem sendo construído por jovens que desenvolvem ações culturais na zona sul de São Paulo. Tem como proposta o fomento e o fortalecimento da economia da cultura criativa através do incentivo à produção e difusão da cultura popular, criando formas de organização que possibilitem a sustentabilidade e autoprodução das ações culturais.

Solano Trindade Agency

Is a cultural enterprise built by young people who develop cultural activities in the southern areas of São Paulo. Its purpose is to foster and strengthen creative culture economy by encouraging production and diffusion of popular culture, creating forms of organization that enable the sustainability and self-production of cultural actions.

2. Aldeia Kalipety

Kalipety village

Localizada no extremo sul de São Paulo, nasceu do movimento de retomada de terras tradicionais e foi reconhecida como tal em 2016 pelo Governo Federal. Próxima da Aldeia Tenondê Porã, a nova aldeia permitiu o acesso a uma terra maior e de melhor qualidade, contribuindo para o resgate do cultivo do milho guarani, da mandioca e da batata-doce, assim como das memórias relacionadas a estes alimentos.

Located in the far south of São Paulo, was born from the traditional land reclamation movement and was recognized as such in 2016 by the Federal Government. Next to Tenondê Porã Village, the new village allowed access to larger and better land, contributing to the rescue of guarani corn, manioc and sweet potatoes, as well as the memories related to these foods.

3. Beta-Local

É uma organização sem fins lucrativos de Porto Rico dedicada a apoiar e promover a prática e o pensamento estético através de vários programas de pesquisa e produção a partir das condições dos trópicos e do contexto caribenho. Na forma de uma escola aberta e de grupos de estudos, promove residências artísticas em torno da gestão da organização, voltadas para artistas, curadores e agentes culturais.

A Puerto Rican non-profit organization dedicated to supporting and promoting aesthetic practice and thinking through various research and production programs from the tropics and Caribbean context. In the form of an open school and study groups, it promotes artistic residences around organization management, aimed at artists, curators, cultural agents.

4. Casa de Cultura Tainã

Tainã Culture House

É uma entidade cultural e social fundada em 1989, em Campinas, que procura possibilitar o acesso à informação, fortalecer a prática da cidadania e a formação da identidade cultural dos indivíduos.

A cultural and social entity founded in 1989 in Campinas, which seeks to provide access to information, strengthen the practice of citizenship and the formation of individual's cultural identity.

5. Chão SLZ

Experimentalmente voltado às práticas de formação não convencionais, o projeto surge da intenção de irradiar sentido para os ambientes propícios ao diálogo e aos processos elásticos de ampliação e troca direta de conhecimentos com o público, universidades, espaços independentes, instituições parceiras, manifestações do entorno acerca da pesquisa no contexto da cultura contemporânea. O Chão SLZ baseia-se nas ações espontâneas de sua rede de contatos e na hipótese de existência de um novo terreno de atuação crítica junto à vida coletiva, desejando apresentar um formato de programação continuamente alternado, contemplando todas as faixas etárias e seus diversos formatos.

Experimentally focused on non-conventional training practices, the project arises from the intention of radiating meaning to environments conducive to dialogue and elastic processes of expansion and direct exchange of knowledge with the public, universities, independent spaces, partner institutions, neighboring cultural forms and about research in contemporary culture. Chão SLZ is based on the spontaneous actions of its network of contacts and on the hypothesis of the existence of a new terrain of critical action next to collective life, wishing to present continuously alternating programming format, contemplating all age groups and their diverse formats.

6. Digital Art Lab

É um espaço de arte público localizado em Holon, Israel. É uma experiência a longo prazo referente às possibilidades e papéis da arte dentro da sociedade em geral, particularmente à realidade israelita de ocupação e segregação. Se entende como uma ferramenta a serviço da sociedade civil e da comunidade local contra as forças do militarismo e do nacionalismo.

A public art space located in Holon. It is a long term experiment about the possibilities and role of art within society in general and Israeli reality of occupation and segregation in particular. We see ourselves as a tool in the service of civil society and our local community against forces of militarism and nationalism.

7. Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF)

Florestan Fernandes National School – ENFF

É um espaço construído com o propósito de pensar e desenvolver cursos de formação política e ideológica. Desde a sua inauguração, em 2005, foi incorporada à sua prática política e pedagógica, a participação de diversos movimentos populares camponeses e urbanos, nacionais e internacionais, além do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. A ENFF prioriza tanto o estudo científico quanto a reflexão da prática política e organizativa, de forma que haja contribuição para elaborar estratégias de transformação social.

A space built with the purpose of thinking and developing courses of political and ideological formation. Since its inauguration in 2005, the participation of various peasant and urban social movements, both national and international, as well as the Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (Landless Rural Workers Movement) have been incorporated into its political and pedagogical practice. The ENFF prioritizes both scientific study and reflection on political and organizational practice so that there are contributions for elaborating strategies of social transformation.

8. JA.CA (Centro de Arte e Tecnologia)

JA.CA (Art and Technology Center)

Existe desde 2010 como um espaço de experimentação no campo das artes em interação com a arquitetura, urbanismo e design, realizando pesquisas a partir do território do Jardim Canadá, em Nova Lima na Região Metropolitana de Belo Horizonte, com o envolvimento da comunidade local, artistas e outras iniciativas e organizações. Como um espaço autônomo de arte, deseja criar, realizar e apoiar projetos que aproximem a arte da vida das pessoas, por meio da ampliação da reflexão sobre os processos artísticos, da realização de ações e intervenções voltadas aos contextos locais nos quais se insere e da atuação em rede.

Has existed since 2010 as an experimentation space in the field of arts in interaction with architecture, urbanism and design, conducting research from the territory of Jardim Canadá in Nova Lima in the Metropolitan Region of Belo Horizon, with the involvement of the local community, artists and other initiatives and organizations. As an autonomous art space, it seeks to create, carry out and support projects that bring the art of people's lives closer together, through expanding reflection on artistic processes, carrying out actions and interventions directed at the local contexts in which art is inserted and through the creation of networks.

9. L'Asilo

Antigamente chamado Forum of Cultures, desde 2012 é um espaço aberto que busca consolidar uma prática de gestão compartilhada de um espaço público dedicado à cultura análogo a usos civis: uma outra fruição de um bem público, não mais baseada na correspondência a um particular sujeito privado, mas em todos aqueles que trabalham no campo da arte, da cultura ou do entretenimento e que, de maneira participativa e transparente, através de uma assembleia pública, compartilham projetos e co-habitam espaços.

Formerly the Forum of Cultures, since 2012 is an open space where one is consolidating a shared and shared management practice of a public space dedicated to culture, analogous to civic uses: a different fruition of a a public good, no longer based on assignment to a particular private subject, but open to all those who work in the field of art, culture and entertainment who, in a participatory and transparent manner, through a public assembly share projects and co-inhabit spaces.

10. Oficina de Imaginação Política

Workshop on Political Imagination

É uma iniciativa implicada em práticas discursivas e performativas envolvidas com imaginação radical para justiça social. Suas principais atividades consistem em grupos de estudo, leituras públicas, debates e oficinas, práticas de escrita e tradução coletiva, impressos e publicações online, buscando distribuir e desenvolver ferramentas de criticidade.

An initiative implicated in discursive and performative practices involved with radical imagination for social justice. Its main activities consist of study groups, public readings, debates and workshops, writing and collective translation practices, print and online publications, seeking to distribute and develop criticality tools.

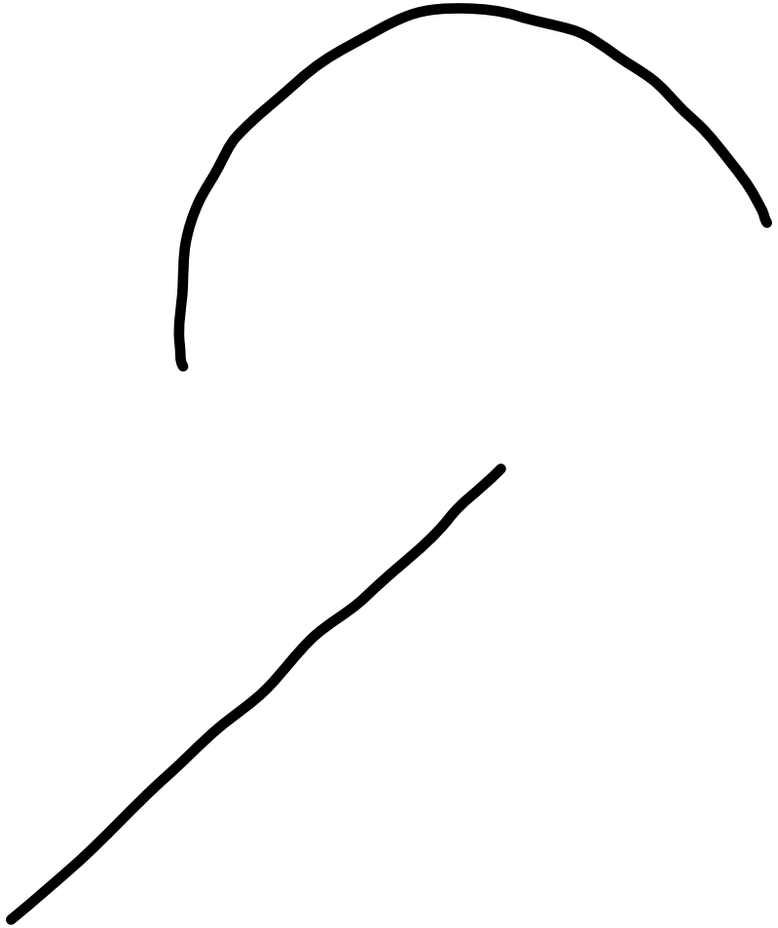
11. PAF (=PerformingArtsForum)

É um lugar para praticantes e ativistas profissionais e ainda não profissionais dos campos das artes performáticas, visuais, literatura, música, novas mídias, internet, produção e teoria cultural, assim como cientistas que busquem pesquisar e determinar suas próprias condições de trabalho. PAF é para pessoas que conseguem mobilizar sua própria produção de conhecimento e arte sem responder somente às oportunidades providenciadas pelo mercado institucional. Criado e gerido pelos próprios artistas, teóricos e praticantes, PAF é uma instituição informal criada e inovada por usuários. Nem uma casa de produções ou apresentações, nem um centro de pesquisa, é uma plataforma para todos que querem expandir as possibilidades e interesses de suas práticas de trabalho.

A place for the professional and not-yet professional practitioners and activists in the field of performing arts, visual art, literature, music, new media and internet, theory and cultural production, and scientists who seek to research and determine their own conditions of work. PAF is for people who can motorize their own artistic production and knowledge production not only responding to the opportunities given by the institutional market. Initiated and run by artists, theoreticians and practitioners themselves, PAF is a user-created, user-innovative informal institution. Neither a production-house and venue, nor a research-center, it is a platform for everyone who wants to expand possibilities and interests in his/her own working practice.

Imersões em projetos autogestionados

Immersions In Self-managed Projects



Introdução

Introduction

São muitos os que hoje habitam a Casa do Povo, grupos que vão desde coletivos artísticos e movimentos autônomos até associações do bairro. Pelo fato do Bom Retiro (bairro onde a Casa do Povo está sediada) ser um retalho de grupos migratórios, um lugar de uso misto (residencial e comercial) e de relativa mescla social, a instituição passou a ser o ponto de encontro de múltiplos territórios, de várias línguas e de práticas diversas (dança, teatro, saúde, artes visuais, moda, edição, estudos variados), ampliando a noção de cultura ao gerar um espaço em comum.

As imersões realizadas durante o *Laboratório para Estruturas Flexíveis* tiveram três intuitos: (1) colocar a intensa vida interna da Casa do Povo em fricção com outros contextos e outras formas de trabalhar; (2) quebrar a rotina do dia a dia, fomentando um tipo de estar juntos mais constante; (3) ampliar a rede que forma o "povo da casa", convidando pessoas encontradas nas visitas a se juntarem nos próximos encontros e viradas.

Essas saídas, porém, curtas demais para serem realmente estudos, esbarram em diversas questões éticas, sendo a principal delas: como se relacionar em tão pouco tempo com contextos tão diferentes entre si sem se colocar na posição de turista? Talvez seja possível resgatar a figura do "turista aprendiz", cunhada por Mário de Andrade, para assim sair da armadilha do interesse desinteressado, este que caracteriza a postura predatória daquele que observa e acaba destruindo aquilo observado, uma vez que, o que de fato nos interessa é ver surgir processos de aprendizagem mútuos no meio desses encon-

There are many who now inhabit Casa do Povo, groups ranging from artistic collectives and autonomous movements to neighborhood associations. Since Bom Retiro (the neighborhood where Casa do Povo is based) is a patchwork of migratory groups, a place of blended (residential and commercial) uses and has a relatively mixed social composition, the institution has become a meeting point for multiple territories, various languages and practices (dance, theater, health, visual arts, fashion, editing, varied studies), broadening the notion of culture by generating a common space.

The immersions made during the *Laboratory for Flexible Structures* had three purposes: (1) to put Casa do Povo's intense inner life in friction with other contexts and other ways of working; (2) break routine from day to day, fostering a more constant type of being together; (3) expand the network that forms the "people of the house", inviting people found in the visits to join in the next meetings and turns.

These excursions, however, too short to really be studies, come up against several ethical questions, the main one being: how to relate in such a short time to contexts so different from each other without placing yourself in a tourist's position? Perhaps it is possible to rescue the figure of the "apprentice tourist", coined by Mário de Andrade, in order to escape the trap of disinterested interest, which characterizes the predatory attitude of one who observes and ends up destroying what is observed, since, in fact, we are interested in seeing mutual learning processes arise in the midst of these intricate encounters. What kind of memory do these encounters leave for those who visit and for whom? How to record and share these immersions? The two experiences reported

tros estabanados. Que tipo de memória então esses encontros deixam para quem visita e para quem foi visitado? Como registrar e compartilhar essas imersões? As duas experiências relatadas aqui descrevem situações muito diferentes que impactaram de formas distintas seus relatores.

O primeiro relato crítico foi escrito por Kadija de Paula, "artista e digestora" como ela mesmo se autodefine. Kadija participa da vida na Casa do Povo realizando o PF [PRATO FEITO | PRETTY FAIR| PROPER FUEL], refeições semanais que ativam o espaço da *Metacozinha*, no térreo da instituição. No texto a seguir, ela propõe uma descrição crítica da virada para o Capão Redondo, na zona Sul de São Paulo, organizada por Thiago Vinicius, membro da Agência Solano Trindade, uma associação enraizada nesta região e que participou ativamente no *Laboratório para Estruturas Flexíveis*. Thiago mescla ativismo e empreendedorismo, apontando para algumas tensões essenciais ao seu contexto – como gerar ações coletivas na falta de recursos, ou melhor, como gerar recursos que fortaleçam o trabalho coletivo sem se entregar aos mecanismos opressivos? Uma das atividades que Thiago costuma realizar é justamente uma visita de cunho educativo ao Capão. O grupo da Casa do Povo se encontrou na posição estranha de ser ao mesmo tempo parceiro e observador. O relato de Kadija nasce dessa estranha e distante proximidade.

O segundo texto, realizado por Bruno Levorin, membro do Lote, corpo coletivo vinculado à dança que atua na Casa do Povo desde 2013, relata uma visita à Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). Se a descrição parte de uma tensão

here describe very different situations that have had a distinct impact on their tellers.

The first critical account was written by Kadija de Paula, "artist and digester" as she defines herself. Kadija participates in life at Casa do Povo conducting the PF [PRATO FEITO | PRETTY FAIR | PROPER FUEL], weekly meals that activate the Metacozinha (meta-kitchen) space, on the ground floor of the institution. In the following text, she proposes a critical description of the *turn* to Capão Redondo, in the south of São Paulo, organized by Thiago Vinicius, a member of Agência Solano Trindade, an association rooted in that region and that participated actively in the *Laboratory for Flexible Structures*. Thiago mixes activism and entrepreneurship, pointing to some tensions essential to its context - how to generate collective actions in absence of resources, or better, how to generate resources that strengthen collective work without surrendering to oppressive mechanisms? One of the activities that Thiago usually performs is precisely an educational visit to Capão. The Casa do Povo group found itself in the strange position of being both partner and observer. Kadija's account is born of this strange and distant proximity.

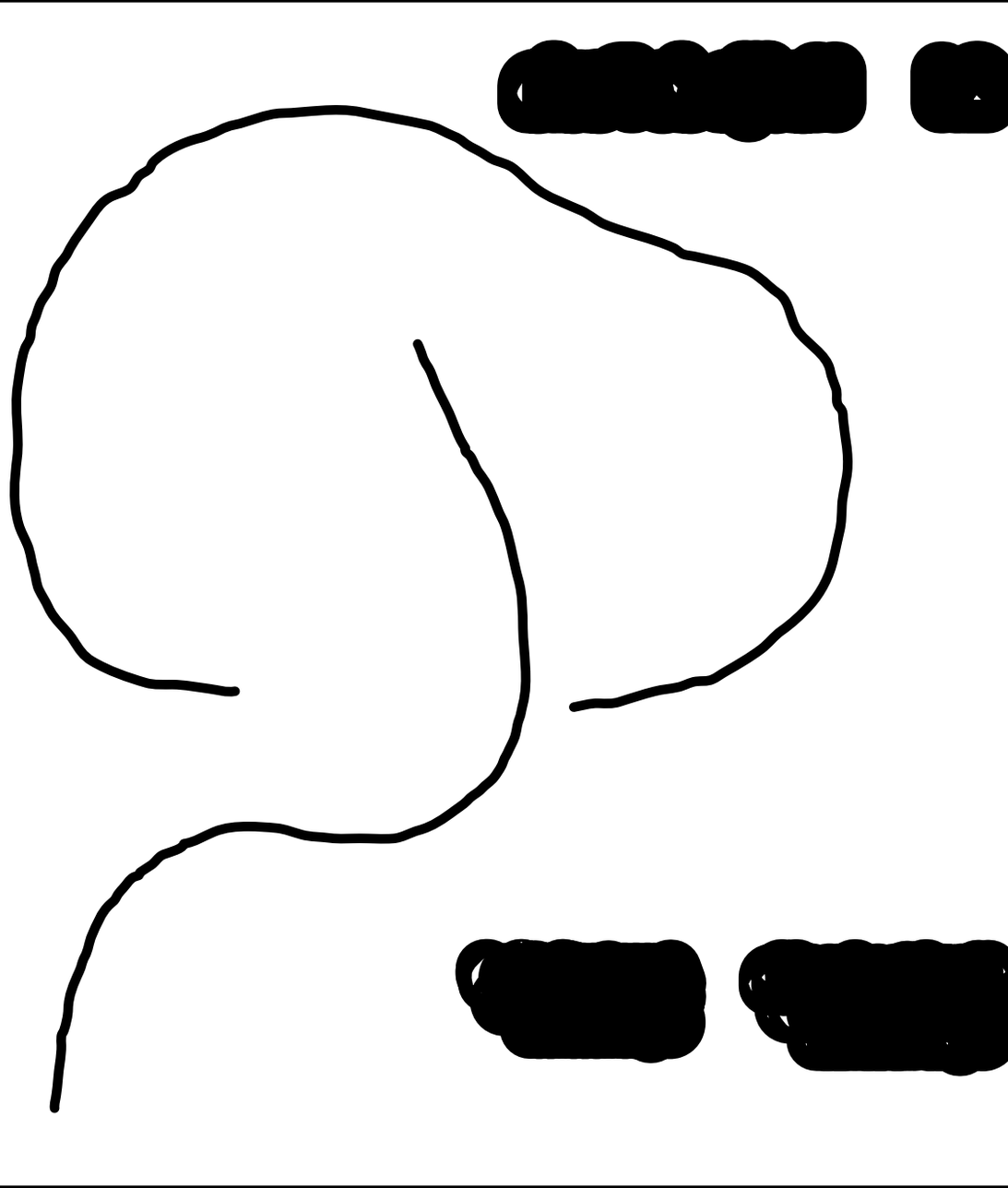
The second text, written by Bruno Levorin, member of *Lote*, a collective dance-related body that operates in Casa do Povo since 2013, reports a visit to the Escola Nacional Florestan Fernandes (*Florestan Fernandes National School*) or ENFF. If the description starts from a tension similar to the previous text - between the moment the author himself lived in his context and the collective experience experienced in the ENFF - what emerges here is precisely a feeling of possible hope in the connection between different forms of thinking, struggling and

similar ao texto anterior – entre o momento vivido pelo próprio autor no seu contexto e a experiência coletiva vivida na ENFF – o que surge ali é justamente um sentimento de esperança possível na conexão entre formas diferentes de pensar, de lutar e de se organizar. Mesmo que distante, a ENFF parece fornecer um contexto possível de outras experiências necessárias, com outro tempo (o tempo da escola), outras relações humanas (que não sejam apenas econômicas e de serviços) e outras relações com a nossa memória (onde os professores, os músicos e os resistentes ocupam o lugar dos heróis oficiais).

Enquanto esse projeto é feito, uma terceira viagem está sendo produzida: a ida à Kalipety, aldeia Guarani do extremo Sul de São Paulo, que conta com a participação dos convidados do *Laboratório para Estruturas Flexíveis*, dos grupos da Casa do Povo, bem como dos membros da Agência Solano Trindade e da ENFF, tornando hóspedes em anfitriões e anfitriões em hóspedes.

organizing. Though distant, ENFF seems to provide a possible context for other necessary experiences, with another time (school time), other human relations (other than just economic or service relations) and other relationships with our memory (where teachers, musicians and the those who resist take the place of official heroes).

While this project is being done, a third trip is under way: the trip to Kalipety, a Guarani village in the far south of São Paulo, with participation from guests from the *Laboratory for Flexible Structures*, from Casa do Povo groups, as well as from members of Agência Solano Trindade and the ENFF, making guests into hosts and hosts into guests.



2.1 Kadija de Paula

O dia que durou mil anos

The Day That Lasted A Thousand Years

Um relato sobre a ida do Povo da Casa ao Capão Redondo.

A report on the trip of the Povo da Casa to Capão Redondo.

No dia 19 Nissan de 5777 do calendário judaico, ou 25 de abril do ano 67 da nossa era segundo a escala de tempo geológico, a Câmara dos deputados aprovou o projeto de reforma trabalhista do governo Temer. Entre outros pontos, a reformulação autoriza que mulheres grávidas e lactantes trabalhem em ambientes insalubres. Nos Estados Unidos, cientistas anunciaram o desenvolvimento de um útero artificial. Em estudos pré-clínicos usando bodes expiatórios, pesquisadores conseguiram simular o ambiente do útero e as funções da placenta em uma bolsa plástica preenchida por fluido, evitando a imolação do cordeiro.

No mesmo dia, em São Paulo, representantes de grupos que habitam a Casa do Povo, na Nova Seul, perto da Rua dos Italianos, no caminho da *Kantutita* na Anhaia, cerca de la Plaza Jerusalem, ali do lado do Centro de Esportes Radicais, embarcaram em uma incursão para conhecer grupos e coletivos que atuam de forma autogestionada no Capão Redondo, distrito da subprefeitura do Campo Limpo, na Zona Sul de São Paulo.

A expedição fazia parte de um laboratório para estruturas flexíveis, financiado pelo banco da bicicleta laranja, um dos maiores captadores da Lei Federal de Incentivo Fiscal à Cultura. Na van, umas dez pessoas entre 20 e 40 anos, em sua maioria moradores da zona centro-oeste da cidade, conversavam sobre assuntos variados. Eu era uma delas. Nos assentos da frente, alguns falavam em francês. No fundo outros descreviam imagens da Coreia do Norte que viram em um filme do Herzog. No meio da van alguém se surpreendeu ao saber que Pyongyang ficava entre Pequim e Tóquio. Na

On the 19th Nissan of 5777 of the jewish calendar, or april 25th of the year 67 of our era according to the geological scale of time, the Chamber of deputies approved Temer's government labor reform bill. Amongst other points, the reform authorizes women who are pregnant or breastfeeding to work in unhealthy environments. In the United States, scientists announced the development of an artificial uterus. In pre-clinic studies using scapegoats, researchers managed to simulate the uterus' environment and the placenta's functions with a plastic bag filled with fluid to avoid the immolation of the lamb.

On that same day in São Paulo, representatives of groups that inhabit Casa do Povo, in New Seoul, close to the Italianos Street, on the way to the Anhaia's Kantutita, cerca de la Plaza Jerusalem, just by the Radical Sports Center, embarked in an incursion to get to know groups and collectives that acted in self-managed ways at Capão Redondo, district of the borough of Campo Limpo, in the South Zone of São Paulo.

The expedition was part of a lab for flexible structures, financed by the bank of the orange bike, one of the biggest benefactors of the Federal Tax Break Law for Cultural Incentive. In the van, about ten people between 20 and 40 years, in their majority residents of the central-east-zone of the city, talked about a variety of subjects. Eu was one of them. On the front seats, some spoke in French. On the back others described images of North Korea that they saw in a Herzog film. In the middle of the van someone was surprised to find out that Pyongyang was located between Beijing and Tokyo. At Berrini, they saw the bling building of another sponsor of the House, a sanitation company on the border of a dying

Berrini, avistaram o prédio ostentação de um outro patrocinador da Casa, uma companhia de saneamento na beira de um rio quase morto. No Campo Limpo, muito depois do Jardim Cordeiro, uma equipe de documentaristas chamados Visionários da Quebrada embarcaram no bonde, trazendo câmeras, microfones e outros equipamentos.

Guiados pelo jovem Thiago Vinicius, organizador de festivais e percursos, conector de mundos, e produtor cultural da Agência Popular Solano Trindade, os visitantes chegaram na casa de Dona Francisca Bezerra. Era uma casa simples, rodeada por um quintal de cimento, na frente do Córrego Pirajussara. A pintura azul da fachada mostrava sinais da água que quando subia, entrava na casa. O rosto da avó de 94 anos que veio da Paraíba há mais de 70 mostrava marcas de tempo e sofrimento, mas ela sorria enquanto o neto declamava um poema no meio dos estranhos emocionados que o rodeavam de mãos dadas enquanto alguém filmava aquele momento tão delicado. Do outro lado do córrego, buracos de bala na parede de um prédio marcavam a violência do dia a dia da Dona Francisca.

Na Sede da Vila Fundão, um espaço construído pela comunidade para abrigar encontros, oficinas e festas, o anfitrião Canu esperava a trupe para o almoço. Ele falava sobre empreendedorismo e economia criativa na periferia enquanto despojava um estilo "gangsta" vestindo peças da última coleção da Vila Fundão Roupas. Na laje com vista pro Capão, a Márcia servia o melhor escabeche de berinjela de todos os tempos, acompanhado de arroz, feijão, beterraba, salada de folhas, chá mate e suco verde com açúcar.

river. In Campo Limpo, way after Jardim Cordeiro, the film crew of Visionários da Quebrada boarded the van, bringing cameras, microphones and other equipment.

Guided by the young Thiago Vinicius, organizer of festivals and routes, connector of worlds, and cultural producer of Agência Popular Solano Trindade, the visitors arrived at Mrs. Francisca Bezerra's house. It was a simple house, surrounded by a paved yard, in front of the Pirajussara creek. The fading blue paint of the facade showed signs of the water that rises and enters the house. The face of the 94 year old grandma that came from Paraíba more than 70 years ago, showed marks of time and suffering, but she smiled while her grandson recited a poem in the middle of the affected strangers holding hands in a circle while someone filmed that delicate moment. On the other side of the creek, bullet holes on the wall marked the everyday violence lived by Mrs. Bezerra.

In the headquarters of Vila Fundão, a space constructed by the community to host meetings, workshops and parties, the host Canu waited on the troupe for lunch. He spoke about creative economy while sporting a "gangsta" style wearing pieces of Vila Fundão Roupas' last collection. On the rooftop with a view of Capão, Márcia served the best marinated eggplant of all time, accompanied by rice, beans, beetroots, green salad, ice tea and green juice with sugar.

Under the midday sun, the visitors digested their lunch under the largest tree of the Cores e Sabores garden, a former wasteland transformed in garden by a community action lead by Paulo Magrão, from Ponto de Cultura Alimentar Capão Cidadão. He told and showed that this garden now yielded

Sob o sol do meio dia, os visitantes digeriam o almoço debaixo da maior árvore da horta Cores e Sabores, um antigo terreno baldio transformado em horta através de uma ação comunitária liderada pelo Paulo Magrão, do Ponto de Cultura Alimentar Capão Cidadão. Ele contava e mostrava que nessa horta agora dava alimento sem veneno, e que ali tinha sarau, canteiro em forma de letra pra alfabetização dos pequenos, que as crianças aprendiam a plantar, colher e comer com os jovens que trabalhavam lá, que o financiamento desses jovens estava ameaçado por cortes orçamentários do governo, e que os mais velhos se reuniam pela manhã para tomar chá de ervas do canteiro e se alongar antes de lidar a terra e a sua autonomia alimentar.

Na pracinha em frente ao portão da horta, quatro rapazes levavam uma dura de PMs truculentos em busca de drogas para um possível enquadramento violento. Suspeitos por serem "quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres", como diria o Caetano, mas os meninos não tinham nenhuma evidência com eles. Em Brasília, mais de três mil indígenas que participavam do 14º Acampamento Terra Livre, tomaram as ruas da Esplanada dos Ministérios reivindicando a demarcação de suas terras. A polícia atacou com bombas de gás, balas de borracha e spray de pimenta. Os indígenas retrucaram com flechas.

Não muito longe da horta, o Thiago pediu permissão para levar os visitantes mais pra dentro da quebrada. Dois homens bem vestidos com espetinhos de churrasco na mão liberaram a entrada dos quase gringos de tão estrangeiros àquilo tudo. Um atrás do outro, foram andando em fila indiana por um corredor com menos de um metro de largura, atravessaram toda a quadra passando quase que por dentro das casas.

food without poison, and that there were spoken word parties, that the garden was shaped with letters for the alphabetization of the small ones, that the children learned to plant, harvest and eat with the youngsters who worked there, that their funding was threatened by government budget cuts, and that the elderly got together in the morning to drink herbal tea from the garden and stretch before working on their land and food autonomy.

In the little square in front of the garden's gate four guys were searched by truculent military policemen looking for drugs for a potentially violent framing. Suspects for being "so poor he's almost black", as Caetano would say, but the guys had nothing on them. In Brasilia, more than three thousand indigenous people that participated in the 14th Acampamento Terra Livre, took the streets of the Ministries Esplanade demanding the demarcation of their lands. The police attacked with tear gas, rubber bullets and pepper spray. The indigenous retorted with arrows.

Not too far from the garden, Thiago asked for permission to bring the visitors deeper inside the slum. Two well dressed men holding BBQ sticks liberated the entrance of those almost gringos so foreign they were to all of that. One after the other, they went walking single-file in an alley that was less than a meter wide, through the whole block passing almost inside the houses.

Right, left, right again and they arrived on a fetid street, dirty of mud with kids running around. In front of the carcass of a car, two girls and a boy, very small of so young they were, twerked to the sound of a funk that went more or less like this: "... I always told this bitch, that the day

Direita, esquerda, direita de novo e chegaram numa rua fétida, suja de lama com a criançada correndo solta. Na frente de uma carcaça de carro, duas meninas e um menino, bem pequenos de tão novinhos, se chacoalhavam ao som de um funk mais ou menos assim: "...sempre dizia praquela filha da puta, dia que negar em casa eu vou procurar na rua...". Quem diria que vinte quatro anos antes, na estrada de Itapecerica, bem pertinho dali, um pênis teria sido encontrado pendurado num fio de alta tensão.

No fim da rua de lama tinha um piscinão cheio de merda, um reservatório seco, que quando chovia enchia e subia até o outro lado da avenida até o teto, até depois da casa do Gamão, um mano grafiteiro que já tinha perdido muita coisa por causa dessa água suja. Agora ele organizava o festival de grafite contra a enchente. O Grafite não segurava a onda da água quando subia, mas levantava a moral de quem tinha perdido tudo, dava um up nas fachadas destruídas e reunia muita gente. Na frente de um Honda pimpado com Jesus, o Gamão explicava que ia grafiteiro do mundo inteiro pro festival, eles ficavam nas casas da galera da própria comunidade; e que no dia do festival, além do grafite, tinha feijoada, samba, rap e o caralho a quatro. A melhor parte é que as iniciativas informais, ou ilegais, que patrocinavam o evento não tinham logo, não queriam subir no palco, e preferiam não revelar o nome.

Do outro lado do bairro, na Avenida Augusto Barborsa, depois de passar por vários consultórios de dentista anunciados por sorrisos flutuantes e letreiros pintados à mão, chegaram no açougue do Silvestre, um dos estabelecimentos que aceitava o Sampaio, uma moeda social criada e regulada

she'll refuse at home I'll look for it on the street...". Who would say that twenty four years earlier, on the Itapecerica road, really close to there, a penis was found hanging on a high voltage wire. At the end of the mud street there was a huge sump full of shit, a dry reservoir, that filled up when it rained and the water went up to the other side of the avenue up to the ceiling, until after Gamão's house, a graffiti artist who had lost a lot of stuff because of this dirty water. Now he organized a graffiti festival against the flood. The graffiti didn't stop the water from rising, but it lifted up the morale of those who had lost everything, it uplifted the destroyed facades and gathered a lot of people. In front of an old Honda pimped with Jesus, Gamão explained that there were graffiti artists coming from all over the world, that they stayed in the houses of people from the community; and that on the day of the festival, aside from graffiti, there was feijoada, samba, rap and a bunch of other stuff. The best part was that the informal, or illegal, initiatives that sponsored the event didn't have logos, didn't want to go up on stage and preferred not to have their names revealed.

On the other side of the neighborhood, at Avenida Augusto Barbosa, after passing by many dental offices announcing with floating smiles and hand painted signs, they arrived at Silvestre's butchershop, one of the establishments that accepted the Sampaio, a social coin created and regulated by the Banco Comunitário União Sampaio. The bills were officially numbered, with security marks and honoured local leaderships like Dandara on the 5 bill, a biologist who fought against sickle cell anemia and who in the year of 1985 founded the Black Cultural Center of Campo Limpo.

pelo Banco Comunitário União Sampaio. As cédulas eram oficiais, numeradas, com marca de segurança e homenageavam lideranças do bairro como a Dandara da nota de 5, uma bióloga que lutou contra a anemia falciforme e que no ano 1985 fundou o Centro de Cultura Negra do Campo Limpo. A cotação do Sampaio em relação ao Real era de um para um. A moeda chegava à população através do banco comunitário. Ao invés de pagar em Reais, o consumidor usava o dinheiro em circulação no bairro, movimentava a economia local, e como a moeda não era aceita em outra comunidade, o morador consumia onde morava; assim o comércio vendia mais, contratava mais, e a região progredia. Principal vantagem é que pequenos empresários do bairro podiam emprestar Sampaios sem juros.

Não muito longe dali tinha uma casa com biblioteca, cozinha grande com fogão industrial, estúdio de gravação de áudio e vídeo cheio de equipamentos, quintal, laje com churrasqueira e muito axé. Era a Casa das Herdeiras de Aqualtune onde os visitantes eram recebidos um por um com abraços deliciosamente apertados de uma linda mulher chamada Amanda Negrasim. Enquanto os visitantes tomavam café e comiam biscoitos, a Amanda contava da sua época na ocupação da Prestes Maia, do retorno ao Capão, do disco que gravou, da viagem que ia fazer pra Angola, e da transformação da sua casa que hoje acolhia e compartilhava recursos com artistas, famílias, e coletivos das favelas e periferias de São Paulo e do Mundo.

Saindo de lá, o grupo seguiu para uma pracinha não muito distante onde uma grande árvore cobria um pequeno gramado. Provavelmente o lugar mais agradável que existia no meio daquela pai-

The quotation of the Sampaio in relation to the Real was one to one. The coin arrived at the population through the community bank. Instead of taking Reais, the consumer used the money in circulation in their neighborhood, moving the local economy, and since the coin was not accepted in other communities, the resident consumed where he or she lived; them there was more commerce, more hiring and more progress in the region. Main advantage is that small businesses in the neighborhood could borrow Sampaios without interest.

Not too far from there there was a house with a library, and big kitchen with an industrial oven, audio and vídeo studios full of equipment, yard, rooftop with BBQ and a great vibe. It was the house of the Herdeiras de Aqualtune where visitors were received one by one with Amanda Negrasim with deliciously tight hugs. While the visitors had coffee and cookies, Amanda told about her times at Prestes Maia squat, of her return to Capão, the album she recorded, the trip she was going to make to Angola, and the transformations of the house that today was open to receive and share resources with artists, families and collectives from the slums and peripheries of São Paulo and the world.

From there the group went to a square not too far where the canopy of a great three covered a small patch of grass. Probably the most pleasant place that existed in the middle of that arid landscape. On the corner, a great awning covered many tables of a packed bar, there was people everywhere on the bar, the sidewalk, the street and the square. It was Tuesday, day of Cooperifa at Zé Batidão's bar. Amongst beers, sheperd pies, and pickled quail's eggs with onions, men and women of all

sagem tão árida. Na esquina, um grande toldo cobria várias mesas de um boteco lotado, tinha gente saindo pelo ladrão, na calçada, na rua e na praça. Era terça-feira, dia de Cooperifa no bar do Zé Batidão. Entre cervejas, escondidinhos e conservas de cebola com ovo de codorna, homens e mulheres de todas as idades declamavam poemas, sonetos, rimas, versos, repentes e gritos de guerra. Alguns amadores, outros profissionais. Uns MCs outros repentistas. Uns quase ingênuos, outros quase ativistas. A situação mesclava o ambiente de boteco, com um entusiasmo que parecia de jogo de futebol, uma organização mezzo sindical, e um cuidado pelo humano exposto ao microfone através do silêncio como prece independente do que dissesse. O Povo da Casa resistia ao cansaço do dia, orando em silêncio até os últimos versos.

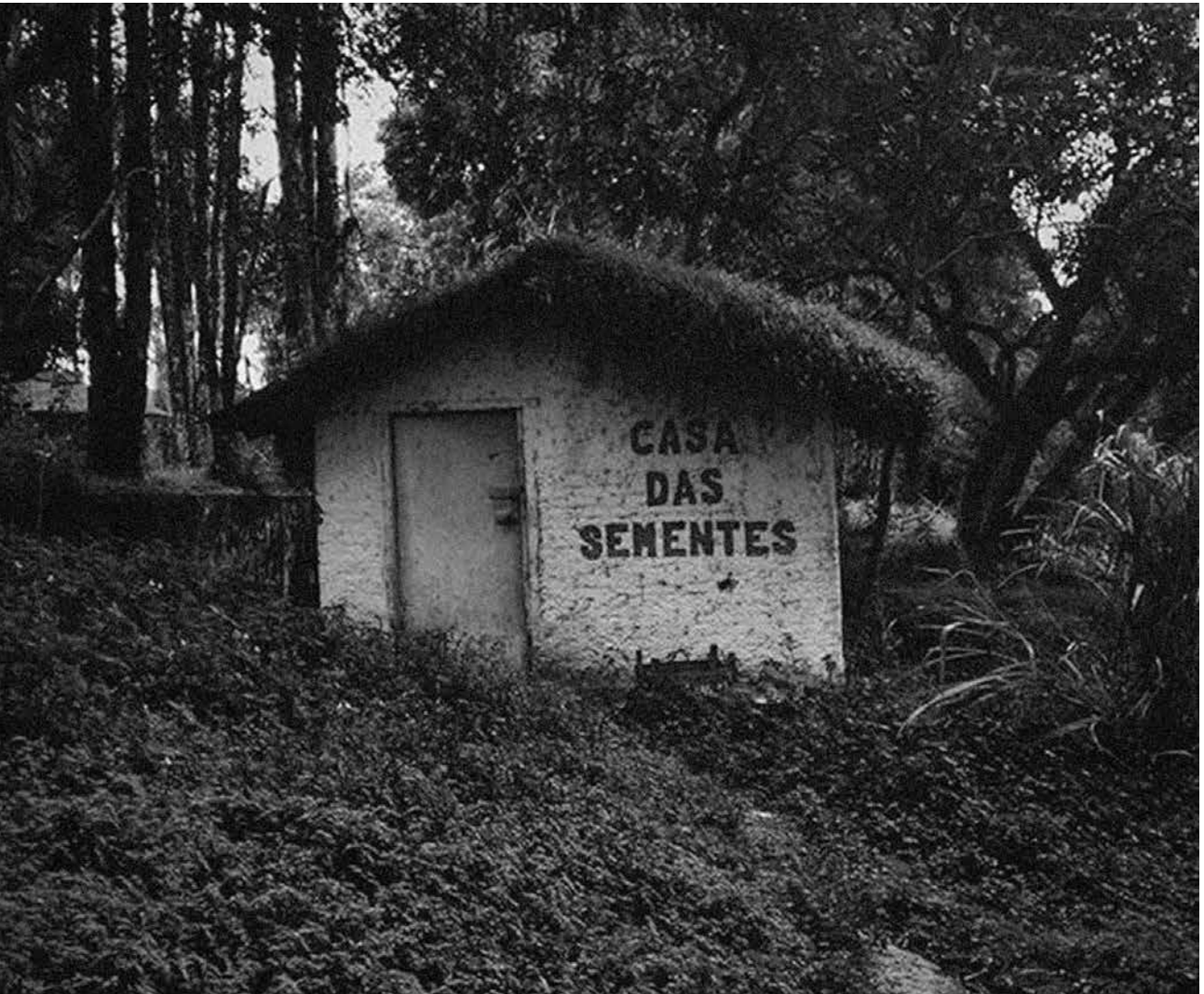
Alguns tinham voltado antes, de carro, outros ficaram até o fim, embriagados. O motorista exausto não quis fazer um detour ao Campos Elíseos onde a maioria dos passageiros morava. Depois de mil anos, finalmente voltaram à Casa do Povo. Elas comemoravam a vitória e o retorno ao bom retiro prometido. O Edson que dormia ali na porta pediu um dinheiro pra voltar pra Bahia, uma delas conversou e desconversou, os outros fingiram que não viram. Até hoje ninguém lembra do nome do motorista da van.

ages recited poems, sonnets, rimes, verses, spoken words and battle cries. Some were amateur, others were professionals. Some were rappers, others were more old school MCs. Some were somewhat naif, others were almost activists. The situation mashed up the bar environment, with the enthusiasm of a sports game, a mezzo syndicalist organization, and a caring for the human exposed on the microphone by the practice of silence as a prayer independently of what was being said. The Povo da Casa resisted the tiredness of the day, silently praying until the last verse.

Some had returned earlier, by car, others stayed until the end, inebriated. The exhausted driver didn't want to make a detour to Campos Elíseos where the majority of the passengers lived. After a thousand years, they were finally dropped off at Casa do Povo. They celebrated the victory and the return to the promised Bom Retiro. Edson who slept at the door asked for some money to go back to Bahia, one of them chatted then evaded, the other pretended not to see. Until today no one remembers the name of the driver of the van.

BOVINOS
FILE MIGNON
CONTRA FILE
PICANHA
ALCATRA
MAMINHA
CHULETA
COXÃO MOLE
COXÃO DURO
PATINHO
LAGARTO
FRALDINHA
CAPA DE FILE
ACEM
BRACO
MUSCULO
CUPIM
PONTA DE AGULHA
PEITO
PALETA
CARNE MOIDA DE 1ª
CARNE MOIDA DE 2ª
COMBO
COMBO TEMP
BISTECA
COSTELINHA
PERNIL
PALETA
BARRIGA
TOUCINHO
AVES
FRANGO
FILE DE PEITO
COXA C/ SOBRECOXA
ASA
COXINHA DA ASA
GALINHA
CARNE DE SOL
BACON
QUEIJO FRESCAL
QUEIJO MINAS
MASSA P/ PASTEL
SALSICHA POT.

2.2 Bruno Levorin



Esse texto aborda duas experiências:

Uma pequena reflexão de um artista da dança que vive em 2017 na cidade de São Paulo e, ao perceber que está tomado por uma crise junto de seus parceiros de trabalho e classe artística, se orienta por um longo espectro de sensações, escolhendo tratar especificamente uma com mais atenção: o pessimismo diante dos últimos acontecimentos micro e macropolíticos que persegue o desmantelamento de conquistas culturais e sociais no campo político institucional;

A ida de um grupo de pessoas habitantes da Casa do Povo à Escola Nacional Florestan Fernandes, lugar e território de resistência que visualiza e promove esperanças junto da vida em comunidade.

Não há nenhuma intenção em gerar uma comparação entre essas experiências. A intenção desse relato é, justamente, expor duas perspectivas capazes de instaurar reflexões, imagens e possíveis contra-narrativas e fluxos.

Crise e Insurreição. Essas palavras são convocadas para dar corpo aos nossos amigos do comitê invisível.

E há vontade de corporificá-los.

Assim, sigo...

This text deals with two different experiences:

A small reflection by a dance artist living in São Paulo in 2017 who sees himself, along with his peers and the artistic class, thrown into a crisis, guided by a wide spectrum of feelings, and decides to dedicate himself with particular attention to pessimism, faced with recent micro and macropolitical events that pursue the dismantling of social and cultural achievements in the institutional political field;

A group of Casa do Povo's inhabitants who went to the Escola Nacional Florestan Fernandes (Florestan Fernandes National School), a place and territory of resistance that visualizes and creates hope alongside life in a community.

There is no intention of generating a comparison between these experiences. This account's intention is, precisely, to expose two perspectives capable of ushering in reflexions, images and possible counter-narratives and fluxes.

Crisis and insurrection. These words are summoned to give a body to our friends in the invisible committee.

And there is a desire to corporify them.

Thus, I go on...

1. Crise

Todos nós conhecemos os desafios de viver em comunidade. Não é fácil perceber quais são as forças necessárias para alcançarmos os princípios éticos que nos alimentem e nos mantenham vivos no embate contra o pessimismo, a propriedade, a violência. O pessimismo (algo que venho observando com atenção) é um signo que aparece com maior força nos últimos tempos, sendo o resultado dos últimos acontecimentos macropolíticos do país. Entretanto, neste momento, também o percebo como resultado daquilo que mais precisamos desdobrar. O pessimismo é um movimento soberano, é um pensamento que antecede os resultados e de onde não é possível retirar nenhum tipo de surpresa. Sua forma de pensar se limita ao entendimento de um mundo cíclico ou, como diz o coreógrafo espanhol Diego Agulló, se caracteriza por uma série de profecias do negativo. Em tempos nos quais vivemos um derrame político, alimentar-se de um discurso que imuniza qualquer tipo de afecção transformadora, me parece um caminho gerador de pouca complexidade.

É necessário pontuar que a resposta ao pessimismo não é o otimismo, ou crer de forma ingênua que tudo está correndo bem. Se faz necessário traçar um espectro maior entre esses dois conceitos e encontrar um gesto outro que possa libertar o pessimismo da sua alta imunidade, jorrando os ressentimentos para fora e disparando as vontades para fortalecer o aparecimento de mais práticas conjuntas de contaminação. Afinal, é rara uma vida que não foi sequestrada pelas perversões tempo-espaciais, o que torna o desejo uma neurótica coreografia do consumo.

1. Crisis

We all know the challenges of living in a community. It is not easy to notice and build the necessary forces to establish ethical principles that can feed us in order to stay alive in our face-off against pessimism, property and violence... Pessimism, something that I've been carefully observing, a sign that has become increasingly potent in recent times, being a result of recent macropolitical events in the country, but, as I also see it, resultant, it seems like what we most need to unfold. Pessimism is a sovereign movement, a thought that precedes the results and from which no surprises can be taken. Its way of thinking is limited to the understanding of a cyclical world, or, as the Spanish choreographer Diego Agulló put it, is characterized by a series of prophecies of the negative. In times of political stroke, feeding off of a discourse that renders innocuous any sort of transformative affection seems to me a path of little complexity.

It is necessary to state that the answer to pessimism is not optimism, nor naively believing that everything is alright. It is necessary to trace a wider spectrum between these two concepts and find an other gesture that can release pessimism from its high immunity, spewing resentments outward and setting off the will to strengthen the appearance of more conjoined practices of contamination. After all, a life that has not yet been sequestered by spatio-temporal perversions is rare, making desire a neurotic choreography of consumption.

Vida é coisa, ideia, lugar, bicho, pessoa, conceito, murmúrio, constelação, relação, matéria, matérias, diferentes densidades e topografias em estado de conversa infinita sob baixa imunidade.

2. Insurreição

Do ônibus que nos levava, vejo uma casa pequena no meio do campo, a qual responde pelo nome de Casa das Sementes – nomear é invocar. Essa é a paisagem que guardo com maior clareza da Escola Nacional Florestan Fernandes, localizada na cidade de Guararema, em São Paulo. A imagem de uma pequena casa cheia de vida e rodeada por uma floresta.

Assim conduzo meu relato sobre minha visita à Escola, partindo dessa casa de teto verde, dessa paisagem que torce perspectivas.

Reaprender a acordar, reaprender a cozinhar, reaprender a estudar, reaprender a conviver, reaprender a dormir, reaprender a sonhar. Como desenhar uma terra onde a vida está em primeiro plano, onde fazer viver é gesto? Assim Florestan aparece corporificada aqui:

Uma pessoa que nos recebe no campo, um percurso até o refeitório, uma exposição sobre o aniversário de uma revolução, o rosto de um guerrilheiro que convoca esperança estampado em uma das paredes, uma foto de uma anarquista lituana, um prato de comida, um café com açúcar ou um chá sem açúcar, um tempo para a digestão, uma conversa sobre o encantamento, um cigarro, um cigarro com uma pessoa do Rio Grande do Sul, um tempo para falar sobre São Paulo, uma caminhada para o auditório, uma apresentação coletiva, um vídeo sobre o Movimento dos Trabalhadores sem

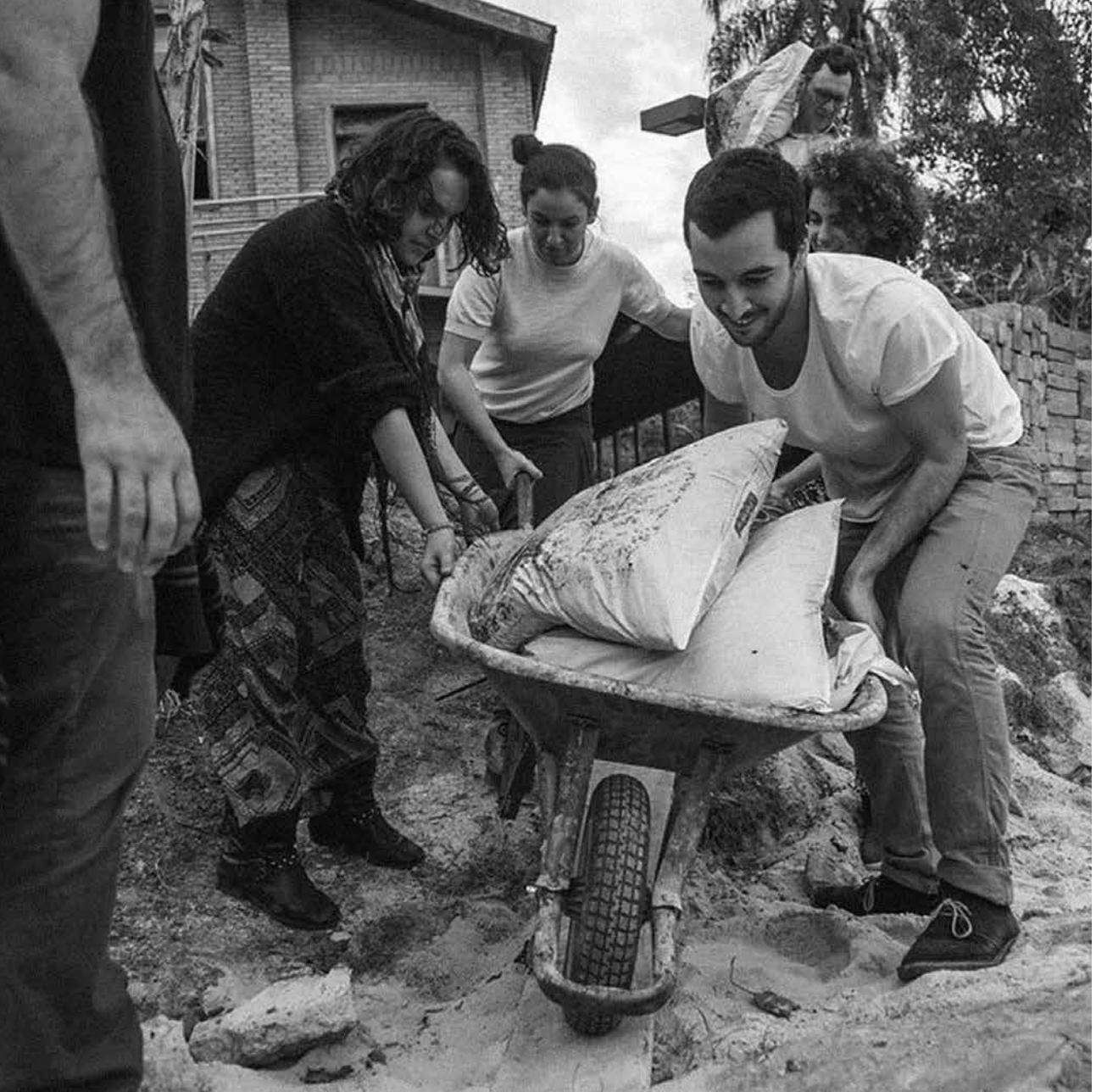
Life is thing, idea, place, animal, person, concept, murmur, constellation, relation, matter, matters, different densities and topographies in a state of infinite conversation under low immunity.

2. Insurrection

From the bus that is taking us I see a small house in the middle of a field, answering by the name of seed house. Naming is summoning. This is the landscape that I remember most clearly from Escola Nacional Florestan Fernandes, located in Guararema, São Paulo. A small house, surrounded by a forest and full of life.

And so I continue my account of my visit to the school, leaving from this green-roofed house, from this landscape that twists perspectives. Relearn to wake up, relearn to cook, relearn to study, relearn to live together, relearn to sleep, relearn to dream. How to draw a land where life is in the foreground, where to live as gesture? So Florestan appears embodied here:

A person who greets us in the field, a route to the cafeteria, an exhibition on the anniversary of a revolution, the face of a guerrilla who calls for hope on one of the walls, a photo of a Lithuanian anarchist, a plate of food, coffee with sugar or tea without sugar, a time for digestion, a conversation about enchantment, a cigarette, a cigarette with a person from Rio Grande do Sul, a time to talk about São Paulo, a walk to the auditorium, a collective presentation, a video on the Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, a strange emotion, a walk to know where the people who study and live there live, a place called Frida Kahlo, where artistic knowledge



Terra, uma emoção estranha, uma caminhada para conhecer onde dormem as pessoas que ali estudam e vivem, um lugar chamado Frida Kahlo, onde se produz conhecimento artístico, uma serigrafia que incita o direito à vida digna, um café sem açúcar, um pedaço de bolo formigueiro feito com farinha produzida em área ocupada, uma pausa para olhar o que existe em torno de nós, um tempo para conhecer aquelas pessoas que já pareciam ser conhecidas, um levante, um passeio até uma horta, um túmulo, uma homenagem a uma das pessoas que pensaram a agricultura sustentável e orgânica no Brasil, um espírito que protege a horta, uma quadra de futebol, um vizinho, uma piscina para os dias de calor intenso junto da vizinhança, um lugar para as crianças imaginarem, um projeto de campo de futebol, um campo de futebol que irá se chamar Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, um tapete de grama, outro tapete de grama, uma mão que carrega um tapete de grama que se desmancha, outro tapete de grama, outra mão que carrega parte de um tapete de grama, um campo de futebol chamado Sócrates sendo construído por muitas mãos com tapetes de grama, um trabalho em equipe, um cachorro que nos ajuda a perceber o quanto é divertido estar ali, um primeiro fim, um momento para descansar, uma partida de futebol, uma bola que se perde na escuridão após um gol que não foi feito, um cansaço momentâneo, um boteco socialista, uma cerveja, uma música do Rincon Sapiência, uma apresentação da ColetivA Ocupação, uma insurreição, uma emoção por estar presente, um princípio de tristeza, um término, uma volta, uma noite, uma casa pequena no meio do campo que responde pelo nome de Casa das Sementes, uma mensagem: internacionalizar a luta, internacionalizar a esperança, um muito obrigado à Escola Nacional Florestan Fernandes.

is produced, a silkscreen that incites the right to a dignified life, coffee without sugar, a piece of cake made with flour produced in a busy area, a pause to look at what is around us, a time to meet those people who already seemed to be known, an uprising, a walk to a vegetable garden, a tomb, a tribute to one of the people who thought about sustainable and organic agriculture in Brazil, a spirit that protects the garden, a soccer field, a neighbor, a pool for days of intense heat in the neighborhood, a place for children to imagine, a soccer field project , a soccer field that will be called Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, a grass rug, another grass rug, a hand carrying a carpet of grass that is cut, another hand that carries part of a grass carpet, a soccer field called Socrates being built by many hands with grass carpets, teamwork, a dog that helps us realize how much fun it is to be there, a first goal, a moment to rest, a football match, a ball that gets lost in the dark after a goal that was not scored, a momentary weariness, a socialist boteco, a beer, a song by Rincon Sapiência, a presentation by ColetivA Occupation, an insurrection, emotion in being present, the beginning of a sadness, an end, a turn, a night, a small house in the middle of the field that answers by the name of seed house, a message: internationalize the struggle, internationalize hope, a big thank you to the Florestan Fernandes National School.

Kadija de Paula

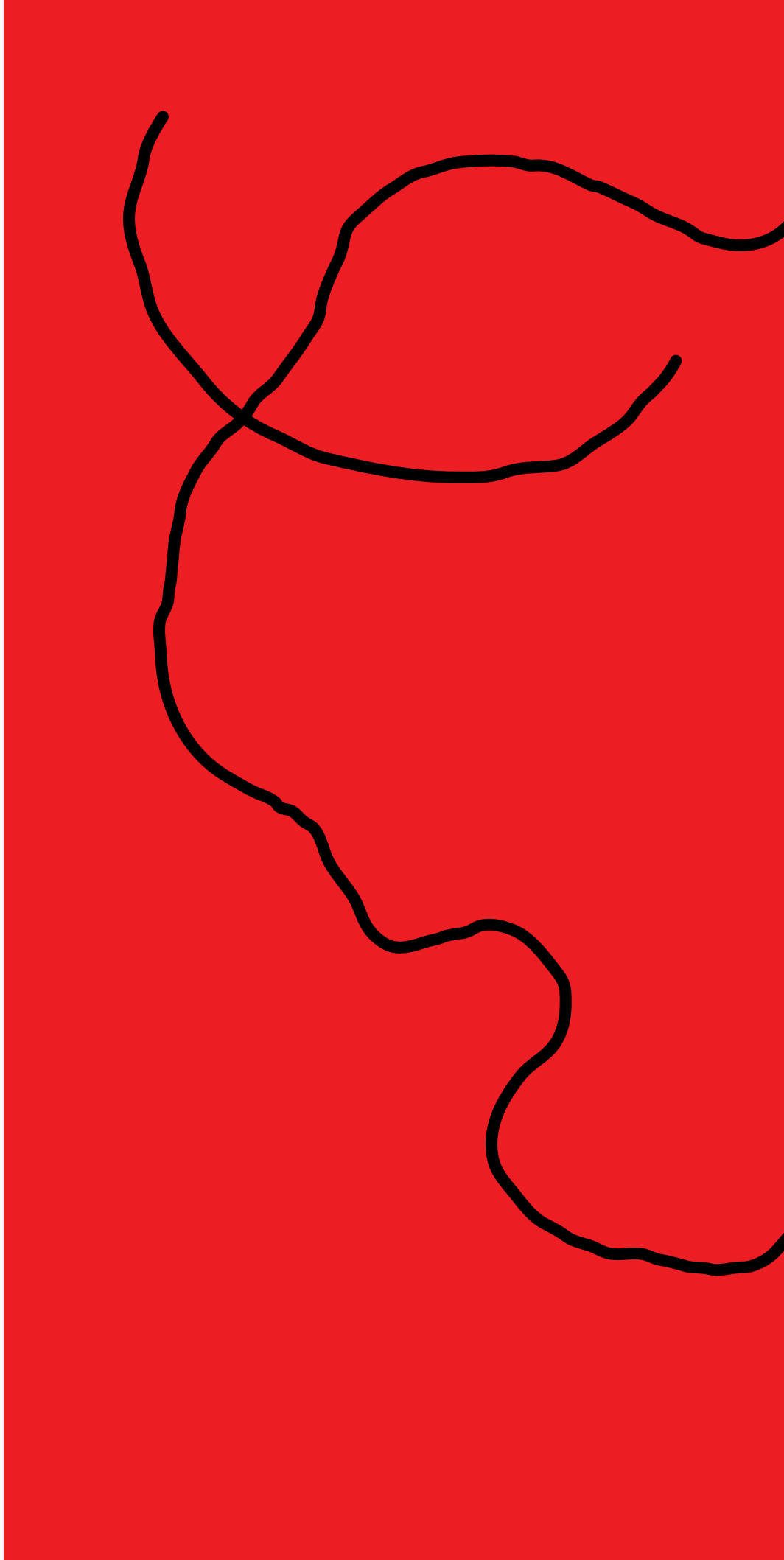
É artista e digestora. Mestre em Gestão Cultural e Relações Internacionais pela Schulich School of Business da York University, e Bacharel em Artes Visuais pela OCAD University. Pratica o ativismo micropolítico, e pesquisa a autogestão e o trabalho invisível. Foi facilitadora e mediadora das residencias_en_red [iberoamérica]; consultora de Artes Visuais da Unesco; masseira da pizzaria Ferro & Farinha; chef residente do CAPACETE; atualmente ativa o espaço da Metacozinha da Casa do Povo com o PF [PRATO FEITO | PRETTY FAIR | PROPER FUEL], o Encontro de Marmitas, entre outros projetos.

Artist and digester. With a Master's degree in Cultural Management and International Relations from the Schulich School of Business at York University, and a Bachelor's degree in Visual Arts from OCAD University, she practices micropolitical activism, and researches self-management and invisible work. She was facilitator and mediator at residencias_en_red [iberoamérica]; Visual Arts consultant at Unesco; pizza-maker at Iron & Flour; resident CAPACETE chef; currently activating the Metacozinha space at Casa do Povo with the PF [PRATO FEITO PRETTY FAIR PROPER FUEL], the Encontro de Marmitas, among other projects.

Bruno Levorin

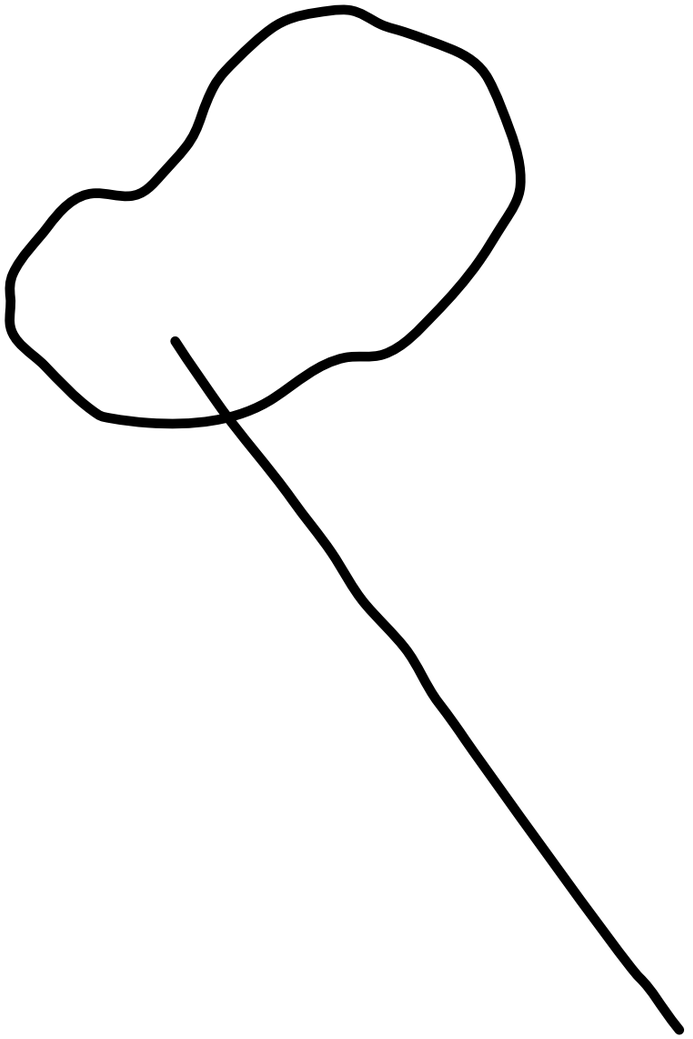
Bruno Levorin é membro do núcleo operacional de residência artística *Lote* e diretor do campo de pesquisa *Dizer Fazer*. Atualmente trabalha como coreógrafo e dramaturgista.

Bruno Levorin is a member of the operational nucleus of the *Lote* artistic residency and director of the field of research *Dizer Fazer*. Currently working in dramaturgy and choreography.



Residência de pesquisa para coletivos

Research Residency For Collectives



Introdução

Introduction

A *Residência para Coletivos* acontece anualmente na Casa do Povo desde 2015 e é voltada para coletivos, grupos de estudos, movimentos, companhias, conselhos, associações ou qualquer forma de agenciamento que desenvolva propostas de forma coletiva sem a necessidade de resultados finais, reforçando assim o caráter processual dessas práticas. Dessa forma, o projeto nasceu com o desejo de apoiar o trabalho coletivo no campo ampliado da cultura, ao passo que resiste abertamente a um contexto que privilegia sempre os talentos individuais (especialmente pelo mercado artístico das artes visuais) e que, logo, desmonta as condições de possibilidade do surgimento do comum.

Em 2017, no contexto do *Laboratório para Estruturas Flexíveis*, esta residência passou a ganhar um foco específico: o aprimoramento de ferramentas de gestão e a reflexão sobre os modelos de organização internos aos grupos e coletivos. Assim, trata-se de um período de imersão para que essas iniciativas mergulhem sobre si mesmas, usando os recursos oferecidos para repensar suas estruturas, suas práticas e seus modos de funcionamento.

Recebemos 132 propostas ligadas aos mais diversos campos de atuação, de coletivos de arquitetos e grupos relacionados a causas ambientais até iniciativas na área da saúde, associações de comunidades de imigrantes e etc. Entre tantos potentes agenciamentos coletivos vindos de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Bahia, Sergipe, Rio Grande do Norte, Piauí e Acre, foram selecionados dois: o Coletivo Transformação (São Paulo) e o data_labe (Rio de Janeiro).

Baseado nas ideias de educação popular, expressão cultural e ativismo de gênero, o Coletivo Transformação desenvolve um trabalho com a população T (travestis, mulheres transexuais, homens transexuais e pessoas não binárias) na cidade de São Paulo. O coletivo atua em dois eixos complementares: o Cursinho Popular Transformação e o TRANSarau. O Cursinho é um espaço de educação gratuito preparatório para as provas que dão acesso ao Ensino Superior, enquanto o TRANSarau manifesta uma dimensão mais artística para dar espaço à visibilidade e emancipação da população T.

The *Collectives Residence* is held annually at Casa do Povo since 2015 and is aimed at collectives, study groups, movements, companies, councils, associations or any form of agency that develops proposals collectively without the need for final results, thus reinforcing the procedural nature of these practices. Thus, the project was born with the desire to support collective work in the broader field of culture, while openly resisting a context that always privileges individual talents (especially the art market of the visual arts) and then dismantles the conditions of possibility for the emergence of the common.

In 2017, in the context of the *Laboratory for Flexible Structures*, this residence gained a specific focus: the improvement of management tools and the reflection on the organizational models internal to groups and collectives. Thus, it is a period for these initiatives to immerse themselves in, using the resources offered to rethink their structures, practices and modes of operation.

We received 132 proposals related to the most diverse fields of action, from architects' groups and groups related to environmental causes to health initiatives, immigrant community associations, etc. Among so many powerful collective assemblages from São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Bahia, Sergipe, Rio Grande do Norte, Piauí and Acre, two were selected: Transformação Collective (São Paulo) and data_labe (Rio de Janeiro).

Based on ideas of popular education, cultural expression and gender activism, Transformação Collective carries out work with the T population (transgender, transsexual women, transsexual men and nonbinary people) in the city of São Paulo. The collective acts in two complementary axes: the Cursinho Popular Transformação and TRANSarau. The Cursinho is free education space preparatory to the tests that give access to Higher Education, while TRANSarau manifests a more artistic providing space for T emancipation and visibility.

With headquarters in the Maré favela in Rio de Janeiro, data_labe is, in turn, a data laboratory that has projects centered on the imagery constructed around the peripheries and their inhabitants. The work team, composed of res-

Sediado na favela da Maré, no Rio de Janeiro, o data_labe é, por sua vez, um laboratório de dados que possui projetos centrados no imaginário construído sobre as periferias e seus habitantes. A equipe de trabalho, composta por moradores de territórios populares, busca produzir novas narrativas por meio do monitoramento e da geração cidadã de dados. Assim o projeto cria materiais de pesquisa, podcasts, mapeamentos e conteúdos que funcionam como veículos autônomos de comunicação na cidade.

A seleção dessas duas propostas foi guiada por algumas premissas que nos parecem fundamentais no contexto do *Laboratório para Estruturas Flexíveis*: (1) os dois coletivos buscam fomentar modos de funcionamento autônomos e ferramentas de gestão que implementam novas estratégias de auto-organização; (2) ambos articulam de forma efetiva uma auto-organização e rede de pessoas, ou rede de iniciativas; (3) são coletivos que possuem integrantes simultaneamente na posição de sujeito e objeto de sua iniciativa, não separando agente propositor de objeto de estudo; (4) são grupos com práticas políticas de engajamento; (5) os dois têm capacidade de trabalhar de forma multi ou transdisciplinar; (6) e intervêm em questões urgentes do contexto atual.

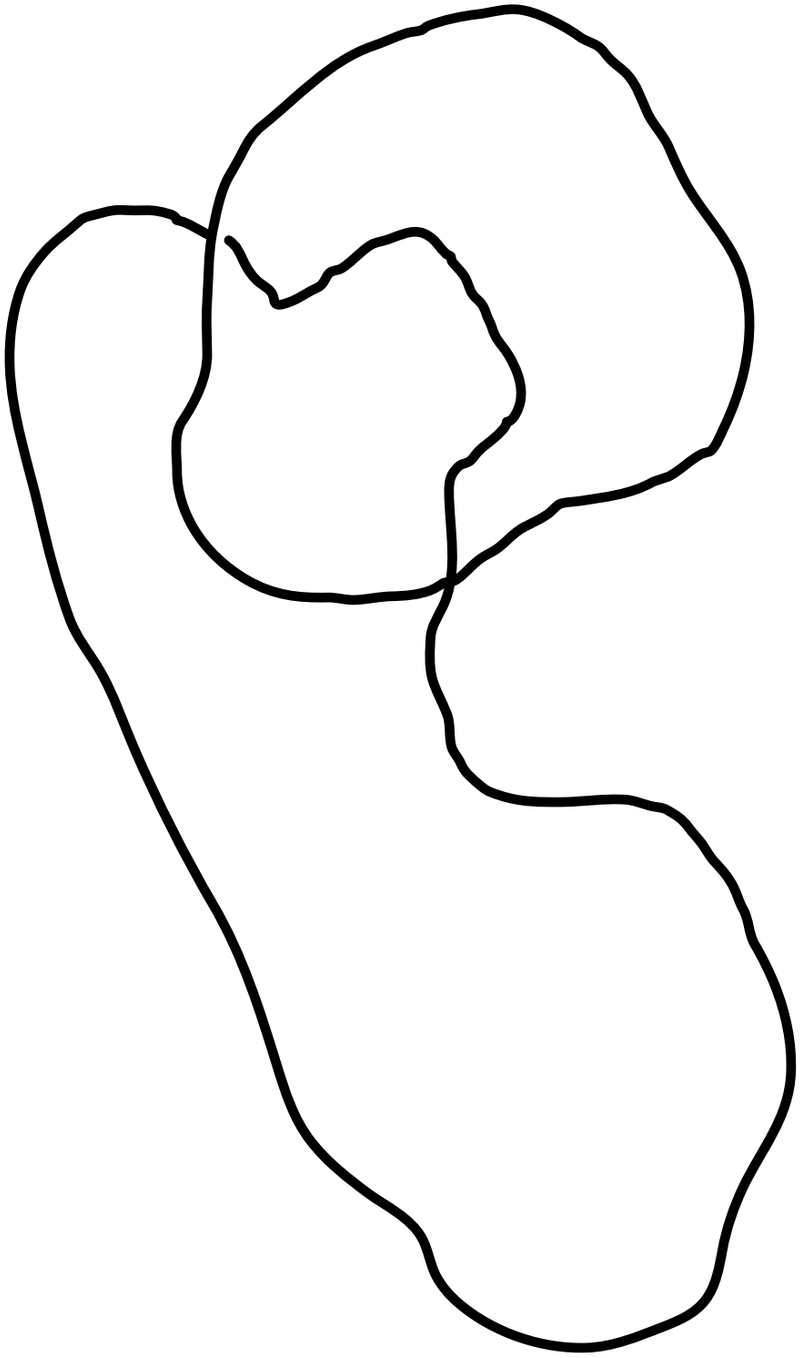
Os textos a seguir foram produzidos pelo Coletivo Transformação e pelo data_labe, cujas reflexões acerca de suas práticas estão sempre atreladas à contextos mais amplos e complexos, sobre os quais eles se debruçam e atuam. O interesse dessas narrativas não é somente notar o impossível descolamento entre vida diária e questões políticas, sociais, econômicas e culturais, mas principalmente deparar-se com a invenção de ferramentas, a busca por outros formatos de organização, formulações de novas questões e a criação de novas pautas e resultados palpáveis, sempre em possíveis processos de transformação propostos por esses coletivos.

idents of low-income territories, seeks to produce new narratives through citizen monitoring and data production. Thus the project creates research materials, podcasts, mappings and content that function as autonomous communication vehicles in the city.

The selection of these two proposals was guided by a few assumptions that seem fundamental to us in the context of the *Laboratory for Flexible Structures*: (1) the two groups seek to foster autonomous modes of operation and management tools that implement new strategies of self-organization; (2) both effectively articulate a self-organization and network of people, or network of initiatives; (3) are collectives that have members of their initiative in positions of subject and object simultaneously, not separating a proposing agent from an object of study; (4) are groups with political engagement practices; (5) the two have capacity to work in a multi or transdisciplinary way; (6) and intervene on urgent issues in the current context.

The following texts were produced by Coletivo Transformação and data_labe, whose reflections on their practices are always linked to the broader and more complex contexts on which they focus and act. The interest of these narratives lies not only in noting the impossible detachment between daily life and political, social, economic and cultural issues, but rather to encounter the invention of tools, the search for other forms of organization, formulations of new issues and the creation of new guidelines and tangible results, always in the possible processes of transformation proposed by these collectives.

[redacted]



3.1 Coletivo Transformação

Self-management in Constructing Capacities: Generating Equality to Generate Resilience

Autogestão na construção de capacidades: gerando equidade para gerar resiliência

Desde 2015, o Coletivo Transformação constrói um projeto de educação empoderadora e de expressão cultural para travestis, mulheres transexuais, homens trans e pessoas não binárias (ou, simplesmente, pessoas T), em São Paulo. O objetivo é oferecer a essa população condições alicerçadas numa perspectiva crítica e aliadas aos movimentos sociais para a sua emancipação e inserção social.

Em julho de 2017, fomos contemplados pela Residência de Pesquisa para Coletivos como parte do Laboratório para Estruturas Flexíveis.

Since 2015, Coletivo Transformação has built a project of empowering education and cultural expression for transexual, transgender women, trans men, and nonbinary people (or simply T people) in São Paulo. The objective is providing this population with conditions built upon a critical perspective and alignment with social movements for their social emancipation and insertion.

In July 2017, we were contemplated with the Research Residency as part of the Laboratório Para Estruturas Flexíveis.

Como chegamos até aqui?

Nosso coletivo busca subverter a lógica de uma educação padronizada que afasta de seus espaços as expressões artísticas dissidentes e expulsa subjetividades, expressões de gênero e sexualidades fora dos padrões. O entrelaçamento entre cultura e educação é o caminho que elegemos para fazer dessas diferenças o ponto de partida para a riqueza de experiências e produção de ferramentas que fomentem a emancipação de grupos oprimidos.

How Did We Get Here?

Our collective seeks to subvert the logic of a standardized education that removes from its spaces the dissident artistic expressions and expels subjectivities, gender expressions and non-standard sexualities. The intertwining of culture and education is the path we have chosen to make these differences the starting point for the wealth of experience and the production of tools that foster the emancipation of oppressed groups.

Cursinho Popular Transformação

Em janeiro de 2015, identificando o acesso à educação como um dos principais obstáculos à inserção social de pessoas T, um grupo de ativistas trans e cis decidiu empenhar esforços na construção de um espaço de educação popular que fosse feito a partir da realidade desta população, colocando-a no centro de um projeto potente de transformação da realidade. Foi assim que em agosto de 2015 inauguramos o Cursinho Popular Transformação, espaço não formal de educação popular gratuito, direcionado à população T. O Cursinho já alcançou mais de 100 pessoas ao longo de seus quatro semestres letivos e hoje mantém uma turma de 25 educandos.

Através de parcerias institucionais, renda obtida de festas e venda de livros, fornecemos lanches e vales-

Cursinho Popular[1] Transformação

In January 2015, while identifying access to education as one of the main obstacles to the social integration of T people, a group of trans and cis activists decided to make efforts in the construction of a space of popular education that was made from the reality of this population, putting it at the center of a powerful project of transforming reality. Thus, in August of 2015 we inaugurated the Cursinho Popular Transformação, a non-formal space of free popular education directed to the T population. The Cursinho has already reached more

1. Translator's Note: In Brazil, "cursinhos" are preparatory courses for entering into the country's universities. Given the country's a highly unequal education distribution, these are usually expensive courses only available to a restricted portion of society; this, allied with public universities' elitist admittance policy make for a particularly complicated scenario. Cursinhos "populares" are important attempts at making higher education accessible to all.

transporte para todos os estudantes, sendo um apoio fundamental para a permanência de pessoas T nos espaços de educação.

Neste ano de 2017, as aulas até então ministradas no CRD (Centro de Referência e Defesa da Diversidade) passaram a ser realizadas na Ação Educativa, entidade parceira que também apoia o trabalho com acompanhamento pedagógico em seu departamento de EJA (Educação de Jovens e Adultos). As aulas acontecem de segunda a quinta-feira no período da noite e são complementadas por atividades extracurriculares e reforços no período da tarde.

A grade curricular do Cursinho é baseada na prova do ENEM. Para atender os parâmetros da prova e promover a transversalidade em sala de aula, as áreas do conhecimento são organizadas em quatro círculos interdisciplinares: Linguagens, Humanidades, Natureza e Exatas.

TRANSarau

Em dezembro de 2015, demos um passo que se tornaria estruturante para nosso coletivo. Para comemorar a conclusão do primeiro semestre letivo, decidimos montar um sarau improvisado – o TRANSarau – na Praça Roosevelt, em São Paulo. Ali, passamos a entender que a expressão cultural é um elemento inseparável do projeto de educação popular e fundamental para a real emancipação de pessoas T. Hoje, o TRANSarau já alcançou nove edições itinerantes e, em cada uma, reuniu uma média de 150 a 450 pessoas.

Produzido por educandos, coordenadores e professores do coletivo, esse projeto abriu um espaço importante na cena paulistana para a manifestação artística da população LGB e, principalmente, T. Pelos microfones do TRANSarau, já passaram nomes como Assucena Assucena (da banda "As Bahias e a Cozinha Mineira"), Linn da Quebrada, Danna Lisboa e Liniker. O evento já ocupou espaços como a Casa das Rosas, o Largo do Arouche e os SESCs Belezinho e Santo Amaro.

than 100 people throughout its four academic semesters and today it maintains a class of 25 students.

Through institutional partnerships, income obtained through parties and book sales, we provide snacks and transportation vouchers for all students, being a fundamental support for the permanence of T people in education spaces.

In this year 2017, classes taught at CRD (Center for Reference and Defense of Diversity) will be held at Ação Educativa, a partner entity that also supports the work with pedagogical accompaniment in its EJA department (Youth and Adult Education). Classes take place Monday through Thursday in the evening and are complemented by extracurricular activities and tutoring in the afternoon.

The Cursinho curriculum is based on the ENEM test. To meet the parameters of the test and promote transversality in the classroom, the areas of knowledge are organized in four interdisciplinary circles: Languages, Humanities, Nature and Exact Sciences

TRANSarau

In December of 2015, we took a step that would become formative for our collective. To celebrate the conclusion of the first semester of school, we decided to set up an improvised soiree - TRANSarau - at Praça Roosevelt[2], in São Paulo. There, we came to understand that cultural expression is an central element in a popular education project and fundamental for people's real emancipation. Today, TRANSarau has already reached nine itinerant editions, gathering 150 to 450 people on average.

2. Translator's Note: A public square in central São Paulo.

Produced by students, coordinators and professors of the collective, this project opened an important space in the São Paulo scene for the LGB, and mainly T population's artistic expression. The microphones at TRANSarau have already been used by names like Assucena Assucena (from "As Bahias e Cozinha Mineira "), Linn da Quebrada, Danna Lisboa and Liniker. The event has already occupied spaces such as Casa das Rosas, Largo do Arouche and SESCs Belezinho and Santo Amaro.

Atividades complementares

Na busca pela autonomia, empoderamento e autoestima da identidade de pessoas T, o coletivo estimulou e desenvolveu diversas atividades ao longo do projeto. Uma delas é a Antologia Trans, publicada em março de 2017, que conta com textos de 30 poetas trans, travestis e não binários, resultantes de dez oficinas de expressão focadas em produção poética e que foram organizadas pelo coletivo por meio do Programa VAI. Como consequência, dois membros do coletivo viajaram para o Rio Grande do Sul, representando o corpo de artistas e artivistas do Transformação no primeiro lançamento da Antologia Trans fora de São Paulo, em parceria com o Festival Morrostock, a Casa Frasca de Cultura e o Cursinho TransENEM de Porto Alegre. A viagem contou com uma edição especial do TRANSarau, uma leitura do livro, uma oficina de poesia e com diálogos ricos sobre o fazer da educação popular para pessoas T.

A festa TRANSarrada também é outro evento acessível e acolhedor que se tornou, nas duas edições realizadas, não só uma das fontes de renda para o coletivo como também um espaço de sociabilização e aprendizado para os educandos em práticas de produção cultural. Por fim, o coletivo promoveu, em parceria com o Museu de Arte de São Paulo (MASP), o "Curso de Introdução à História da Arte: uma colaboração entre educadores do MASP e do Cursinho Popular Transformação". O Curso teve a duração de cinco encontros que totalizaram ao todo cerca de dez horas, objetivando oferecer aulas que associassem o conteúdo dos cursos preparatórios para o ENEM aos saberes da História da Arte.

Additional Activities

In the search for autonomy, empowerment and self-esteem promotion for T identities, our collective stimulated and developed several activities throughout the project. One of them is Trans Anthology, published in March 2017, which features texts from 30 trans, transgender and non-binary poets, resulting from ten workshops focused on poetic production and organized by the collective through the VAI Program. As a consequence, two members of the collective traveled to Rio Grande do Sul, representing the body of artists and artists in Transformation in the first release of Anthology Trans outside of São Paulo, in partnership with the Morrostock Festival, Casa Frasca de Cultura and Cursinho TransENEM in Porto Alegre. The trip featured a special issue of TRANSarau, a reading, a poetry workshop, and valuable dialogue on constructing popular education for T people.

The TRANSarrada party is another accessible and welcoming event that has become, in both editions, not only one of the collective's sources of income, but also an area for students' socializing and learning in cultural production practices. Finally, the collective promoted, in partnership with the Museum of Art of São Paulo (MASP), the "Introduction Course to Art-History: a collaboration between MASP educators and the Transformation Cursinho Popular ". The course lasted five meetings that totaled around ten hours, aiming to offer classes that associated the content of the preparatory courses for the ENEM with Art-History knowledge.

O que a autogestão tem a ver como tudo isso?

Ao longo do tempo, o Coletivo Transformação desenvolveu uma inserção singular no campo pedagógico: calcado nos princípios da educação popular e na pesquisa constante sobre os métodos pedagógicos da EJA (Educação de Jovens e Adultos), porém sob o tensionamento saudável de renovar esses dois pilares de modo alinhado às vivências e necessidades da população T. Nesse movimento, naturalmente nossas interfaces se multiplicam com atores externos, tanto no contexto de parcerias institucionais quanto na chave da colaboração informal entre pares de um determinado campo de atuação. Além disso, o coletivo desenvolve uma plataforma cultural que dialoga permanentemente com o seu projeto político-pedagógico, sua autossuficiência financeira e com o desenvolvimento vocacional dos educandos. Como todo espaço de EJA, o Cursinho Popular Transformação tem como característica a diversidade e a disparidade de histórias, habilidades e objetivos educacionais e profissionais dos educandos. Enquanto espaço de educação popular, vale-se de metodologias inteiramente pautadas no compartilhamento dos saberes, partindo das hipóteses levantadas pelos educandos. Por fim, como lugar construído com e para pessoas T, esse espaço endereça sempre as questões de empoderamento e emancipação ao histórico de marginalização que afasta essa população do acesso à educação, cultura, tecnologia, saúde, moradia e trabalho.

Em suma, estamos em um coletivo altamente multifacetado, cuja trajetória repousa sobre o elemento fundamental das inequidades entre pessoas cis e pessoas T. Nossa sobrevida depende essencialmente da conversão definitiva destes aspectos em potência, assim como o sucesso de nosso projeto político, cultural e pedagógico.

Nesse sentido, a construção de capacidades dentro do Coletivo Transformação deve responder ao compromisso de preservar simultaneamente a diversidade e a equidade. Dessa forma, a resiliência do coletivo depende de um processo de criação de equidade – de conhecimentos, informações, acesso à tomada de decisões – que parta da especificidade dos saberes que cada integrante já carrega consigo. Do contrário, o grupo corre o risco de acumular um débito organizacional que pode ser convertido em assimetrias de poder, ou ainda implementar processos de gestão descolados da realidade e necessidades das pessoas integrantes. E para esta construção de capacidades é necessário tempo e espaço para a experimentação e aprendizagem. Por isso, em nossa Residência no Laboratório para Estruturas Flexíveis, decidimos desenvolver a linha de pesquisa que denominamos como "Construção de capacidades desde uma perspectiva de educação popular: equidade como resiliência".

Construir capacidades para resiliência é uma tarefa repleta de potência e possibilidades, mas que por vezes se encontra com os desafios próprios da estrutura do coletivo. Em primeiro lugar, o grupo é recente, tendo completado dois anos em janeiro de 2017 e, portanto, vive um momento bastante vulnerável e experimental, no qual a sobrevida do coletivo ainda não está completamente assegurada. Possui, ainda, um grande número de integrantes (quase 50, entre educandos, coordenadores, professores e outros colaboradores), cujos papéis se alternam sempre, seja no cotidiano letivo, seja nas atividades culturais ou extracurriculares. Além disso, o coletivo se encontra em um momento de transição de sua relação com recursos financeiros, oscilando entre a manutenção dos integrantes como voluntários e militantes e a preocupação com a autossuficiência financeira das pessoas que fazem parte dele. Isso inclui o desafio de aprimorar as práticas de produção cultural para que a realização do TRANSarau e outras plataformas culturais ocorram de forma mais sustentável e menos penosa para o coletivo. Outro fator é que, considerando a diversidade que caracteriza o grupo enquanto espaço de EJA e de aliança entre pessoas cisgêneras e transgêneras, existe também uma disparidade no acesso a ferramentas de tecnologia, que por vezes imobiliza processos de gestão e tomadas de decisão.

What Does Self-Management Have To Do With All That?

Over time, Transformação Collective developed a unique position in the pedagogical field: based on the principles of popular education and constant research on the pedagogical methods of the EJA (Youth and Adult Education), but under the healthy tension of renewing these two pillars in a way that is aligned with the experiences and needs of the T population. In this movement, naturally our interfaces multiply with external actors, both in the context of institutional partnerships and in the key to informal collaboration between peers in a given field. In addition, the collective develops a cultural platform that permanently dialogues with its political-pedagogical project, its financial self-sufficiency and with the vocational development of students. Like all EJA spaces, Cursinho Popular Transformação is characterized by the diversity and disparity of the students' educational, professional, and educational histories, abilities and goals. As a space for popular education, it relies on methodologies entirely based on the sharing of knowledge, starting from the hypotheses raised by the students. Finally, as a place built with and for T people, this space always addresses issues of empowerment and emancipation from the history of marginalization that alienates this population from access to education, culture, technology, health, housing and work.

In short, we are a highly multifaceted collective, whose trajectory rests on the fundamental element of inequities between cis people and T people. Our survival depends essentially on the definitive conversion of these aspects into potency, as well as the success of our political, cultural and pedagogical project .

In this sense, capacity building within the Transformação collective must respond to the commitment to preserve both diversity and equality. In short, the collective's resilience depends on a process of creating equity - of knowledge, information, access to decision making - that starts from the specificity of the knowledge that each member already carries with him. Otherwise, the group runs the risk of accumulating an organizational debt that can be converted into asymmetries of power, or even implementing processes that are detached from the reality and needs of the people. And for this capacity building, time and space are needed for experimentation and learning. Therefore, in our Residency in the Laboratory for Flexible Structures, we decided to develop the line of research that we call "Capacity building from a perspective of popular education: equity as resilience".

Building capacities for resilience is a task full of power and possibilities, but sometimes meets the challenges of the collective structure itself. Firstly, the group is recent, having completed two years in January 2017 and, therefore is going through a very vulnerable and experimental moment, in which the survival of the collective is not yet fully assured. It also has a large number of members (almost 50, among students, coordinators, teachers and other collaborators), whose roles always alternate, whether in the school day or in cultural or extracurricular activities. In addition, the collective is in a transitional moment in its relationship with financial resources, oscillating between keeping members as volunteers and militants and the concern with the financial self-sufficiency of the people who are part of it. This includes the challenge of improving cultural production practices so that the realization of TRANSarau and other cultural platforms occur in a more sustainable and less painful way for the collective. Another factor is that, considering the diversity that characterizes the group as an EJA space and alliance between cisgender and transgender people, there is also a disparity in access to technology tools, which sometimes immobilize management processes and decision making.

In order to account for the fundamental tasks for the continuity of the collective's mission without compromising our principle of horizontality, interdisciplinarity and autonomous circles were articulated inspired by the holocracy model. However, the structure was not dynamic enough to encompass new tasks, partnerships and changes in the group's composition, generating partial flows of communication and decision making. Finally, we are faced with the negative effects

Para dar conta das tarefas fundamentais à continuidade da missão do coletivo, sem comprometer o princípio da horizontalidade, foram articulados círculos interdisciplinares e autônomos inspirados no modelo da holocracia. Contudo, a estrutura não se mostrou dinâmica o suficiente para abarcar novas tarefas, parcerias e mudanças na composição do grupo, gerando fluxos parciais de comunicação e tomadas de decisão. Por fim, nos deparamos hoje com os efeitos negativos do fato de que, embora tenha planejado uma estrutura organizacional, o coletivo deixou que os processos cotidianos de gestão se desenvolvessem espontaneamente e escapassem a qualquer planejamento prévio e estratégico. Assim, existem hoje diversos "remendos" na gestão do coletivo, criados para responder com agilidade aos problemas urgentes e que rapidamente se tornaram obsoletos ou nocivos à distribuição de poder e responsabilidade.

of the fact that, although it has planned an organizational structure, the collective has allowed daily management processes to develop spontaneously and to escape any previous strategic planning. Thus, there are now several "patches" in collective management, created to respond quickly to urgent problems that have quickly become obsolete or detrimental to the distribution of power and responsibility.

A residência

Para o Coletivo Transformação, a autogestão é um movimento que parte da autoconsciência do grupo sobre os fluxos de conhecimento, informação, comunicação, desejos e poder em seu interior, alcançando a capacidade de modelar estes fluxos por meio de expedientes visíveis que auxiliem o coletivo a cumprir sua missão e seus objetivos. É também a manutenção de sua autoconsciência sobre os campos em que se insere, elegendo formas de gestão que estejam em sintonia política com seus pares e que estabeleçam com eles dinâmicas de colaboração, complementaridade e pleiteio coletivo.

Assim, buscamos investigar as seguintes questões com a Residência do Laboratório de Estruturas Flexíveis:

– Existem dinâmicas de poder no coletivo a respeito da horizontalidade? Em que medida elas abordam opressões de gênero, raça, idade, classe?

– Existem estruturas invisíveis de tomada de decisão e implementação de projetos ou processos dentro do coletivo?

The Residency

For the Transformação Collective, self-management is a movement that starts from the group's self-consciousness as to the flows of knowledge, information, communication, desires and power within, reaching the capacity to model these flows through visible expedients that help the collective to fulfill its mission and objectives. It is also the maintenance of their self-awareness about the fields in which they are inserted, choosing forms of management that are in harmony with their peers and that establish with them dynamics of collaboration, complementarity and collective deliberation.

Thus, we seek to investigate the following issues with the Residency in the Laboratory for Flexible Structures:

– Are there collective power dynamics regarding horizontality? To what extent do they address oppressions of gender, race, age, class?

– Are there invisible decision-making structures and implementation of projects or processes within the collective? How

Como transformá-las em expedientes visíveis que possam ser contestados, debatidos ou validados por todos?

– De que forma o escasso acesso da população T à tecnologia contribui para a constituição de estruturas invisíveis na gestão e no cotidiano do coletivo? Como podemos inaugurar um processo de superação desta lacuna?

– Como criar formas de gestão que aproveitem a diversidade de habilidades e vivências dentro do coletivo e que gerem equidade, sem acarretar em imposição ou homogeneização de processos?

– Como criar formas de gestão que coloquem a coletividade no centro de gravidade, sem prejudicar os desejos individuais?

– De que forma a equidade de conhecimentos e acesso a ferramentas de captação de recursos e gestão pode contribuir com a autossuficiência financeira do coletivo?

– Como criar expedientes decisórios que ajudem o coletivo a equilibrar sua alta exposição e com ela a abundância de oportunidades e pedidos de parcerias –, com a manutenção de uma visão estratégica?

– Como os expedientes decisórios e a definição de papéis dentro do coletivo podem colaborar com uma carga de trabalho que se adeque às disponibilidades das pessoas integrantes?

– Como a comunicação interna pode ajudar a criar previsibilidade, equidade e eficiência dentro do coletivo?

– Como aproveitar os conhecimentos específicos relativos à vivência dos membros do coletivo?

– De que forma a experiência de outros espaços de educação popular se aproxima ou se distancia dos desafios de gestão encontrados pelo Coletivo Transformação?

can they be turned into visible expedients that can be challenged, debated or validated by all?

– In what way does the T population's scarce access to technology contribute to the constitution of invisible structures in the management and daily life of the collective? How can we begin a process to overcome this gap?

– How to create management forms that take advantage of the diversity of skills and experiences within the collective and that generate equity, without entailing the imposition or a homogenization of processes?

How to create forms of management that place the collective as a center of gravity, without harming individual desires?

– How can knowledge equity and access to tools for fundraising and management contribute to the collective self-sufficiency of the collective?

– How to create decision-making processes that help the collective balance its high exposure - and with it the abundance of opportunities and requests for partnerships - by maintaining a strategic vision?

– How can the decision-making processes and the definition of roles within the collective collaborate with a workload that fits the members' availability?

– How can internal communication help create predictability, equity, and efficiency within the collective?

– How to take advantage of specific knowledge regarding the members of the collective's experience?

– How do the experiences of other popular education spaces approach or distance themselves from the management challenges encountered by Transformação Collective?

– Quais são as boas práticas de gestão já existentes em outros espaços de educação popular?

Para endereçar estas perguntas, desenvolvemos cinco ciclos de atividades. O primeiro é o Mapeamento, iniciado com um encontro interno de cartografia do coletivo. Com ele, buscamos localizar onde nos posicionamos dentro do coletivo, em quais círculos estamos, quais os nossos papéis e principais interlocutores; investigamos se há relações de centro-periferia entre os diferentes círculos do coletivo; mapeamos os atores externos em campos relevantes à atuação do coletivo com os quais cada um de nós tem mais interlocução; e identificamos as habilidades e carências de aprendizagem das pessoas integrantes do grupo. O encontro aconteceu em setembro de 2017 na Casa do Povo, com a participação de 23 integrantes e duas parceiras que realizaram a facilitação gráfica das conversas.

Ao longo da condução da Residência, decidimos incluir nesse ciclo também a produção de uma cartilha para orientar instituições de educação, cultura, trabalho e serviços sobre o acolhimento e tratamento de pessoas T. Essa era uma demanda antiga em nosso coletivo e queríamos iniciar os trabalhos da Residência acolhendo os desejos e planos que vinham, justificadamente, construindo-se em nosso espaço. O movimento de pensarmos a nós mesmos, inevitavelmente chamava o movimento complementar de pensar nossa relação (em especial, a relação das pessoas T do coletivo) com atores externos.

Entraremos em breve em outro ciclo, denominado Movimento. Nesse caminho, realizaremos oficinas internas em tópicos que interfiram diariamente em nossas capacidades de realização enquanto grupo. As oficinas, facilitadas por convidados, serão de ferramentas e plataformas de gestão (Google Drive, Dropbox, Google Agenda, Google Hangout, Skype, Jitsi Meet, Trello, Slack, Honeycomb, dentre outras); redação e gestão de projetos; e produção cultural inovadora.

Concomitante aos outros, há o ciclo denominado Expansão. Como parte dele, realizamos em outubro de 2017 uma oficina na II Jornada de Educação Popular, com o tema Autogestão

– What good management practices already exist in other spaces of popular education?

To address these questions, we have developed five activity cycles. The first one is Mapping, begun with an internal meeting for a cartography of the collective. With it, we seek to locate where we stand within the collective, in which circles we are, what our roles and main interlocutors are; we investigate if there are center-periphery relations between the different circles of the collective; we map the external actors in fields relevant to the performance of the collective with which each one of us has more interaction; we identify the learning abilities and deficiencies of the people who are part of the group. The meeting took place in September 2017 at Casa do Povo, with the participation of 23 members and two partners who facilitated the graphical aspects of our conversations.

Throughout the residence, we decided to include in this cycle the production of a booklet to guide education and culture institutions' work and services on the reception and treatment of T people. This was a long-standing demand in our collective and we wanted to start the work in Residence welcoming the desires and plans that were, justifiably, building up in our space. The movement of thinking to ourselves inevitably entailed the complementary movement of thinking our relationship (in particular, the relationships of T people in the collective) with external actors.

We will soon enter another cycle, called Movement. In it, we will hold internal workshops on topics that interfere daily in our accomplishment capacities as a group. The workshops, facilitated by guests, will be on tools and management platforms (Google Drive, Dropbox, Google Calendar, Google Hangout, Skype, Jitsi Meet, Trello, Slack, Honeycomb, among others); writing and project management and innovative cultural production.

Concomitant with the others is the Expansion cycle. As part of it, we held a workshop in October 2017 in the II Jornada de Educação Popular, with the theme "Self-management for Cursinhos Populares". We had the participation of 12 people from different public schools in São Paulo who discussed the meaning of self-management for each

para Cursinhos Populares. Tivemos a participação de 12 pessoas de diferentes cursinhos populares de São Paulo que discutiram o significado de autogestão para cada coletivo e comporam um panorama atravessado por acúmulos internos, filiações ideológicas e experiências práticas. Em seguida, estimulamos a complementaridade entre os cursinhos, compondo um quadro de desafios e soluções nas práticas cotidianas de gestão em áreas como financeiro, pedagógico, pessoas, comunicação, estrutura organizacional e planejamento. Percebemos que, embora haja muitos obstáculos em comum – como a precariedade de recursos e o dilema pedagógico entre uma educação instrumental para o acesso à universidade e educação crítica e libertadora –, existe também muito espaço para a consolidação de boas práticas e o compartilhamento de soluções pela inteligência coletiva.

Estamos conduzindo, ainda, o ciclo Síntese, constituído por um grupo de estudos interno sobre estruturas organizacionais (horizontalidade, hierarquia e holocracia), mapeando suas principais discussões e inovações que estão sendo feitas na gestão de grupos e coletivos. A prática do grupo de estudos é composta por leituras, pesquisas, entrevistas e compartilhamento interno de conteúdos. Esse movimento irá desembocar em um encontro para repactuar e recartografar a forma como o Coletivo Transformação arquiteta sua organização, papéis dos integrantes, tomadas de decisão e a comunicação interna.

Por fim, simultâneo às outras atividades, está o ciclo Diálogo, representado pela participação em espaços externos de formação. Através dele, enviamos integrantes para a Introdução à Comunicação Não Violenta e para um cinedebate sobre transgeneridades no Cineponto Benedito, ambos realizados em São Paulo em setembro de 2017. Entendemos a interface com espaços e atores externos como uma prática estratégica e deliberada que deve, portanto, compreender devolutivas estruturadas ao restante do coletivo e que pode nos proporcionar um constante fluxo interno de conhecimentos, questionamentos e pesquisas.

group and composed a diagram crossed by internal accumulations, ideological affiliations and practical experiences. Next, we stimulated the complementarity between the cursinhos, composing a framework of challenges and solutions in daily management, financial, pedagogical, personal, communication, organizational structure and planning areas. We realize that while there are many common obstacles such as a precariousness of resources and the pedagogical dilemma between an instrumental education for university access and critical and liberating education - there is also a great deal of room for the consolidation of good practices and the sharing of solutions by our collective intelligence.

We are also conducting the Synthesis cycle, consisting of a group of internal studies on organizational structures (horizontality, hierarchy and holocracy), mapping main discussions and innovations that are being made in the management of groups and collectives. The study group's practice is composed of readings, surveys, interviews and internal content sharing. This movement will lead to a rendez-vous to reroute and remap the way the Transformação Collective structures its members' roles, organization, decision-making and internal communication.

Occurring at the same time as the other activities is the Dialogue cycle, represented by participation in external training spaces. Through it, we sent members to the Introduction to Nonviolent Communication (Introdução à Comunicação Não-Violenta) and to a film and debate about transgenderisms at Cineponto Benedito, both held in São Paulo in September 2017. We understand the interface with external spaces and actors as a strategic and deliberate practice that must, therefore, involve structured feedback to the rest of the collective that can provide us with a constant internal flow of knowledge, questioning and research.

O que estamos movimentando?

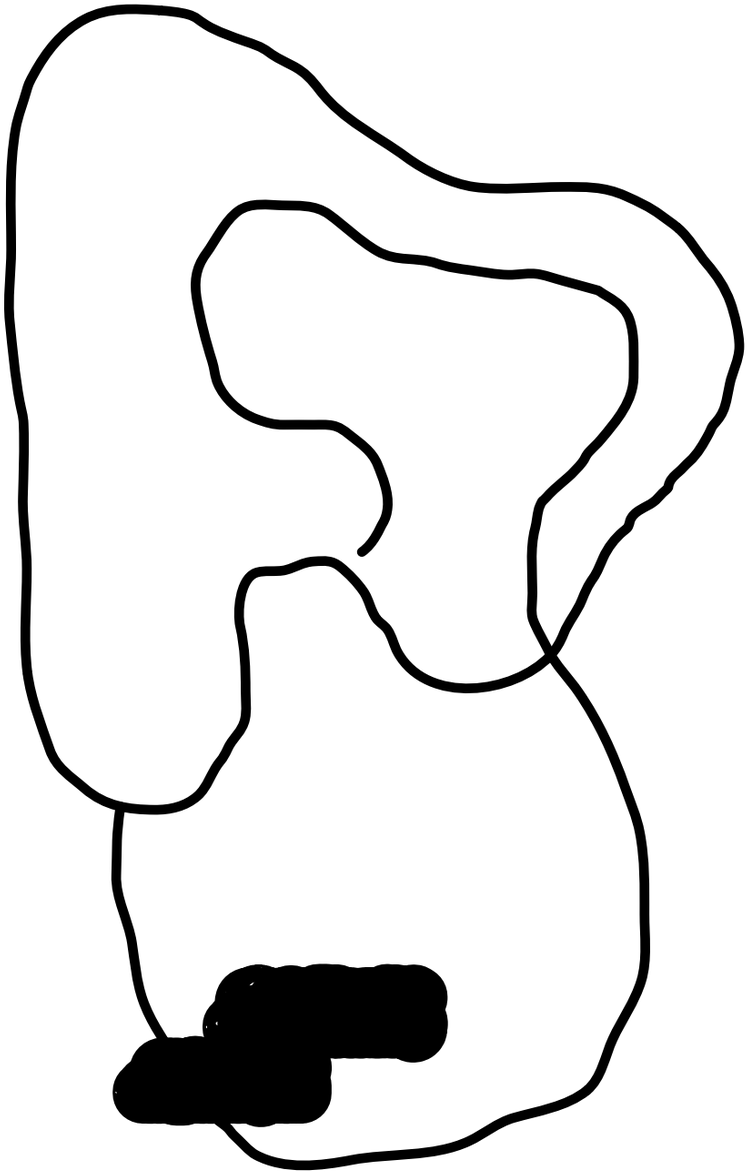
Antes de tudo, a autogestão representa para nós um rumo a ser perseguido, transformando, ao mesmo tempo, a Residência num ponto de partida e num ponto de chegada. Chegamos nela após uma intensa trajetória de experimentações que convergiram, todas, na certeza de que uma autogestão – ou seja, uma autoconsciência – é fundamental para que o Coletivo Transformação encontre equilíbrio entre seus diversos fluxos, desejos e afetos internos. Ao mesmo tempo, ela tem sido uma faísca que mostra como o esforço de nos posicionarmos enquanto grupo deve ser prioritário, independente da quantidade de atividades e compromissos que tivermos. Nesse sentido, as pesquisas e as novas experimentações serão constantes e os trabalhos da Residência se mostram uma feliz inauguração disso.

What Are We Moving?

First of all, self-management represents a path for us to pursue, while at the same time transforming the Residency has been at the same time a departure and arrival-point. We arrived at it after an intense trajectory of experiments that all converged on the certainty that a self-management - that is, a self-consciousness - is fundamental for Transformação Collective to find a balance between its various internal flows, desires and affections. At the same time, it has been a spark that shows how the effort to position ourselves as a group should be a priority regardless of the amount of activities and commitments we have. In this sense, the research and new experiments will be constant and the work in Residence will be a happy inauguration of this.

.

[redacted]



[redacted]

3.2 Clara Sacco e Gilberto Vieira[1]

data_labe // um laboratório de estrutura flexível

data_labe // A flexible-structure Laboratory

1. Clara e Gilberto são gestores do data_labe.

1. Clara e Gilberto are managers of data_labe.

Pelo direito à comunicação

O data_labe é um laboratório de dados na favela da Maré – Rio de Janeiro. A equipe é composta por cinco jovens moradores de territórios populares que produzem novas narrativas por meio de dados. No centro dos projetos desenvolvidos está a questão do imaginário construído sobre a cidade e seus habitantes.

O laboratório nasceu em 2016 nas dependências do Observatório de Favelas, em parceria com a Escola de Dados, e hoje se estabelece como programa autônomo e autogerido. As ações estão organizadas em três eixos: produção de conteúdo; formação; e monitoramento e geração cidadã de dados. As atividades são voltadas para o cotidiano do grupo e suas relações com os territórios de circulação e morada na cidade. Atualmente, dedicamos em média 20 horas semanais à construção de pautas, reportagens, podcasts, projetos de pesquisa, busca, análise, limpeza e visualização de dados, assim como reuniões, participação em eventos e processos formativos.

Durante o ano de 2016, realizamos uma série de pesquisas que podem ser acessadas no site datalabe.org. Um dos destaques é o Mapa da Comunicação Comunitária, uma plataforma colaborativa que reúne veículos de toda a Região Metropolitana. O grupo recebeu um prêmio da rede DataShift, em parceira com a Casa Fluminense, pela elaboração de projeto de coleta cidadã de dados sobre saneamento público na Maré – o Cocozap.

A produção e utilização de dados digitais têm aumentado consideravelmente nos últimos anos com a proliferação do acesso à internet e com a migração de muitos serviços e formas de interação para o ambiente online. No entanto, ainda existe uma grande lacuna entre os que possuem competências tecnológicas para o uso desses dados (ainda restritas a um grupo social muito privilegiado) e os que não as possuem. Esta lacuna de conhecimento impõe desafios sociais, pois lidar com os dados produzidos por agentes públicos e privados é um fator determinante que permite que grupos mais negligenciados compreendam seu contexto e busquem mudanças por sociedades mais justas.

For the Right to Communication

data_labe is a data laboratory in the Maré favela in Rio de Janeiro. The team is made up of five young people who live in low-income territories and who produce new narratives through data. At the center of the developed projects is the issue of the imagery built around the city and its inhabitants.

The laboratory began in 2016 on the premises of the Observatório de Favelas (Favela Observatory), in a partnership with Laboratório de Dados (Data Laboratory), and is now established as an autonomous, self-run program. Actions are organized around three axes: content production, training and citizen-generated data and monitoring. Activities are focused on the group's daily experience and relationships with territories of circulation and dwelling in the city. At present, we dedicate an average of 20 hours weekly to the construction of news, reports, podcasts, research projects, search, analysis and refinement of data as well as meetings, participation in events and training processes.

In 2016 we developed a number of research projects which may be found at www.datalabe.org. A particular project is Mapa da Comunicação Comunitária (Community Communication Map), a collaborative platform which brings together vehicles from around all of Rio's metropolitan area. The group received an award from the DataShift network, in collaboration with Casa Fluminense, for the development of a citizen-based data collection project centered around public sanitation in the Maré favela: Cocozap.

Use and production of digital data has increased considerably in the last few years with an increase in internet access and with the transition of many services and forms of interaction onto an online environment. However, there remains a large gap between those who possess technological proficiency for utilizing that data (still pertaining to a very privileged social group) and those who do not. This knowledge gap imposes social challenges, for dealing with data produced by public and private agents is a determining factor that allows those more neglected groups to understand their context and search for more equal social changes.

O Brasil é o quarto país mais desigual da América Latina, com 20% da população (40 milhões de pessoas) vivendo na pobreza.[2] Mesmo em áreas mais pobres, que carecem de investimentos em infraestrutura e serviços básicos, como educação, saúde, saneamento, o uso da internet é popular entre os jovens: cerca de 89% das pessoas entre 15 e 29 anos podem acessar a internet em casa, no trabalho ou remotamente.[3] Essa realidade revela maior facilidade para a criação e difusão de novas narrativas, proliferação de canais de comunicação independentes e maior acesso a dados.

2. Fonte: Estudo do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-HABITAT), divulgado em 21/08/2012.

A sociedade civil reúne hoje tecnologia, conhecimento e criatividade que, isolados do acervo de dados e informações detido pelas organizações públicas, desempenham um papel muito aquém do potencial gerador de inovação que representam. A geração de novos serviços e processos, mais abertos e democráticos, em estreita ligação com as necessidades de seus interlocutores, poderia ser grandemente potencializada por meio da disponibilização desse acervo de dados e informações por parte do poder público, além de um incentivo adequado à sua utilização pelas organizações da sociedade civil.

3. Fonte: Solos Culturais. Observatório de Favelas, 2013.

O foco não deve ser meramente lançado sobre a tecnologia da informação e comunicação, mas no seu uso combinado com a mudança organizacional e as novas práticas que visem a melhoria dos serviços públicos, dos processos democráticos e das políticas públicas. Entendemos que as tecnologias, por si só, não são suficientes para criar crescimento na nova economia do conhecimento, mas ao contrário, seu potencial está em como a sociedade decide integrar essas capacidades às suas estratégias econômicas e sociais.

A proposta de construção de um laboratório de dados na favela procura, acima de tudo, trazer para o cotidiano da vida de jovens periféricos o debate sobre a abertura e difusão de dados e informações capazes de fundar novas formas de comunicação – mais livres, sobretudo, e novos rumos para a construção da democracia brasileira que passa por uma intensa crise política.

Brazil is Latin America's fourth most unequal country, with 20% of its population (40 million people) living in poverty.[2] Even in poorer areas, lacking in infrastructure investment such as health, education and sanitation, internet use is still widely popular among young people: around 89% of people between the ages 15 and 29 can access the internet at home, at work or on mobile.[3] This reality reveals a greater ease in creating and propagating new narratives, as well as in the proliferation of independent communication channels and data access.

2. Source: United Nations Human Settlements Programme research (UN-HABITAT), released on 08/21/2012.

Today, civil society assembles technology, knowledge and creativity that, isolated from public organizations' collections of data and information, play a role in generating innovation that is relatively small compared with the potential it represents. Generating new, more open services and processes aligned with the needs of its users would be enormously boosted through these collections of data and information made available by the public sector, together with adequate incentive for civil society organization's use of them.

3. Source: Solos Culturais. Observatório de Favelas, 2013

Focus should not fall exclusively on information and communication technology, but on its use combined with organizational changes and new practices which aim to better public services, democratic processes and political policy. As we see it, technology on its own is not enough to generate growth in the new knowledge economy, on the contrary, it's potential resides in how society decides to integrate these capacities with their social and economic practices.

The project of constructing a data laboratory in the favela aims above all to bring into the daily lives of marginalized young people the debate around the propagation and openness of data and information capable of establishing new, more free forms of communication, as well as new directions for Brazilian democracy, now going through an intense political crisis.

Como estar no mundo: por uma estrutura flexível

Acreditamos na autogestão como forma de operação de um grupo que independe de um único organismo maior para garantir sua existência. A institucionalidade pode ser flexível e as ações do grupo podem estar vinculadas a uma série de parceiros e organizações. Esse modelo autogerido deve exercitar frequentemente reflexões sobre sua própria prática para um funcionamento autônomo e sustentável. Há de se ter em vista as relações profissionais e afetivas entre os membros do grupo, estabelecendo trocas e elaborações conjuntas permanentes.

No contemporâneo isso se dá a partir do deslocamento dos sujeitos na estrutura de representação tradicional. A fragmentação das identidades e das pautas fez com que novas vozes gritassem. As práticas e códigos cotidianos de grupos específicos servem como base para reivindicar um lugar onde os sujeitos possam dizer sobre si e agir com mais autonomia sobre suas necessidades, ações e criações. Esse lugar não responde às estruturas verticais e enrijecidas do passado. É nós por nós mesmos.

Apesar do corpo gestor do data_labe ter um histórico de vínculo institucional com o Observatório de Favelas (uma consolidada organização da sociedade civil do Rio de Janeiro), a elaboração e o desenvolvimento do primeiro ano do programa se mostrou de forma bastante autônoma em relação à institucionalidade, o que culminou no estabelecimento de uma relação independente e de parceria.

A mudança se deu não apenas pelo desejo do grupo em desenvolver suas próprias metodologias de funcionamento, que muitas vezes não corresponde a de uma grande organização, mas também por um reconhecimento da instituição em relação à autonomia do grupo e sua independência. O processo em alguns momentos se mostrou de forma tensa. Os esgarçamentos aconteceram tanto pelo não cumprimento de algumas expectativas em relação ao papel institucional do

How to Be in the World: For a Flexible Structure

We believe in self-management as the organizational form of a group independent of a single larger organism that guarantees its existence. Institutionality may be flexible and the group's actions may be tied to a variety of partners and organizations. This self-managed model should frequently exercise reflexions about its own practice in order to have an autonomous, sustainable functioning. Professional and affective relationships between members of the group must be kept in view, establishing permanent conjoined exchanges and elaborations.

In the contemporary, this is given through a shift of the subjects in traditional representational structures. Fragmentation of identities and agendas has allowed new voices to rise. Daily practices and codes belonging to specific groups serve as a starting-point for claiming a place where subjects may speak for themselves and act with more autonomy on its needs, actions and creations. This place does not respond to the vertical, rigid structures of the past. It's us for ourselves.

Although data_labe's managerial core has a history of institutional association with the Observatório de Favelas (a well-established civil society organization in Rio de Janeiro), the structuring and development of the program's first year occurred in a fairly autonomous way concerning institutionality, which culminated in the establishment of a partnership-oriented, independent relationship.

This change happened not only because of the group's interest in developing its own functioning methodology, frequently non-corresponding to that of a larger organization, but also because of the institution's recognition of the group's autonomy and independence. In certain spots, the process became tense. Friction arised not only from the perceived non-compliance of expectations regarding data_labe's institutional functioning but also from the group's malaise regarding subordinations intrinsic to an institutional arrangement.

data_labe quanto pelo incômodo do grupo a algumas subordinações intrínsecas à institucionalidade.

Disso surgiu a decisão consensual das duas partes da afirmação do data_labe enquanto um grupo autônomo e autogerido. Surgem então os desafios: como garantir a manutenção de relações com diferentes instituições e níveis de institucionalidade para a realização de projetos? Como garantir a sustentabilidade sem um aparato jurídico/burocrático? Como manter e desenvolver mecanismos de gestão horizontais, transparentes e participativos? Como se reivindicar no entre-lugar das velhas organizações da sociedade civil e dos novos coletivos independentes?

Partimos das experiências de novas institucionalidades estabelecidas por coletivos, projetos e grupos autônomos que operam nas periferias do eixo Rio-São Paulo. Nos interessa estabelecer pontos de contato entre esses sujeitos a fim de elaborar um outro pensamento sobre as institucionalidades contemporâneas. Como colaborar com outros grupos jovens que, assim como nós, rompem com o modelo institucional estabelecido? Como catalogar modelos inovadores de gestão a partir das experiências faveladas?

É nessa troca que se dá a construção do nosso próprio modelo. Soltamos um pouco os laços institucionais compostos por exigências e posturas enrijecidas para elaborar processos mais dinâmicos onde as experiências externas são insumos para um remix metodológico. Sendo assim, toda e qualquer decisão passa por um debate (com devidos tempos e proporções); o dinheiro tem deixado de ser um tabu e os orçamentos, custos, despesas e necessidades vão ganhando espaços naturais nas reuniões; as pautas estão sendo construídas com uma escuta atenta aos nossos momentos e desejos pessoais; as agendas estão sendo estabelecidas em conjunto, enquanto as frustrações e as derrotas são compartilhadas em momentos de afetividade e cuidado mútuo.

O data_labe completa dois anos de existência em janeiro de 2018. Passamos seis meses sem qualquer financiamento.[4] Nos fortalecemos na crise, construímos pontes e agora nos lançamos mais uma vez no desconhecido. O que nos move é a possibilidade de disputar um campo que parecia até então inacessível aos sujeitos periféricos. Somos capazes de organizar um movimento potente que incida sobre a vida de outros sujeitos e territórios. O desafio é seguir olhando para dentro, refletindo sobre os modelos que nos cabem, sempre deixando brechas para o imprevisível.

4. De janeiro de 2016 a janeiro de 2017, o data_labe contou com apoio da *Open Society Foundations*. Já em fevereiro ganhamos um prêmio em dinheiro da rede DataShift e em setembro de 2017 recebemos apoio da Fundação Ford para manutenção de contas básicas. Ainda durante o segundo semestre estabelecemos parcerias que geraram receitas com a Anistia Internacional, a Escola de Jornalismo da Énois e a Casa do Povo, onde ficamos em residência durante o mês de outubro.

After this, both parts arrived at the consensual decision to affirm data_labe as an autonomous, self-run group. Challenges soon arised: how do we maintain relationships with different institutions and levels of institutionality for developing projects? How do we guarantee sustainability without a bureaucratic or judiciary apparatus? How do we maintain and develop horizontal, transparent and participative management models? How do we claim this gray area between old civil society organizations and today's new independent collectives?

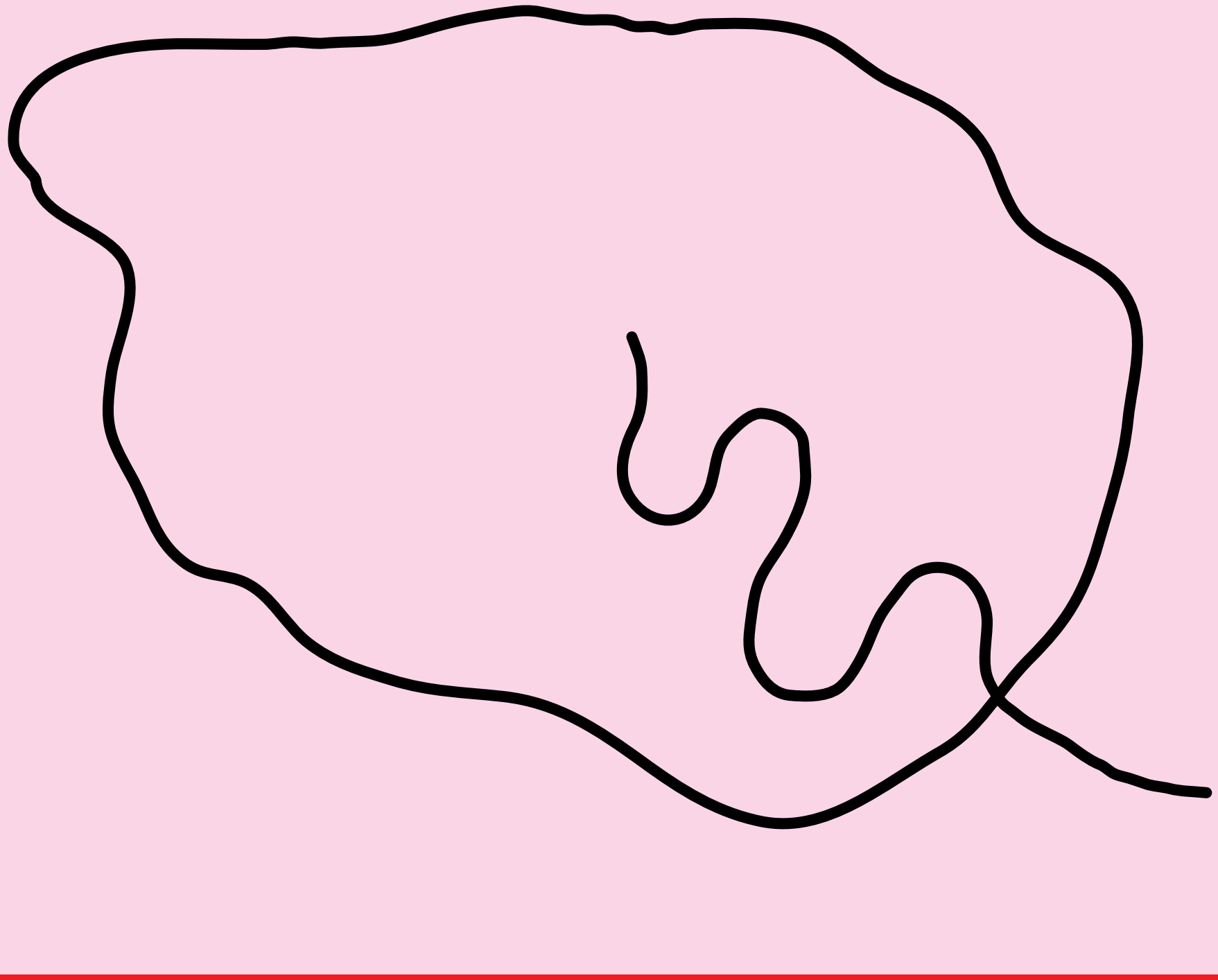
We began from the experience of new institutionalities established by autonomous collectives, projects and groups operating within peripheral areas of the Rio-São Paulo axis. We are interested in establishing contact-points between these subjects in order to develop another thought around contemporary institutionality. How do we collaborate with other young groups who, like us, break from the established institutional model? How do we catalog innovative management models with regards to favelada[3] experiences?

It is on this exchange that our own model is built. We've loosened the institutional ties composed of rigid demands and orientations in order to construct more dynamic processes where external experiences are components of a methodological remix. That said, any and all decisions must necessarily pass through a debate (with appropriate times and proportions); money has gradually become no longer taboo; funding, expenses and needs acquire natural space at meetings; rulings are made through attentive listening to our personal moments and desires; schedules are collectively determined while defeats and frustrations are shared in moments of mutual affection and care.

data_labe is two years old in January 2018. We spent six months without any funding.[4] We've become stronger through crises, built bridges and now we throw ourselves once again into the unknown. What moves us is the possibility of fighting for a field that up until now seemed inaccessible to peripheral subjects. We are capable of organizing a powerful movement that affects other subjects and territories. The challenge is to keep looking inward, reflecting on models that fit us, and keep spaces open for the unexpected.

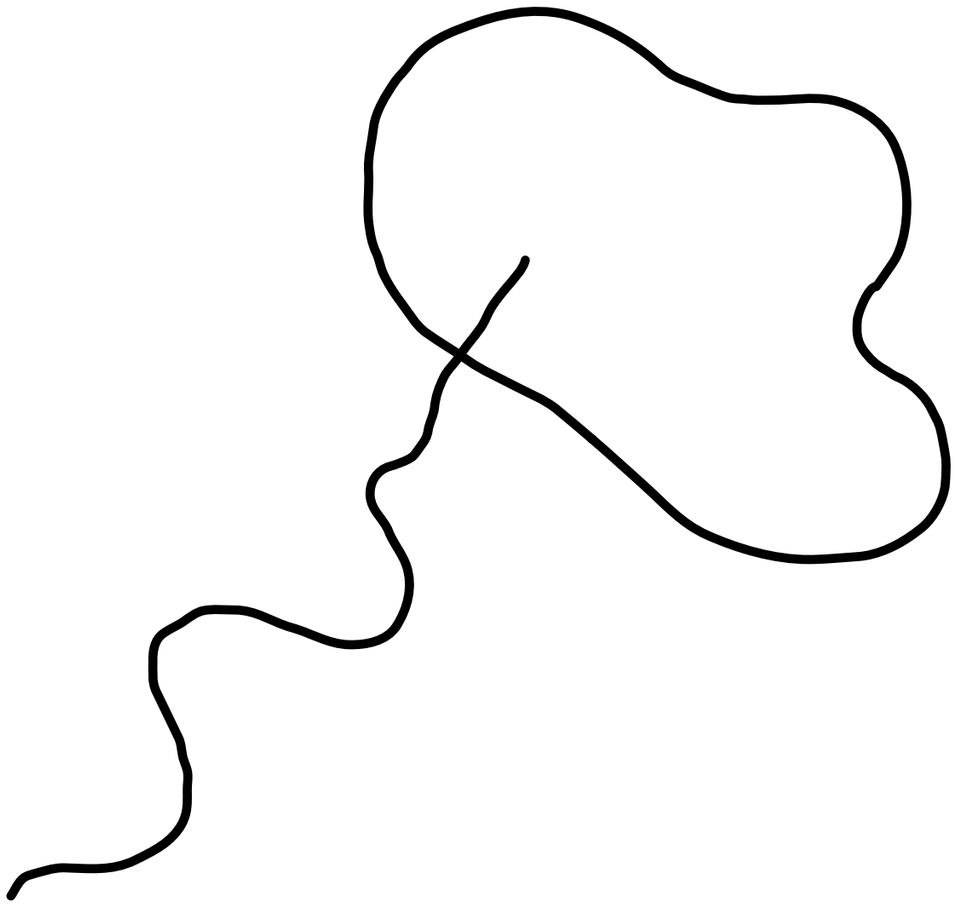
3. Translator's note: *favelada/o* denotes he/she who lives in or comes from the *favelas*.

4. From January 2016 to January 2017, data_labe was supported by the Open Society Foundation. Already in February we won a cash prize from DataShift and in September 2017 we received support from the Ford Foundation for the maintenance of basic accounts. During the second semester, we established partnerships that generated revenues with Amnesty International, the Énois School of Journalism and Casa do Povo, where we stayed in residence during the month of October.



Management Study Group

Grupo de estudo em gestão



Introdução

O *Laboratório para Estruturas Flexíveis* começou como um grupo de estudos formado por parte da equipe da Casa do Povo, integrantes de coletivos do Povo da Casa, gestores de outros espaços, artistas e ativistas. O grupo foi se decompondo e se recompondo ao longo dos meses e, com isso, transformando também as maneiras de abordar seu assunto principal: formas de gestão e possíveis modos de funcionamento de iniciativas autônomas.

Ao desenvolver coletivamente o formato global do *Laboratório*, o grupo sugeriu também a organização de uma apostila com textos que apontassem reflexões ampliadas sobre ferramentas de gestão. Assim sendo, pedimos aos convidados nacionais e internacionais que participaram do encontro do final de outubro, que nos indicassem um texto com até dez páginas para fazer parte desse compilado. A proposta partia da sugestão de um escrito inspirador para suas práticas, seus modos de fazer, de se organizar, de se relacionar, de estar no mundo e que tocasse, em seu sentido mais amplo, na ideia de gestão ou autogestão.

Entre os convidados que nos enviaram os textos aqui reunidos, contamos com Andrea Phillips, professora de Arte da Universidade de Gotemburgo (Suécia), Valentina Desideri, do PAF [=PerforimingArtForum] (França), Samantha Moreira, do Chão SLZ (Brasil) e Pierluigi Vattimo, do L'Asilo (Itália). Os textos indicados são, respectivamente: "Reativando a participação: Os centros de arte e a reinvenção da condensação social", de autoria da Andrea Phillips, "Usos do Erótico: O Erótico como Poder", de Audre Lorde, "Amo os artistas-etc", de Ricardo Basbaum e "Gerindo o comum na economia do conhecimento", de Vercellone, Vattimo (et. al).

Embora totalmente distintos no que diz respeito à temática, os quatro textos realizam um gesto similar: trazem à tona um conceito já conhecido e propõem sua reconstrução crítica. Assim, também expõem características opressoras, apontando reformulações possíveis para que os usos desses conceitos sejam reinventados e se tornem ferramentas emancipatórias. No caso de Phillips, a instituição de arte; em Lorde, o feminismo combatendo um certo tipo poder; em Basbaum, a ideia de artista e no caso de Vercellone e Vattimo, a noção de comum. Nesse caminho, Phillips vai recuperar os centros comunitários e a ideia de condensação social, Lorde vai afirmar o poder do erótico, Basbaum vai abrir espaço para outras maneiras de atuação no meio artístico e Vercellone e Vattimo vão destrinchar exaustivamente os desdobramentos do que pode ser hoje a ideia de bem comum.

Os textos dessa apostila contemplam a escolha de alguns dos convidados da semana de encerramento do *Laboratório para Estruturas Flexíveis*, sendo uma pequena amostra de que pensar ferramentas de gestão não se reduz às burocracias culturais, mas desmontar certos modos de vida para reinventar novos, todos eles indissociavelmente ligados à gestão de corpos, de linguagem, trabalho, desejo e tempo.

Introduction

The *Laboratory for Flexible Structures* began as a study group. Formed by Casa do Povo staff , members of the house's collectives, managers of other spaces, artists and activists, the group has been decomposing and regrouping over months and therefore also transforming the ways of approaching its main subject: forms of management and possible modes of operation for autonomous initiatives.

The group, who developed collectively the overall format of the *Laboratory* also suggested the organization of a handout by bringing together texts that pointed to an expanded reflection on management tools. Therefore, we asked national and international guests who participate in the meeting at the end of October to suggest texts up to ten pages to be part of this compilation.

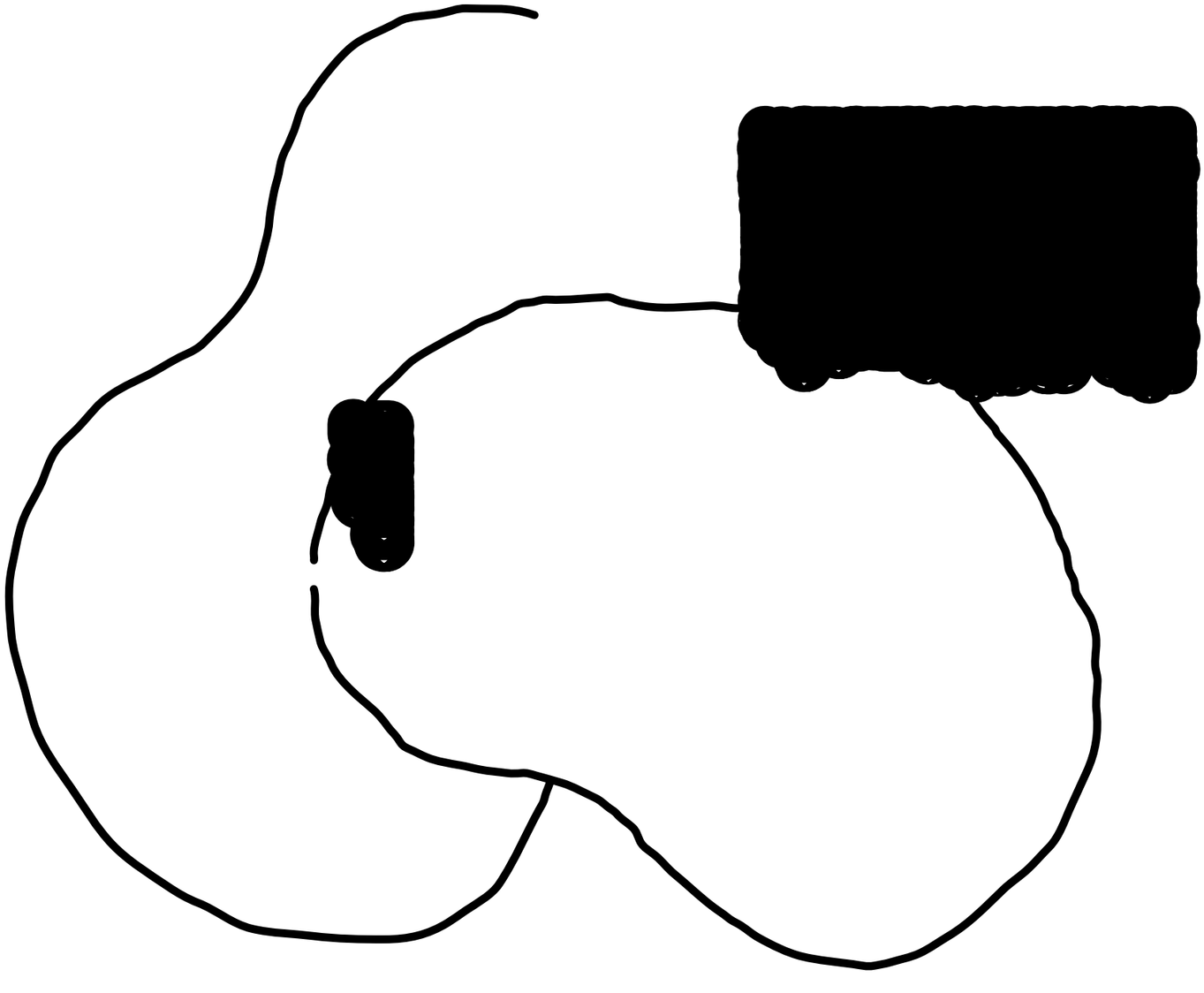
The proposal was to suggest writings that inspire their practices, their ways of doing, organizing, relating and being in the world and that somehow touches the idea of management or self management in its expanded sense.

Although totally different with respect to theme, the four texts trace a similar gesture: they bring up a known concept (in Phillips' case the art institution, in Lorde's case a certain kind of power, in Basbaum's case the idea of the artist and in the case of Vercellone and Vattimo the notion of the commons) and proposes a critical reconstruction of the same concept, exposing its oppressive characteristics, pointing to possible reformulations and reinventing their uses, so that they may become emancipatory tools. This is how Phillips will recover community centers and the idea of social condensation, Lorde will affirm the power of the erotic, Basbaum will open space for more ways of acting in the artistic world and Vercellone, Vattimo (et al) will exhaustively unravel the implications of what might be the idea of common good today.

This book, whose texts contemplate the choice of some of the guests of the closing week of the *Laboratory for Flexible Structures*, is a small indicative that thinking management tools is not necessarily reduced to cultural bureaucracies, but to the dismantling of certain ways of life and a reinvention of new ones, all of them inextricably linked to the management of bodies, language, work, desire and time.

[redacted]

[redacted]



4.1 Andrea Phillips

Reativando[1] a participação: Os centros de arte e a reinvenção da condensação social/

Reclaiming Participation: Arts Centres And The Reinvention Of Social Condensation

1. (N.T.) Optamos por traduzir *"reclaiming"* como "reativando" seguindo a decisão que fez Jamille Pinheiro Dias ao traduzir o texto *"Reclaiming Animism"* de Isabelle Stengers para a Editora Chão da Feira em 2017: "Verbo bastante polissêmico, também traduzível como 'reivindicar', 'recuperar', 'reformar', 'regenerar', 'reafirmar'. (...) Decidimos pela tradução do verbo 'to reclaim' como 'reativar' a fim de abarcar o potencial terapêutico e político da ideia aqui proposta. (...) o 'reativar' em jogo diz respeito não a um gesto nostálgico de repetição do passado, mas a ações e práticas situadas, norteadas pelo empirismo e pelo pragmatismo". As considerações da tradutora acerca das dimensões pragmático-políticas do verbo, numa boa coincidência, acrescentam muito à leitura do presente texto em português.

Seguindo uma tradição do pensamento social em arte, tradição radicalmente marginalizada ao longo das quatro últimas décadas, gostaria de propor a reapropriação das instituições de arte para usá-las como condensadores sociais na vida cívica contemporânea. Esses espaços outrora vitais, baratos e conviviais, geridos por pessoas instigadas a construir estruturas comunitárias através da prática cultural, estão agora quase alheios aos usos que poderiam ser formados a partir da ideia do condensador social, uma arquitetura que, para falar com Jane Rendell, providenciaria uma gama de espaços transicionais em que formas de vida poderiam ser ensaiadas e experimentadas de forma distinta daquela do capitalismo contemporâneo.[2]

O condensador social é um modelo de construção proposto pelos praticantes do construtivismo e especificamente exemplificado na obra de Moisei Ginzburg e na Casa Comunal de Narkomfin de Ignati Miliinis, construída entre 1928 e 1929 em Moscow. O edifício, que viria a influenciar Le Corbusier, era uma forma densa de moradia, desenvolvida para produzir cidadãos revolucionários, cujas vidas e padrões de trabalho seriam influenciados pela vivência coproduzida em blocos substanciais com cozinhas, ruas, creches e lavanderias comunais. Considerados em larga medida fracassados, já que a arquitetura torna-se reificada sob Stalin, o conceito de condensador social ainda assim continua influenciando gerações de arquitetos, cujos trabalhos propõem formas de moradia alternativas como ferramentas sociais e pedagógicas básicas para uso em comunidade. Meu propósito aqui é hipotetizar sobre o valor das instituições de arte como condensadores sociais. Especificamente, irei argumentar que uma forma de instituição, a do centro de artes, certa vez possuiu a chave de uma forma de condensador social que, diferentemente de seu predecessor na URSS, desenvolveu-se de forma esporádica na Europa e na América do Norte, providenciando espaços culturais e sociais de trocas, aprendizado e lazer, além de formas de abrigar a solidariedade que podem ser entendidas como uma transformação política informal da condensação soviética em nível local, organizado frequentemente de forma comunitária. A hipótese não é sem precedentes no movimento das artes comunitárias dos anos 1970 e 1980 no Reino Unido, onde o desejo explícito dos praticantes de arte era propô-la (de forma multidisciplinar) como modelo de aprendizado e prática social. A meu ver essa forma de prática artística não é mais apoiada pelos patrocinadores e curadores de instituição estabelecidos, e foi propositalmente marginalizada, a não ser como resíduo arcaico cuja demanda estética (e não social) ainda influencia novas gerações de artistas. Ao contrário de concentrar-me na renovação arquitetônica desses centros, raramente notáveis a esse respeito, irei focar nas formas de uso social do espaço construído, do qual o centro de arte foi peça chave.

2. Jane Rendell, *The Setting and the Social Condenser: Transitional Objects in Architecture and Psychoanalysis*. Ver http://www.janerendell.co.uk/wp-content/uploads/2013/02/The-Setting-and-the-Social-Condenser..pdf, acessado em 14 de outubro de 2017.

Crescendo numa cidade provinciana do Reino Unido na década de 70, me lembro da rede de teatros de pequeno-porte, galerias, museus locais e centros comunitários de que dependíamos de maneira desregrada. Nesses espaços, quando bebês e crianças, éramos depositados em play-

Following a tradition of social thought within the arts, a tradition that has been radically disenfranchised over the past four decades, I would like to propose the re-appropriation of arts institutions for use as social condensers within contemporary civic life. These spaces, once vital, cheap and convivial, run by people passionate about building community frameworks through cultural practice, are currently almost lost to the kinds of use that could be formed through the idea of the social condenser, an architecture in which, to use Jane Rendell's analysis, might provide a transitional set of spaces in which forms of living can be rehearsed and experienced differently to those shaped by contemporary capitalism.[1]

The social condenser, a building model developed by constructivist practitioners and specifically exemplified by the work of Moisei Ginzburg and Ignatii Milinis's Narkomfin Communal House built in 1928-9 in Moscow, and later to influence Corbusier, was a dense housing form developed to produce revolutionary citizens whose life and work patterns were to be influenced by their co-produced living within substantial blocks with communal kitchens, streets, childcare, laundry, etc. Largely presumed to have failed, as architecture in the Soviet Union became reified under Stalin, the concept of the social condenser nevertheless continues to influence generations of architects whose work proposes alternative modes of living as basic pedagogical and social tools for community use. My purpose here is to hypothesize on the value of arts institutions as social condensers. Specifically, I will argue that one form of institution – the arts centre - once held the key to a form of social condensation that, unlike its predecessor in the USSR, developed in sporadic form across Europe and North America and provided spaces for cultural and social exchange, learning, relaxation and forms of solidarity hosting that can be understood as an informal political transformation of Soviet condensation at a local and often community organized level. The hypothesis is not without important precedents in the community arts movement of the 1970s and 1980s in the UK, wherein the explicit desire of arts practitioners was to propose art (in multidisciplinary forms) as a model of social learning and practicing. In my view this form of artistic practice is no longer supported by mainstream funders and institution curators, and has been purposively marginalized, except as archaic residuals whose aesthetic (rather than social) demand nevertheless influences new generations of artists. Rather than focusing on the architectural innovation of these centres, which were rarely notable in this respect, I will focus on forms of social use of built space, of which the arts centre was very much a part.

1. Jane Rendell, 'The Setting and the Social Condenser: Transitional Objects in Architecture and Psychoanalysis' http://www.janerendell.co.uk/wp-content/uploads/2013/02/The-Setting-and-the-Social-Condenser.pdf

Growing up in the 1970s in a provincial town in the UK I remember the network of small-scale theatres, galleries, local museums and community centres upon which we relied in unregulated ways. In these spaces we were deposited as babies and toddlers in playgroups, ferried after school to art and drama clubs, learned about feminism in poster workshops, attended our first CND and Amnesty International youth meetings, went to discos, smoked our first cigarettes, and, later, spent illicit nights drinking Jamaican lager and listening to competing sound systems. We paid entrance fees

grounds, transportados depois da aula para clubes de artes e teatro, aprendíamos sobre o feminismo em oficinas de cartazes, frequentamos nossas primeiras reuniões da CND[3] e da Anistia Internacional, fomos a discotecas, fumamos os primeiros cigarros e, mais tarde, passamos noites ilícitas bebendo cerveja jamaicana escutando competição de caixas de som. Pagávamos ingressos para alguns eventos, mas na maioria das vezes tomávamos como certo o espaço, ou muito barato ou grátis, com descontos e subsídios de caridade, além de grupos de voluntários trabalhando nos bastidores – artistas, diretores de teatro desempregados, professores de ensino fundamental e servidores sociais fora do expediente, assim como desempregados e pessoas "fora do sistema" por uma variedade de motivos sociais ou de saúde. Esses espaços – igrejas convertidas, prefeituras, escolas antigas – eram financiados pelo Estado. Embora não fossem de forma alguma ilustres, e embora seus orçamentos fossem discutidos, negados e aprovados em detrimento de alguns outros serviços, nenhuma espécie de patrocínio privado era legível no que concerne às suas marcas ou usos.

3. (N.T.) *Campaign for Nuclear Disarmament*, organização militante pelo desarmamento nuclear.

Quando adolescentes, não tínhamos a noção de que esses espaços pertenciam a uma rede mais ampla de centros e laboratórios de artes no Reino Unido. O *ethos* desses centros estava fundado ideologicamente na ideia de prover cultura para todos. Organizações desse tipo surgiram no Reino Unido nos anos 1960 e 1970 e costumavam organizar programações com palestras, exposições e eventos dedicados ao que no tempo era tido como uma história radical da política e da estética de vanguarda, com falas[4] orientadas à comunidade, atividades para idosos e crianças, um trabalho de apoio local em colaboração com as escolas, universidades, centros cirúrgicos, aparelhos de saúde, serviço social e etc. Exemplos incluem o centro *Third Eye* em Glasgow, montado pelo fundador do *International Times*, Tom Mcgrath, em 1975; o *Roundhouse London*, localizado num depósito de motores ferroviários vitoriano, iniciado pelo dramaturgo Arnold Wesker e a *Centre 42 Theatre Company* em 1964; o *Middle Arts Center* em Birmingham, fundado por moradores e políticos locais em 1962 e que viria a sediar os primeiros experimentos e ensaios de Mike Leigh; o centro *The Blackie*, uma igreja em Liverpool convertida em 1967 por uma equipe de artistas da comunidade liderados por Bill e Wendy Harpe e o *The Albany Empire*, em Londres, fundado em 1966 por Paul Ciurno, autor de *Political Issues and Community Work* (1978).[5]

4. (N.T.) Aqui traduziu-se o termo *teach-in* por falas, embora o significado original denote um tipo de discussão mais excepcional, entre o seminário e a aula, geralmente relacionada a questões políticas atuais.

5. (N.T.) *"Questões políticas e trabalho comunitário".*

Esses centros advogavam por novas formas de arte e experimentações interdisciplinares, mas eram também guiados por compromissos sociais específicos, que iam das necessidades de grupos locais de serem abrigados e desenvolvidos até a promoção de atividades culturais como oficinas de *silk-screen* ou percussão, ou até plataformas nacionais como o *Rock Against Racism* e, mais tarde, o início da *Pride*. A atividade e a "qualidade" da produção, fosse música, teatro, fantoche, circo, cartaz, *slam* de poesia ou instalação, seria julgada em termos da participação

for some things but mostly took for granted the free or minimally-charged and charity-discounted space and cohort of volunteers that worked behind the scenes – artists, out of work theatre directors, school teachers, solicitors, social workers in their time off as well as unemployed people and people 'outside the system' for any number of social and health-related reasons. These places – converted churches, town halls, and old schools – were state funded. Whilst they were by no means illustrious, and no doubt their local grants were argued for, won and lost, at some cost to other services, no dominant private sponsorship was legible in either their branding or their use.

We were not aware as teenagers that these spaces belonged to a wider network of arts centres and arts labs in the UK, the ethos of which was premised, ideologically, on the idea of cultural provision for everyone. Such organizations emerged in the 1960s and 1970s in the UK (and elsewhere) and typically ran programmes of talks, exhibitions and events dedicated to what was understood at the time as a radical history of avant-garde aesthetics and politics with community-focused teach-ins, workshops, children and OAP activities, local outreach support work in collaboration with schools, colleges, surgeries, social work and health institutions, etc. Examples include the Third Eye Centre in Glasgow, set up by International Times founder Tom McGrath in 1975, The Roundhouse London, sited in a Victorian railway engine shed and initiated by playwright Arnold Wesker and the Centre 42 Theatre Company in 1964, Midland Arts Centre in Birmingham, established by local residents and politicians in 1962 and soon to house early rehearsing experiments by Mike Leigh, The Blackie, a converted congregational church in Liverpool in 1967 by a team of community artist led by Bill and Wendy Harpe, The Albany Empire in London, set up in 1966 by Paul Curno, author of Political Issues and Community Work (1978).

These centres championed new artforms and interdisciplinary experimentation in the arts but were also driven by specific social commitments, whether they be to local social groups' need for space to be housed and developed, to the provision of free cultural activities such as silkscreen poster workshops or drumming, or to national platforms such as Rock Against Racism and, later, the beginnings of Pride. The activity and 'quality' of production, be it music, theatre, puppetry, circus, poster, poetry slam, installation, was to be judged rather in terms of the participation of unskilled and skilled (untrained and trained) people making something together, rather than on the broader regime of aesthetic values against which such organizations were to have to pit themselves in the 1990s. Implicit (and sometimes explicit) in these productions was the social value of the avant-garde – or what might now be termed experimentality: the idea that within the radical discourses and practices of formal and structural experimentation in the arts was a commitment to formal and structural social recalibration, whether it be in authorship, spectatorship or spatial and administrative structuring (that indeed at the base of aesthetic experimentation lay such a commitment).

Over the course of the last two decades arts centres have changed dramatically, some scaling up to become beacons of cultural industrial success, rebuilding and rebranding, leading the way in local and national regeneration schemes; others fading

de pessoas experientes e inexperientes (treinadas e não treinadas) realizando um trabalho juntas, no lugar de referir-se a um regime mais amplo de valores estéticos contra as quais essas mesmas organizações teriam de entrincheirar-se nos anos 90. Implícito (e às vezes explícito) nessas produções estava o valor social das vanguardas – ou o que se chamaria hoje em dia de experimentalidade: a ideia de que dentro dos discursos e práticas radicais da experimentação formal e estrutural nas artes estava um comprometimento com a recalibração social também estrutural e formal; fosse em questão de autoria, plateia ou estruturamento espacial e administrativo (que de fato estivesse tal comprometimento na base da experimentação estética).

Ao longo das últimas duas décadas, os centros de arte mudaram radicalmente, alguns foram crescendo em escala até tornarem-se bastiões do sucesso cultural-industrial, reformando e redefinindo, abrindo caminhos em esquemas de regeneração locais e globais; outros foram desaparecendo aos poucos ou tentavam se manter com uma oferta menor, com verbas reduzidas, frequentemente fechando conforme os edifícios eram comprados por especuladores imobiliários ou administradores mais ambiciosos. Onde outrora haviam espaços culturais orientados para o local, politicamente motivados e intelectualmente ambiciosos, com toda sua bagunça e irregularidade frustrante. Agora os centros de arte, em sua maioria, tornaram-se espaços para competição cultural mensuradas através de conceitos de excelência e celebridade internacional. Enquanto os experimentos soviéticos com condensadores sociais eram tanto um programa socioeconômico de habitação e moradia quanto edifício icônico, o experimento social britânico com os centros de arte raramente envolvia um edifício icônico (embora, como descrito nos exemplos acima, envolvessem prédios que já haviam sido icônicos, no mínimo com significância histórica, cultural e material). No Reino Unido, é importante notar que os centros de arte não faziam parte de um imperativo social ou arquitetônico governamental (embora muitos haviam obtido verba com pequenos orçamentos de governos locais e nacionais). Isto é, foram desenvolvidos localmente por grupos de usuários, artistas e ativistas da comunidade em colaboração com o governo local.

Especificamente, o centro de arte no Reino Unido foi transformado através de investimentos arquitetônicos. Projetos de grande porte como o *Tate Modern* de Herzog e De Meuron, com sua extensão até o *Switch House* (abertos em 2000 e 2016, respectivamente) mascaram transformações menores que são ainda socialmente significativas. Muitas dessas transformações foram instigadas por alterações no apoio do governo e do conselho de artes. O *Lottery Fund*, estabelecido em 1994, que providenciava verba para a construção e reforma de antigos centros de arte, galerias, teatros, laboratórios e etc. provocou muito debate devido às grandes quantias prometidas para "projetos de capital" sem que houvesse garantias de programação ou manutenção infraestrutural. Isso deixou uma nova rede de centros culturais sem uma arquitetura correspondente, em competição por capital privado ou público para arcar com os custos de projetos.[6] Cabe examinar os meus exemplos mais profundamente para analisar essa transformação. Enquanto o *Albany Empire* e o *Blackie* (agora chamado Black-E) continuam a resistir com baixos orçamentos e com pouca

slowly or trying to maintain small amounts of cultural provision on much smaller budgets, often closing as their buildings are brought by property speculators or more ambitious administrators. Where once locally-oriented, politically motivated and intellectually ambitious spaces of culture existed in all their messy and frustrating irregularity in Europe and North America, now most arts centres have become spaces of cultural competition measured through excellence indicators and international celebrity. Whilst the Soviet social condenser experiments were both forms of social, economic and habitational programme and iconic building, the British social experiment of the arts centre was rarely an iconic building (though, as described in the examples above, often were housed in buildings once iconic – or at least with cultural and material historic significance). In the UK, it is important to note, arts centres were not part of a governmental social and architectural imperative (although many were funded through small grants from local and national government). Rather they were developed locally by user groups, artists and community activists in collaboration with local government.

Specifically, the UK arts centre has been transformed though architectural investment. High profile architectural developments, such as Herzog and De Meuron's Tate Modern in London with its extension into the Switch House (opened 2000 and 2016 respectively) mask smaller transformations that are nevertheless socially significant. Much of this transformation has been instigated by changes in government and arts council support for the arts. The Lottery Fund, established in 1994, which provided funds for the building of new and refurbishment of old arts centres, galleries, theatres, labs, etc., provoked much debate due to the large sums for 'capital projects' that it promised without guaranteeing any programming or ongoing infrastructural cost provision. This left a newly architecturally enfranchised network of arts centres, galleries and museums in competition with each other in pursuit of private and public capital for ongoing project costs.[2] It is worth examining further my examples to analyse this transformation.

2. See my analysis of the Arts Council Catalyst Fund at http://howtoworktogether.org/think-tank/invest-in-what-how-to-work-together-the-arts-councils-catalyst-fund-and-arts-contemporary-economic-infrastructure/

Whilst The Albany Empire and The Blackie (now rechristened the Black-E), continue to struggle on low budgets and with low profile outside of the city neighbourhoods in which they are based, The Midland Arts Centre and The Third Eye Centre have been transformed by a combination of local council and National Lottery funding (MAC receiving a combined grant of 15 million pounds for a complete refurbishment of its buildings in 2010, The Third Eye Centre rebranding as CCA (Centre for Contemporary Arts) in 1992 and receiving a National Lottery refurbishment grant for its building on Sauchiehall Street in 1996 of 10.5 million pounds (All of these centres have received smaller lottery grants for projects and renovations). The shift in ideological determination is, however, subtle and difficult to read beyond the evident smartening of buildings and employment of new staff in communication and fundraising. All of these centres offer participatory workshops of some kind on a regular basis, all have significant outreach programmes, and all make regular contact with local community groups, schools, etc. However the ideological shift can be read in the granularity of the 'offer' of participation: no longer a free and flexible

projeção para além dos bairros em que estão situados, o *Midland Arts Centre* e o *Third Eye Centre* foram transformados através de uma combinação de verba dos conselhos locais e da *National Lottery* (o MAC recebeu um orçamento total de 15 milhões de Libras para a reforma completa de seus edifícios em 2010, o *Third Eye* alterou o nome para CCA em 1992 e recebeu verba da *National Lottery Fund* no valor de 10.5 milhões para reformar o edifício da rua Sauchiehall em 1996), todos esses centros receberam verbas menores para projetos e renovações. A mudança em determinações ideológicas é, porém, sutil e difícil de ler para além do evidente melhoramento dos edifícios e da contratação de pessoas para comunicação e arrecadação de verba. Todos esses centros regularmente oferecem algum tipo de workshop participativo, todos têm programas de divulgação significativos e todos fazem contato regular com escolas e grupos comunitários locais. Contudo, a mudança ideológica pode ser lida na granularidade das "ofertas" de participação: não mais uma abordagem livre e flexível para unir e agregar pessoas com crenças e valores em comum (o que eu chamei antes de "abrigar a solidariedade"), mas uma oferta discreta e limitada onde muitas coisas estão fora do alcance: a equipe curatorial, os espaços da galeria, o CEO, a discussões sobre orçamento e o período de tempo necessário para habitar e remodelar os espaços através de um comprometimento social contínuo. Uma diferença notável também advém sob a forma da priorização do "espaço de artes": o *MAC* e o *CCA* são conhecidos principalmente como espaços para assistir, com as artes visuais dominando o circuito. O *Black-E* e o *Albany Empire*, por outro lado, são mais bagunçados, com espaços múltiplos porém menores que os grupos podem usar. O *Empire,* especificamente, tem seu primeiro andar dominado por um café comunitário.

6. Ver minha análise do *Arts Council Catalyst Fund* em http://howto-worktogether.org/think-tank/invest-in-what-how-to-work-together-the-arts-councils-catalyst-fund-and-arts-contemporary-economic-infrastructure/, acessado em 15 de outubro de 2017.

Essa paisagem de organizações para as artes – galerias, museus e centros – expandiu-se rápida e globalmente ao longo das últimas décadas. Onde haviam pequenos projetos locais e intercomunitários (criados e moldados por membros da comunidade junto com os praticantes) e projetos que não eram específicos a nenhuma mídia (projetos desenvolvidos a partir de uma questão, causa ou interesse que possa assumir qualquer forma ou temporalidade) que sempre ocorreram entre praticantes e aqueles interessados em assistir e aprender – encontrar modos de ver e pensar – em várias texturas de posicionamento formal e informal, existem agora espaços alterados radicalmente pelos desejos de visibilidade, junto com a pressão de uma sustentabilidade financeira.

A transformação, porém, é complexa. Examinando os meus quatro exemplos, é possível dizer que o *Black-E* e o *Albany Empire* guardam ainda os valores de condensação social encarnados na primeira experimentalidade dos primeiros centros de arte. Eles são espaços no qual a acessibilidade por parte da comunidade, ou no limite a proteção de comunidades, estão em posição superior à novidade arquitetônica sofisticada. O edifício é o resultado do espaço físico necessário para a prática de determinados valores – inclusive, nesse sentido, esses centros de arte podem ser vistos como redefinindo a ideia de condensador social.

approach to joining and committing to people with shared beliefs and values (what I termed earlier 'solidarity hosting'), more a discrete and limited offer where many things are out of bounds: the curatorial staff, the gallery spaces, the CEO, the discussion of how budgets can be spent, the timeframe necessary to inhabit and reshape spaces through ongoing social commitment. A notable difference also comes in the form of the prioritization of 'art space': the MAC and the CCA are now known primarily as centres of spectating, with visual arts dominant. The Black-E and the Albany Empire, on the other hand, are messier, with smaller but multiple spaces for local groups to use. The Empire, in particular, is dominated on the ground floor by a community café.

This landscape of arts organizations – galleries, museums, and arts centres – has expanded rapidly and globally over the past two decades. Where local and often very small scale intra-community (projects made and shaped between community members alongside practitioners) and non-medium specific projects (projects which are made from the basis of a question or a cause or an interest that might take any shape and temporality) has always taken place between practitioners and those interested in looking and learning – finding ways of seeing and thinking – in various textures of informal and formal placement, desires of visibility, along with the pressure of provable financial sustainability, has altered these spaces.

But the transformation is complex. Examining my four examples, it is possible to say that The Black-E and the Albany Empire have both retained the values of social condensation epitomized by early arts centre experimentality. They are spaces in which community accessibility and, to a certain extent, community safeguarding, holds place over novel architectural sophistication. The building is the result of the space which is needed to practice certain values (and in this way such arts centres could be understood to redefine social condensation). However, the MAC and the CCA, in receipt of large grants to pay for architectural and programmatic transformation, have had difficulty holding on to those core values – or, in a more complex way, have become examples of how those social values have become programmatised in a way that produces subjective and political alienation. Looking at the websites of these organizations in 2016, the imperative to invite audiences to participate in the programme is unmistakable, and yet it it the method of invite, the direction of that invite, and the uniformity of that invite that produces material that may be analysed politically. At the base of these transformations runs the imperative of financial sustainability: in order to attract increasing private and public funding to maintain and develop programme for contemporary institutions, the shift from unpredictable social outcome to predictable and aestheticized social outcome that may be economized is paramount.

This has ramifications for any comparison with Soviet Social Condensers, whose scale (real and imagined) and programme for ways of collective living was evidently directional; from the state to the people in instructional form. But what I am proposing is an alternative modelling – or understanding – of the social condenser, one that is divided from the early 1920s both geographically, culturally and, in historical terms, by the radical programmatic shifts in communism under Stalin in the USSR and, twenty years later, the formal establishment of the welfare state in the UK. The arts centres I describe are

O *MAC* e o *CCA*, por outro lado, tendo recebido grandes quantias de dinheiro para pagar por transformações em programa e arquitetura, tiveram mais dificuldade em se ater a esses valores primários – ou, dito de forma mais complexa, tornaram-se exemplos de como esses valores sociais foram programatizados de forma a produzir uma alienação subjetiva e política. Olhando as páginas dessas organizações em 2016, a importância dada ao convite de pessoas à participação no programa é inegável, mas é o método, a *direção* e a uniformidade desse convite que produz material para ser analisado politicamente. Na base dessas transformações está o imperativo da estabilidade financeira: para atrair maiores fomentos públicos ou privados, para manter ou desenvolver um programa em instituições contemporâneas, a mudança de um resultado social imprevisível a um resultado social previsível e esteticizado é imprescindível.

Isso possui ramificações para a comparação com os condensadores sociais soviéticos, cuja escala (real ou imaginada) e programa quanto aos modos de vida coletivos eram evidentemente direcionais: do estado às pessoas de forma instrucional. O que proponho, porém, é uma remodelação – ou compreensão – alternativa do condensador social, uma que está separada do início da década de 1920 tanto geográfica quanto culturalmente, em termos históricos pelas mudanças programáticas no comunismo radicais sob Stalin e, vinte anos mais tarde, o estabelecimento do estado de bem-estar social no Reino Unido.

Os centros de arte que descrevo são produtos do estado de bem-estar social e de sua histórias, histórias mistas e ambivalentes de patrocínio e socialismo. A transformação dos centros de arte coincide com a destruição do estado de bem-estar social, desde o início do governo conservador de Margaret Thatcher no final dos anos 1970. Talvez agora reconheçamos a maioria dos centros de arte em sua forma transformada como uma rede de galerias e teatros que circulam exposições, concertos e produções de um grupo seleto e aprovado de produtores culturais de forma mais dinâmica e bem divulgada – jogadores com ambições internacionais cujos relacionamentos com seus locais é normalmente (mas nem sempre) posta de acordo com a vontade de seus financiadores e patronos privados. Sem querer lamentar uma paisagem perdida, que significava tanto riqueza cultural quanto pobreza e inequidade fiscal ou colocar ênfase demais sobre a relação dos condensadores sociais com uma busca mais ampla por novas formas contemporâneas de condensação social, estou argumentando que a redução em escala e arquitetura icônica dos museus e galerias (as instituições, mais amplamente) contemporâneos em favor de centros de arte menores, mais geridos pelos usuários e modelados sobre uma forma meio-estatal, meio-orgânica prévia. O colapso – ou transformação – dos centros de arte é uma perda política e social não somente para paisagem das artes, mas também para uma estrutura social fundada sobre a aceitação, cooperação e pertencimento. A dificuldade é mover-se rumo a uma transformação sabendo das mudanças subjetivas e infraestruturais que tiveram lugar no Reino Unido e em outros lugares ao longo dos últimos 50 anos que parecem impossíveis de serem contestadas. Um contexto dessa ordem já parecia estar em jogo no edifício Narkomfin. Enquanto os valores da cooperação e do pertencimento encontram eco, em alguma medida,

products of the welfare state and its histories, mixed and ambivalent histories of patronage and socialism. The transformation of arts centres coincides with the destruction of the welfare state, starting under Margaret Thatcher's Conservative government in the late 1970s. We might now recognize many old arts centres in their transformed forms as the network of galleries and theatres that circulate exhibitions, concerts and productions of a sanctioned cohort of cultural producers in far more stream-lined and well-publicized ways in 2016 – players with international ambitions whose relationship with their locales is usually (but not always) brought in to play at the behest of their funders and private patrons. Without wishing to eulogize a lost landscape, which in many other ways epitomized great cultural as well as fiscal poverty and inequality, or to over-emphasize formal relations between Social Condensers and a broader search for new forms of contemporary social condensation, I am arguing for the reduction of scale and iconic architecture of contemporary museums and galleries (more broadly 'arts institutions') in favour of smaller, more diverse and more participant-run arts centres modelled on a previous, part-state, part-organic form. The demise – or transformation – of the arts centre is a social and political loss to the landscape of not simply the arts but also a social infrastructure founded on acceptance, cooperation and belonging. The difficulty is to move towards transformation in the knowledge that and experience of the subjective and infrastructural shifts that have taken place, in the UK and elsewhere, over the last 50 years, are deeply embedded and often seem impossible to contest. Such a context already seemed to be at play in the Narkomfin Building. Whilst the values of cooperation and belonging echo to some extent the language of early social condensation in the sense described by Victor Buchli as the 'easing in' rather than imposition of 'fully socialized' ways of living, the relative failure of the Narkomfin Building which he describes was also due to the hierarchisation of power in the Soviet Union (not everyone was to be transformed – senior officials managed to obtain penthouse suites on the top of the building).[3] Cooperation is difficult to maintain, despite its architectural imbrication within the political context of continued poverty and exceptionalism. 'Belonging' meant to the Soviet, not necessarily to a psycho-social sense of community.

3. Victor Buchli, *An Archaeology of Socialism* (Oxford, Berg, 1999) p.67

The architectural purpose of the social condenser-as-building within constructivism was to produce a subject whose daily life was socialist. This explicit demand within early Soviet ideology (quickly repurposed to more stringent revolutionary demands) understood the participant body of the citizen as a socialist unit – a producer of alternative modes of living shaped by interior and exterior form (great emphasis was placed on the relative size of sleeping facilities and kitchens, communal areas, etc.; bourgeois living was to be eased out – people were 'trained' through the architecture to live their lives as the producers of the social – at least so was the theory). This radical idea of everyday subjective training was and is much criticized as a form of manipulation, yet it is not so far from current participatory models within the arts. What is missing is the link between incipient forms of social condensation (almost to be imagined pre-Narkomfin) and what I might describe as collective social practice emerging from the arts despite the current fetishisation of participation within large cultural institutions (a fetishisation which, ironical-

na linguagem da condensação social, tal como entendida por Victor Buchli; a introdução gradual em vez da imposição de formas de vida "inteiramente socializadas", o fracasso relativo do projeto se deve à hierarquização de poder na URSS (nem todos foram transformados, oficiais superiores conseguiram manter apartamentos na cobertura do edifício).[7] A cooperação é difícil de manter, apesar de sua imbricação arquitetônica num contexto de pobreza e excepcionalismo prolongado. "Pertencer" queria dizer ao soviete, não necessariamente um sentimento psicossocial de comunidade.

7. Victor Buchli, *An Archaeology of Socialism* (Oxford, Berg, 1999), p. 67.

O propósito arquitetônico do condensador social construtivista enquanto edifício era produzir um sujeito cuja vida diária fosse socialista. Essa demanda explícita na primeira ideologia soviética (logo tornada uma demanda mais rígida) entendia o corpo participante do cidadão como uma unidade socialista – um produtor de modos de vida alternativos moldadas por formas interiores e exteriores (grande ênfase era colocada sobre o tamanho relativo dos dormitórios, cozinhas, áreas comunais e etc. O modo de vida burguês tinha de ser aposentado aos poucos, as pessoas deveriam ser "treinadas" através da arquitetura para viverem suas vidas como produtoras do social, pelo menos em teoria).

Essa ideia radical de um treinamento subjetivo cotidiano era e ainda é criticada por ser uma forma de manipulação, mas não está tão distante do modelo participatório moderno nas artes. O que falta são ligações entre formas incipientes de condensação (quase imaginadas pré-Narkomfm) e o que eu poderia descrever como uma prática social coletiva que emerge das artes apesar da corrente fetichização da participação dentro de instituições maiores (uma fetichização que, ironicamente, poderia ser relacionada à condensação social sob Lenin, mas de uma perspectiva política inteiramente diferente: as duas formas são projetadas para moldar os sujeitos de modos mais ou menos impositivos ao contrário de coproduzir maneiras de se viver; ambas se inscrevem a partir da lógica política dominante de seu tempo).

A institucionalização da participação e do engajamento é agora endêmica à organização financeira-estrutural das instituições de arte.[8] Ao redor do mundo, museus, galerias e bienais convidam artistas ou manejam iniciativas artísticas que propõem o remodelamento do público em uma comunidade temporária qualificável e quantificável. A banalização da comunidade permeia a indústria cultural no Reino Unido e em outro lugares – uma banalização tornada completa através da hegemonia do que Wendy Brown considera o governamentalização da "boa prática" ("*good practice*") dentro da estrutura das artes.[9] Uma banalização, qualificação e quantificação exigida por agências de fomento estatais e, crescentemente, por patrocinadores privados.

8. Ver Andrea Phillips, *Service: art, value, merit, and the making of publics" In: Public Servants: Art and the Crisis of the Common Good*, eds. Johanna Burton, Shannon Jackson and Dominic Willsdon (Cambridge, Mass: MIT, 2016).

No cerne dessa banalização – que deve ser entendida como um investimento político – está um equívoco quanto ao sujeito de suas

ly, might be related to that of social condensation under Lenin, but from an entirely different political perspective: both forms are designed to shape their subjects in more and less imposed ways rather than to coproduce ways of living; both are inscribed through the dominant political logics of their time).

The institutionalization of participation and engagement is now endemic within the structure of and financial organization of arts institutions.[4] Across the world museums, galleries, biennials invite artists or handle artistic initiatives for the purpose of shaping their publics into temporary, qualifiable and quantifiable community. The banalisation of community is pervasive within the cultural industries in the UK as elsewhere – a banalisation rendered complete through the hegemony of that which Wendy Brown recognizes as the governmentalisation of 'good practice' within the structure of the arts.[5] A banalisation, qualification and quantification demanded by state funding agencies and, increasingly, private patrons.

4. See Andrea Phillips, 'In Service: art, value, merit, and the making of publics' in (eds. Johanna Burton, Shannon Jackson and Dominic Willsdon, *Public Servants: Art and the Crisis of the Common Good* (Cambridge, Mass: MIT, 2016).

At the heart of this banalisation – which must be understood as a political investment – is the misrecognition of the subject of its intent – the participant. Here social engagement in the arts not only fulfils private and public criteria of inclusion but also maintains – does not disrupt at all – the modes through which the person – the participant-subject – is utilised within a scheme that is entirely wrought through European histories of benevolent liberal governmentalisation. As Isabell Lorey says, '"Western man" has to learn to have a body that is not dependent on particular conditions of existence, which means he must learn that "his" precariousness assumes different extents that he can influence. [...] Through attending to what is one's own, the ties to others are dissolved, relational difference is segmented. Individualization is the precondition for the Western liberal governing of everyone's body and self.'[6] Perhaps most frightening is the export of this model at a global scale as increasingly states take up the discourse and practice of participation in the spread of cultural industrial models for the purposes of city branding and neo-financial practices of community investment.

5. Wendy Brown, *Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution* (New York, Zone Books, 2015), p.135.

6. Isabell Lorey, *State of Insecurity: Government of the Precarious* (London, Verso, 2015), pp. 25-6.

This market relation needs to be examined carefully for it is the practice that renders 'community arts' a brand and branch of liberalism, despite the criticisms of its participant-makers. Early forms of social condensation theorized and – to a certain extent – practiced by constructivist architecture were similarly caught between social experimentation and the practicing and enabling of new forms of sociality. Arts centres, having morphed from low-key experimental spaces to high profile participation-heavy institutions, mimic in many ways the political dialectic of early Soviet infrastructure. There is a keen difference between the participant-subject and the subject of participation. The former is a subject with articulation within a cooperative structure of belonging, the latter is subjected to participation.

intenções, isto é, o participante. Aqui o engajamento social nas artes não só cumpre critérios públicos e privados de inclusão mas mantém – não rompe de qualquer forma – os modos através dos quais a pessoa (o participante-sujeito) é utilizada num esquema tecido através das histórias Europeias da governamentalização liberal benevolente. Como diz Isabell Lorey, o "homem ocidental" tem de aprender a ter um corpo que não é dependente de condições particulares de existência, o que quer dizer que sua precariedade assume diferentes extensões que ele pode influenciar (...) Através do cuidado ao que é próprio (a alguém) as amarras aos outros são dissolvidas e a diferença relacional é segmentada. A individualização é a condição que possibilita o governo ocidental-liberal dos eus e dos corpos.[10] Talvez o mais assustador seja a exportação deste modelo numa escala global, enquanto os estados cada vez mais assumem esse discurso e prática da participação dos modelos culturais-industriais para propósitos de *city branding* e práticas neofinanceiras de investimentos comunitários.

10. Isabell Lorey, *State of Insecurity: Government of the Precarious* (London, Verso, 2015), p. 25-6.

Essa relação de mercado precisa ser analisada com cuidado, pois é ela que faz das "artes comunitárias" ("*community arts*") uma marca vertente do liberalismo, apesar das críticas de seus participantes-fazedores ("*participant-makers*"). As primeiras formas de condensação social teorizadas e (até certo ponto) praticadas pela arquitetura construtivista eram também presas entre a experimentação social e a possibilitação de novas formas de socialidade. Os centros de arte, uma vez transformados em espaços de experimentação reduzidos a instituições de alto nível com enfoque em participação, de muitas maneiras encenam a dialética política da primeira infraestrutura soviética. Há uma diferença aguda entre o sujeito-participante e o sujeito da participação. O primeiro é um sujeito articulado dentro de uma estrutura cooperativa de pertencimento, o segundo é *sujeitado* a uma forma de participação. A comunidade, tornada explicita e política por pensadoras como Judith Butler ou Silvia Federici – inclui os nossos próprios corpos – sejamos artistas, curadores, diretores de museus ou outros trabalhadores – no desenvolvimento de formas de facilitação cultural.[11] A comunidade inclui a luta por escolas e moradias locais, assim como pela justiça global e a manutenção dos centros de arte – *locus* das discussões e práticas (estéticas e sociais) em que se debatem e agem sobre tais lutas. Essa ideia da comunidade – uma que foi mantida ao longo de várias décadas por praticantes não celebrados – é uma crítica direta da comunidade cultural empreendedora, composta em *eventais*,[12] formas de celebração em hierarquias de antecipação e recepção. Podemos dizer que o movimento dos centros de arte – principalmente no que tange às relações de solidariedade estabelecidas com os movimentos de arte comunitária dos anos 1970 e 1980 no Reino Unido – situa-se num local de facilitação desconfortável. O que há

11. Ver Judith Butler, *Senses of the subject* (New York, Fordham University Press, 2015) e Silvia Federici, *Feminism and the Politics of the Commons* em http://www.commoner.org.uk/?p=113, acessado em 17 de outubro de 2017.

12. (N.T.) No inglês *evental*. É presumivelmente um neologismo cunhado pela autora, provavelmente aproveitando-se da polissemia entre eventual (no sentido de esporádico) e o evento de grande escala, dos gestos publicitários.

Community – rendered explicit and political by writers such as Judith Butler and Silvia Federici – includes our own bodies, whether we be artists, curators, museum directors or other workers, in the development of forms of cultural facilitation.[7] Community includes the fight for local schools, local housing, as well as global justice and the maintenance of the arts centre – the locus of discussions and practices (aesthetic and social) in which such fights are debated and acted upon. This understanding of community – one that has been apprehended across decades by many uncelebrated practitioners – is a direct critique of cultural entrepreneurial community, fashioned in evental forms of celebration in hierarchies of anticipation and reception. We can say that the arts centre movement – and importantly in relation to and solidarity with the community arts movement of the 1970s and 1980s in the UK[8] – sits at the site of uncomfortable facilitation. Importantly – and missing from many contemporary practices of relational and so-called engaged artistic and curatorial initiatives[9] – is the deep and careful understanding of the power and autonomy embedded in facilitation itself.

7. See for example: Judith Butler, *Senses of the subject* (New York, Fordham University Press, 2015) and Silvia Federici, 'Feminism and the Politics of the Commons' at http://www.commoner.org.uk/?p=113

8. See http://www.biennial.com/journal/issue-5. Accessed 05 01 17.

But in having rendered my own memories, my aim is now to assert an ongoing commitment to the idea of the arts centre as a place where as a user I might encounter not only new forms of cultural production but also learn about, experiment with and participate in the development of new forms of community relation, both local and global. We need to claim back arts centres and transform them from within, working with those people who remember and want to reimagine them as places where answers do not come easily and intellectual, political and shared, transparent work can be done. The best centres are – and might become – leaky, porous entities in which ideas enter grey zones between people and situations, not owned or marketable. Just as arts centres have morphed into sites of the performance of neoliberalism so they can transform again into locations where we test and perform practices of equality on a daily basis – not just through the making of exhibitions and events but through equal staffing and pay structures, through fair pricing, through the maintenance of equality within our collegiate relationships, and through the recognition of the intelligences of our audiences.

9. For an argument against radical community practices of participation see Claire Bishop, *Artificial Hells: Participatory Art and the Politics of Spectatorship* (London, Verso, 2012).

We have an opportunity, though one in which it will be difficult to build solidarity due to the very nature of art's competitive and individualized core. The opportunity is in the network of arts spaces in the UK and internationally – spaces with heating, water, chairs and tables, often books and cafes. Imagine a landscape in which, for example in London, the majorly corporatized galleries and museums are reclaimed for public use. What if we reclaimed those arts centres that have morphed away into privatized projections of culture in which our bodies and brains behave themselves? Writing on the eve of the opening of Tate Modern's new building, it seems necessary to invest in buildings and people working at a smaller scale who are brave enough to

de importante – e que falta para muitas iniciativas contemporâneas artísticas e curatoriais que se dizem relacionais ou engajadas – é a profunda e cuidadosa compreensão do poder e da autonomia contidas na facilitação em si.

Porém, ao relatar as minhas próprias memórias, meu intuito se torna assegurar um comprometimento contínuo com a ideia do centro de arte como um lugar onde, como usuária, eu poderia encontrar não só novas formas de produção cultural, mas aprender e experimentar com o desenvolvimento de novas formas de relações comunitárias, locais ou globais. Precisamos reativar os centros de artes e transformá-los por dentro, trabalhando com aqueles que se recordam e queiram reimaginá-los como locais onde as respostas não chegam fácil ou intelectualmente. Assim, um trabalho transparente, político e compartilhado pode ser feito. Os melhores centros são – e podem tornar-se – entidades porosas, transbordantes, onde ideias habitam uma área cinzenta entre as pessoas e as situações, sem relações de posse ou de mercado. Conforme os centros de arte metamorfoseiam-se em lugares da performance do neoliberalismo, podemos transformá-los novamente em locais onde experimentamos e praticamos práticas de igualdade diariamente – não apenas através da promoção de exibições e eventos, mas de estruturas igualitárias de contratação e pagamento, através de preços justos, da manutenção da igualdade entre nossos colegas, e através do reconhecimento da inteligência de nosso público.

Nós temos uma oportunidade, embora seja uma difícil de construir solidariedade devido à natureza competitiva e individualizada que está no cerne da arte. A oportunidade reside numa rede de espaços artísticos no Reino Unido e no mundo, espaços com aquecimento, água, mesas e cadeiras, frequentemente livros e cafés. Imaginem uma paisagem, Londres, por exemplo, onde as galerias e museus mais corporativizados são reassumidos para uso público. E se nós reativássemos aqueles centros artísticos que se transformaram em projeções privatizadas de cultura em que nossos corpos e mentes se comportam? Escrevendo na véspera da abertura do novo edifício da *Tate Modern*, me parece necessário investir em prédios e pessoas funcionando numa escala menor que são corajosas o suficiente para desarmar, através de seus programas, as linguagens da beneficência cultural tão aparentes hoje. O que precisa mudar? Como isso seria organizado?

Sob a narrativa da conquista artística vendidas por essa instituições (não importa o quão socialmente engajadas elas parecem ou quantos estudantes de colégio ou grupos comunitários estão registrados como seus parceiros) corre um conceito narcisista e profundamente enraizado de meritocracia; que aqueles que conquistam em arte ou na vida o fazem através de uma habilidade para negociar com o sistema e ascender ao topo. Como diz Michael Young em sua brilhante sátira *The Rise of Meritocracy 1870-2033: An Essay on Education and Equality* ("*A ascenção da meritocracia 1870-2033: um ensaio sobre educação e igualdade*"): "por gradações imperceptíveis, uma aristocracia hereditária cedeu a uma aristocracia de talento".[13] Para reivindicar ou mudar centros de arte locais e regionais, portanto antes de todos os comunismos óbvios ocorrerem, como a construção de um orçamento transparente, a remoção de contratos de zero horas ou programas de estágio não-remunerados, o que precisa ser enfrentado é uma desmeritocratização de estruturas de valor sistêmicas nesses locais – uma desvalorização do poder e da autonomia na figura do autor (institucional ou artístico) e a valoração de formas de resubjetivação vindouras.

13. Michael Young, *The Rise of Meritocracy 1870-2033: An Essay on Education and Equality* (London: Pelican, 1968 [1958]), p. 48.

Em outros escritos, relacionei essa forma de desvalorização social e institucional tanto à desmeritocratização quanto ao que Judith Butler e Athena Athanasiou chamam de "despossessão".[14] A desmeritocratização implica construir estruturas sociais não baseadas no talento que ascende ao topo numa cultura edificada sobre a aspiração, mas organizar locais onde o prazer na cultura é uma forma de construir redes de comunalidade ("*commonality*"). A aspiração é um valor do capital. A despossessão, na leitura de Butler e Athanasiou, é um termo muito vivo e politicamente urgente em que uma "real" despossessão, de uma casa, uma conta bancária, de status nacional ou de uma estrutura legal encontra um trabalho de mudança subjetiva. Butler diz que "a despossessão pode ser um termo que marca os limites da autosuficiência e que nos estabelece como seres relacionais e interdependentes. A despossessão, porém, é precisamente o que ocorre quando populações perdem suas terras, sua cidadania, seus modos de subsistência e tornam-se sujeitos à violência legal e militar. Nos opomos a essa segunda forma de despossessão porque é violenta e privativa. No primeiro sentido, somos desapossados de nós mesmos em virtude de algum tipo de contato com um outro, em virtude de ser movido ou desconcertado por aquele encontro com a alteridade".[15]

14. Ver Judith Butler e Athena Athanasiou, *Dispossession: The Performative in the Political* (Cambridge: Polity, 2013) e Andrea Phillips, "Devaluation" In: (eds. Bowman, Malik, Phillips), *The Value of Contemporary Art*, PARSE Issue 2 (Gothenburg, University of Gothenburg, 2015).

Daí em diante, precisamos enfrentar as hierarquias espaciais dessas instituições, reconhecer a lenta ascensão do espaço expositivo como o principal modo em que nos pedem para sucumbir à cultura. Pense naqueles espaços vastos e despopulados que estão agora no horizonte cultural e nos arranjos somáticos dos corpos no espaço orientados pelo design que se tornam agora evidentes. Grandes espaços brancos de galeria que mostram objetos discretos ao redor dos quais caminhamos lentamente, onde outras atividades são afastadas da sala do educativo ou do café. A assumpção enfática do "curatorial" como um modo de ser em que a naturalização da economia da atenção em arte é organizada através destes espaços.[16] E se o espaço de arte do edifício fosse removido? O que mais poderia acontecer nesses espaços? Creches, escolas para crianças com dificuldades de aprendizado onde permite-se um espaço fora do currículo nacional para necessidades expansivas, espaços de encontro para pessoas que precisem conversar, que queiram discutir, construir objetos, assim como salões de dança, caixas de ferramenta, oficinas com profissionais da saúde e da assistência social.

15. Judith Butler e Athena Athanasiou, Dispossession: *The Performative in the Political* (Cambridge, Polity, 2013), p. 3.

16. Ver *Curating Subjects* (London, Open Editions, 2007) ed. Paul O'Neill; e *The Curatorial: A Philosophy of Curating* (London, Bloomsbury, 2015), ed. Jean Paul Martinon.

dismantle, through their programmes, the languages of cultural beneficence so apparent today. What needs to change? How might this be organised?

Below the narrative of art achievement peddled by these institutions (however socially engaged they may appear to be and however many school children and community groups are registered with them in forms of partnership), is a deeply entrenched and narcissistic concept of meritocracy: that those that achieve in life and art do so due to their ability to negotiate the system and rise to the top. As Michael Young says in his brilliant 1958 satire The Rise of Meritocracy 1870-2033: An Essay on Education and Equality: 'by imperceptible degrees an aristocracy of birth has given way to an aristocracy of talent.'[10] In order to change and/or reclaim local, regional arts centres, therefore, before all the obvious communisms that need to take place, such as the making transparent of budgets, the removal of zero hours contracts and unpaid internships and the flattening of staffing structures, what needs to be tackled is a demeritocratisation of systemic value structures in these locations – a devaluation of power and autonomy within authorship (both institutional and artistic) and the valuation of forms of resubjectification must take place. Elsewhere I have conjoined this form of social and institutional devaluation with both demeritocratisation and that which Judith Butler and Athena Athanasiou call 'dispossession'.[11] Demeritocratisation means making social structures not based on talent rising to the top in a culture built on aspiration but instead organizing sites where pleasure in culture is one form of building networks of commonality. Aspiration is a value of capital. Dispossession, in Butler and Athanasiou's reading is a very live and politically urgent term in which 'real' dispossession – of a home, of a bank account, of a national status, of a legal framework, meets the work of subjective change. Butler says 'dispossession can be a term that marks the limits of self-sufficiency and that establishes us as relational and interdependent beings. Yet dispossession is precisely what happens when populations lose their land, their citizenship, their means of livelihood, and become subject to military and legal violence. We oppose this latter form of dispossession because it is both forcible and privative. In the first sense, we are dispossessed of ourselves by virtue of some kind of contact with another, by virtue of being moved and even surprised or disconcerted by that encounter with alterity.'[12]

10. Michael Young, *The Rise of Meritocracy 1870-2033: An Essay on Education and Equality* (London: Pelican, 1968 [1958]), p. 48.

11. See Judith Butler and Athena Athanasiou, *Dispossession: The Performative in the Political* (Cambridge: Polity, 2013) and Andrea Phillips, 'Devaluation' in (eds. Bowman, Malik, Phillips), *The Value of Contemporary Art*, PARSE Issue 2 (Gothenburg, University of Gothenburg, 2015).

Then we need to tackle the spatial hierarchies of such institutions, and to recognise the slow creep of exhibition space as the principal mode through which we are asked to succumb to culture. Think about all those vast depopulated spaces now on the cultural horizon and the somatic and design-led arrangements of bodies in space that become evident. Large white gallery spaces showing discrete objects through which we creep, where other types of activities are sidelined to the education room or the café. The emphatic take-up of 'the curatorial' as a mode of being in which the naturalisation of art's attention economy is organised through these spaces.[13] What if the art space of the building were to be removed? What else could happen in these spaces? Crèches, schools for kids with learning difficulties whereby space is given outside of national curricula for expansive needs, meeting spaces for people who need to talk, who want to argue, to make things, as well as dancehalls, toolkits, workshops with health workers and social workers.

12. Judith Butler and Athena Athanasiou, *Dispossession: The Performative in the Political* (Cambridge, Polity, 2013), p.3.

13. See (ed. Paul O'Neill), Curating Subjects (London, Open Editions, 2007) and (ed.) Jean Paul Martinon, *The Curatorial: A Philosophy of Curating* (London, Bloomsbury, 2015).

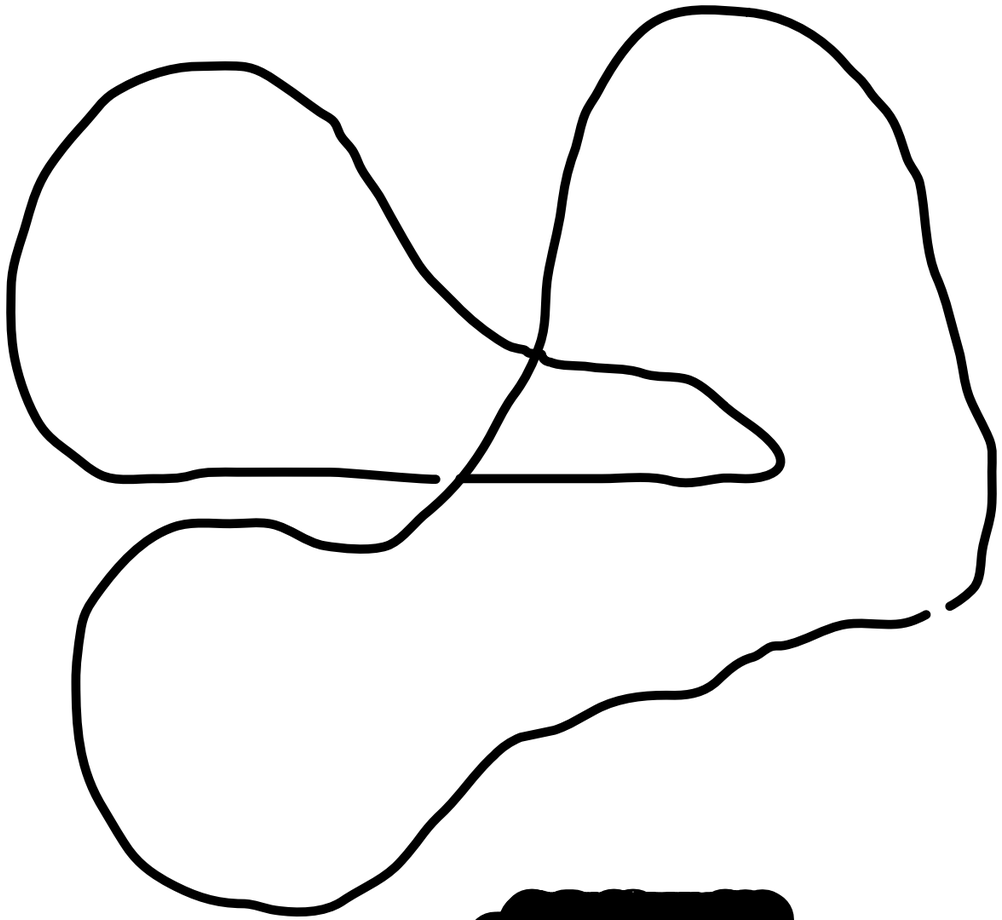
You will notice that in this list of potential, there are elements and events that many arts institutions already claim to do (working with migrant communities, allowing schools access, collaborating with NGOs etc.). Yet we also know that this is a false and perverse economy shaped by patronage (colonial imperialism masked as charity) and the state apparatus (the Arts Council and its increasingly corporate demands). What we make for equality in the forms of participation meted out by artists and curators to people is in fact an engine for the production of inequality. This is the privatisation of the social condenser dressed up as even-handedness. We must take over and run these spaces on different terms - moving beyond the rhetorical pose of 'arts for all' and its profound misrecognition of its own meritocratic relationality.

The misappropriation of forms of social participation in contemporary art needs to redressed and it needs to be done so urgently. Instead of the social providing content for arts institutions, we need to return to a model of arts centre building where values of equality rather than art's excellence and spatial privilege drive organisational structure. That is a re-enfranchisement of social condensation for our times.

Será notado que nessa lista de potenciais constam atividades que muitos espaços artísticos dizem já fazer (trabalhar com comunidades migrantes, permitir o acesso escolar, colaborar com ONGs, etc.). Porém também sabemos que trata-se de uma economia falsa e perversa modelada pelo patrocínio (o imperialismo colonial denotado como caridade) e pelo aparelho estatal (a *Arts Council* e suas demandas crescentemente corporativas). O que construímos como igualdade nas formas de participação propostas *por* artistas e curadores *às* pessoas é na verdade um motor-produtor de inequidade. Trata-se da privatização do condensador social mascarado como equitatividade. Devemos assumir e gerir esses espaços em outros termos, indo além da pose retórica das "artes para todos" e sua equivocação profunda e também da sua própria relacionalidade meritocrática.

A má apropriação de formas de participação social na arte contemporânea precisa ser revestida urgentemente. No lugar do social providenciar conteúdo para as instituições de arte, precisamos retornar a um modelo de edifício/centro artístico onde valores de igualdade orientam sua estrutura organizacional, ao contrário da excelência e do privilégio espacial da arte. Essa é uma *re*-emancipação da condensação social para os nossos tempos.

[redacted]



[redacted]

4.2 Audre Lorde

Usos do Erótico: O Erótico como Poder[1]

Uses of the Erotic: The Erotic as Power[1]

1. Artigo pronunciado na *Fourth Berkshire Conference on the History of Women, Mount Holyoke College*, em 25 de agosto de 1978.

1. Paper delivered at the Fourth Berkshire Conference on the History of Women, Mount Holyoke College. August 25, 1978. Published as a pamphlet by Out & Out Books (available from The Crossing Press).

Há muitos tipos de poder, exercidos ou não, reconhecidos ou não. O erótico é um recurso contido em cada uma de nós que jaz em um plano profundamente feminino e espiritual, firmemente enraizado no poder dos nossos sentimentos não expressos ou não reconhecidos. Para perpetuar-se, toda opressão deve corromper ou distorcer as diversas fontes de poder contidas na cultura do oprimido, de onde poderiam emergir energias de mudança. Para as mulheres, isso quer dizer uma supressão do erótico considerado como fonte de poder e informação nas nossas vidas.

Fomos ensinadas a suspeitar desse recurso, desacreditado, abusado e desvalorizado na sociedade ocidental. Por um lado, o superficialmente erótico é encorajado enquanto indício de inferioridade feminina; por outro, as mulheres foram levadas a sofrer e sentir, simultaneamente, que sua existência é desprezível e questionável.

É um passo curto daí à falsa crença de que apenas através da supressão do erótico contido nas nossas vidas e consciências que as mulheres se tornarão verdadeiramente fortes. No entanto essa força é ilusória, já que é fabricada no contexto dos modelos masculinos de poder.

Como mulheres, viemos a desconfiar do poder que vem do nosso conhecimento mais profundo e não racional. Fomos advertidas contra ele durante toda nossa vida pelo mundo masculino, o qual valoriza essa profundidade do sentimento para manter mulheres próximas o suficiente para executá-la a serviço dos homens, estes que temem demais essa mesma profundidade para examinar sua possibilidade neles mesmos. E então as mulheres são mantidas numa posição distante/inferior para serem psiquicamente ordenhadas, de forma parecida às formigas que mantêm colônias de pulgões para garantir uma substância nutriz para seus mestres.

O erótico, porém, oferece um poço de reabastecimento e força provocativa à mulher que não teme sua revelação ou não sucumbe à crença de que essa sensação basta.
2.143
O erótico foi frequentemente mal nomeado pelos homens e usado contra as mulheres. Ele foi convertido na confusa, no trivial, no psicótico, em sensação plasticizada. Por esse motivo nos afastamos da exploração e consideração do erótico enquanto fonte de poder e informação, confundindo-o com seu oposto, o pornográfico. No entanto, o pornográfico é a negação direta do poder do erótico, representando a supressão do verdadeiro sentimento. A pornografia enfatiza a sensação sem o sentimento.

O erótico é uma medida entre nosso senso consciente de si e o caos das nossas emoções mais potentes. É um senso interno de satisfação que, uma vez experimentado, sabemos ser possível aspirá-lo. Uma vez experimentada as dimensões desse sentimento profundo e reconhecido o seu poder, não podemos exigir menos de nós mesmas por honra e respeito-próprio.

Nunca é fácil exigir o máximo de nós mesmas, de nossas vidas, de nosso trabalho. Encorajar a excelência significa ir além da mediocridade encorajada por nossa sociedade. Porém rendersе ao medo do sentimento e trabalhar no limite da capacidade é um luxo que só os irresponsáveis podem dispor, e os irresponsáveis são aqueles que não desejam guiar os próprios destinos.

There are many kinds of power, used and unused, acknowledged or otherwise. The erotic is a resource within each of us that lies in a deeply female and spiritual plane, firmly rooted in the power of our unexpressed or unrecognized feeling. In order to perpetuate itself, every oppression must corrupt or distort those various sources of power within the culture of the oppressed that can provide energy for change. For women, this has meant a suppression of the erotic as a considered source of power and information within our lives.

We have been taught to suspect this resource, vilified, abused, and devalued within western society. On the one hand, the superficially erotic has been encouraged as a sign of female inferiority; on the other hand, women have been made to suffer and to feel both contemptible and suspect by virtue of its existence.

It is a short step from there to the false belief that only by the suppression of the erotic within our lives and consciousness can women be truly strong. But that strength is illusory, for it is fashioned within the context of male models of power.

As women, we have come to distrust that power which rises from our deepest and nonrational knowledge. We have been warned against it all our lives by the male world, which values this depth of feeling enough to keep women around in order to exercise it in the service of men, but which fears this same depth too much to examine the possibilities of it within themselves. So women are maintained at a distantl/inferior position to be psychically milked, much the same way ants maintain colonies of aphids to provide a life-giving substance for their masters.

But the erotic offers a well of replenishing and provocative force to the woman who does not fear its revelation, nor succumb to the belief that sensation is enough.

The erotic has often been misnamed by men and used against women. It has been made into the confused, the trivial, the psychotic, the plasticized sensation. For this reason, we have often turned away from the exploration and consideration of the erotic as a source of power and information, confusing it with its opposite, the pornographic. But pornography is a direct denial of the power of the erotic, for it represents the suppres- sion of true feeling. Pornography emphasizes sensation without feeling.

The erotic is a measure between the beginnings of our sense of self and the chaos of our strongest feelings. It is an internal sense of satisfaction to which, once we have experienced it, we know we can aspire. For having experienced the fullness of this depth of feeling and recognizing its power, in honor and self-respect we can require no less of ourselves.

It is never easy to demand the most from ourselves, from our lives, from our work. To encourage excellence is to go beyond the encouraged mediocrity of our society is to encourage excellence. But giving in to the fear of feeling and working to capacity is a luxury only the unintentional can afford, and the unintentional are those who do not wish to guide their own destinies.

This internal requirement toward excellence which we learn from the erotic must not be misconstrued as demanding the impossible from ourselves nor from others. Such a demand incapacitates everyone in the process. For the erotic is not a

Esse requerimento interno relacionado à excelência e que aprendemos com o erótico não deve ser confundido com exigir o impossível de nós mesmas e dos outros. Esse tipo de demanda incapacita a todos. Assim, o erótico não é uma questão apenas do que fazemos, mas do quão plenos e agudos são os nossos sentimentos durante este fazer. Uma vez que conhecemos a extensão do que somos capazes de sentir nessa satisfação e completude, podemos então observar quais de nossos vários empreendimentos em vida nos levam mais próximo dessa plenitude.

O objetivo de cada coisa que fazemos é fazer as nossas vidas e as de nossas crianças mais ricas e mais possíveis. Dentro da celebração do erótico em todas nossas empreitadas, meu trabalho se torna uma decisão consciente – uma cama almejada na qual entro agradecida e da qual me levanto empoderada.

É claro que as mulheres empoderadas assim são perigosas. E então nos ensinam a separar a demanda erótica da maioria das nossas áreas vitais, a não ser no sexo. Ademais, a falta de preocupação com as raízes e satisfações eróticas de nosso trabalho é sentida no nosso desafeto por muito do que fazemos. Por exemplo, com que frequência nós realmente amamos o nosso trabalho, mesmo nas instâncias mais difíceis?

O principal horror de um sistema que define o bem em termos de rentabilidade no lugar de necessidades humanas, ou que define a necessidade humana pela exclusão dos componentes psíquicos e emocionais dessa necessidade – o principal horror desse sistema é que ele furta o nosso trabalho de sua dimensão erótica, de seu poder erótico, plenitude e apelo vital. Tal sistema reduz o trabalho a um representação absurda de necessidades, a um dever através do qual ganhamos pão ou esquecimento de nós mesmas e daqueles que amamos. Mas isso seria equivalente a cegar uma pintora e depois dizer a ela que melhore o seu trabalho e ainda por cima aproveite o ato de pintar. Isso não é apenas impossível, isso é também profundamente cruel.

Como mulheres, precisamos examinar as maneiras pelas quais nosso mundo pode ser verdadeiramente diferente. Falo aqui da necessidade de reavaliar a qualidade de todos os aspectos da nossa vida e de nosso trabalho, de como nos movemos através e em direção a eles.

A própria palavra *erótico* vem do grego, *eros,* a personificação do amor em todos seus aspectos – nascido do Caos, encarnando o poder criativo e a harmonia. Quando falo do erótico, portanto, o entendo como a afirmação da força vital das mulheres; esse poder criativo empoderado, o conhecimento e o uso do qual nós agora reativamos em nossa linguagem, nossa história, nossas danças, amores, nossos trabalhos e vidas.

Existem tentativas frequentes de fazer equivaler a pornografia e o erotismo, dois modos diametralmente opostos do sexual. Por causa dessas tentativas, tornou-se moda separar o espiritual (psíquico/emocional) do político, enxergá-los como antitéticos. "Como assim um revolucionário poético, um traficante de armas que medita?". Da mesma forma, tentamos separar o espiritual do erótico, reduzindo assim o espiritual a um mundo de afeto aplainado, um

ques- tion only of what we do; it is a question of how acutely and fully we can feel in the doing. Once we know the extent to which we are capable of feeling that sense of satisfaction and completion, we can then observe which of our various life endeavors bring us closest to that fullness.

The aim of each thing which we do is to make our lives and the lives of our children richer and more possible. Within the celebration of the erotic in all our endeavors, my work becomes a conscious decision a longed-for bed which I enter gratefully and from which I rise up empowered.

Of course, women so empowered are dangerous. So we are taught to separate the erotic demand from most vital areas of our lives other than sex. And the lack of concern for the erotic root and satisfactions of our work is felt in our disaffection from so much of what we do. For instance, how often do we truly love our work even at its most difficult?

The principal horror of any system which defines the good in terms of profit rather than in terms of human need, or which defines human need to the exclusion of the psychic and emotional components of that need - the principal horror of such a system is that it robs our work of its erotic value, its erotic power and life appeal and fulfillment. Such a system reduces work to a travesty of necessities, a duty by which we earn bread or oblivion for ourselves and those we love. But this is tantamount to blinding a painter and then telling her to improve her work, and to enjoy the act of painting. It is not only next to impossible, it is also profoundly cruel.

As women, we need to examine the ways in which our world can be truly different. I am speaking here of the necessity for reassessing the quality of all the aspects of our lives and of our work, and of how we move toward and through them.

The very word erotic comes from the Greek word eros, the personification of love in all its aspects - born of Chaos, and personifying creative power and harmony. When I speak of the erotic, then, I speak of it as an assertion of the lifeforce of women; of that creative energy empowered, the knowledge and use of which we are now reclaiming in our language, our history, our dancing, our loving, our work, our lives.

There are frequent attempts to equate pornography and eroticism, two diametrically opposed uses of the sexual. Because of these attempts, it has become fashionable to separate the spiritual (psychic and emotional) from the political, to see the~ as contradictory or antithetical. "What do you mean, a poetic revolutionary, a meditating gunrunner?" In the same way, we have attempted to separate the spiritual and the erotic, thereby reducing the spiritual to a world of flattened affect, a world of the ascetic who aspires to feel nothing. But nothing is farther from the truth. For the ascetic position is one of the highest fear, the gravest immobility. The severe abstinence of the ascetic becomes the ruling obsession. And it is one not of self-discipline but of self-abnegation.

The dichotomy between the spiritual and the political is also false, resulting from an incomplete attention to our etotic knowledge. For the bridge which connects them is formed by the erotic - the sensual - those physical, emotional, and psychic expressions of what is deepest and strongest and richest within each of us, being shared: the passions of love, in its deepest meanings.

mundo do ascético que aspira sentir nada. Mas nada está mais distante da verdade. A posição ascética está no mais alto medo, na mais grave imobilidade. A abstinência severa do ascético torna-se uma obsessão dominante. E não se trata de uma autodisciplina, mas de uma autoabnegação.

A dicotomia entre o espiritual e o político também é falsa, resultante de uma atenção incompleta à nossa sabedoria erótica. Acontece que a ponte que os une é formada com o erótico – o sensual –, expressões físicas, emocionais e psíquicas daquilo que é mais profundo, rico e potente dentro de cada uma de nós, daquilo que compartilhamos: as paixões do amor, em seus sentidos mais profundos.

Para além do superficial, a frase "isso me parece certo" reconhece o poder do erótico dentro de uma verdadeira sabedoria, pois o sentido que isso carrega é do primeiro e mais potente farol, nos conduzindo em direção a qualquer compreensão. O erótico é quem nutre e cuida de todo nosso conhecimento profundo.

O erótico funciona para mim de diferentes formas, e a primeira é providenciando o poder que vêm de qualquer compartilhamento profundo com outra pessoa. O compartilhamento da alegria, seja física, emocional, psíquica ou intelectual, forma uma ponte entre os envolvidos que pode ser a base para compreender muito do que não está compartilhado entre eles, diminuindo o risco da sua diferença.

Outro funcionamento importante da conexão erótica é uma aberta, destemida e iluminada capacidade minha para sentir alegria. Na maneira como meu corpo se estica com a música e se abre em resposta, atento aos ritmos mais profundos, de modo que todos os níveis de sentido também se abram à experiência eroticamente satisfatória, seja uma dança, construir uma estante, escrever um poema ou examinar uma ideia.

Essa autoconexão, uma vez compartilhada, é a medida da alegria que sei ser capaz de sentir, um lembrete da minha capacidade para sentir. E esse profundo e insubstituível conhecimento vem demandar de toda minha vida que ela seja vivida dentro do conhecimento de que tal satisfação é possível, não precisando se chamar *casamento*, ou *deus* ou *vida após a morte*.

Esse é um motivo pelo qual o erótico é tão temido, e tão frequentemente relegado ao quarto, se é que ele for sequer reconhecido. Pelo menos uma vez que começamos a sentir profundamente todos os aspectos das nossas vidas, começamos a exigir de nós e de nossos empreendimentos que eles estejam de acordo com aquela alegria que sabemos ser capaz de sentir. Nosso conhecimento erótico nos empodera, torna-se uma lente através da qual submetemos todos os aspectos da nossa existência ao escrutínio, força-nos a avaliar todos estes aspectos honestamente e de acordo com seu sentido relativo à posição que ocupam em nossas vidas. Trata-se de uma grave responsabilidade, projetada de dentro de nós, de não nos contentarmos com o conveniente, com o tosco, o somente esperado ou o meramente seguro.

Durante a Segunda Guerra Mundial, comprávamos pacotes brancos selados de margarina descolorida, com uma

Beyond the superficial, the considered phrase, "It feels right to me," acknowledges the strength of the erotic into a true knowledge, for what that means is the first and most powerful guiding light toward any understanding. And understanding is a hand- maiden which can only wait upon, or clarify, that knowledge, deeply born. The erotic is the nurturer or nursemaid of all our deepest knowledge.

The erotic functions for me in several ways, and the first is in providing the power which comes from sharing deeply any pur- suit with another person. The sharing of joy, whether physical, emotional, psychic, or intellectual, forms a bridge between the sharers which can be the basis for understanding much of what is not shared between them, and lessens the threat of their difference.

Another important way in which the erotic connection func- tions is the open and fearless underlining of my capacity for joy. In the way my body stretches to music and opens into response, hearkening to its deepest rhythms, so every level upon which I sense also opens to the erotically satisfying experience, whether

it is dancing, building a bookcase,
writing a poem, examining an idea.

That self-connection shared is a measure of the joy which I know myself to be capable of feeling, a reminder of my capacity for feeling. And that deep and irreplaceable knowledge of my capacity for joy comes to demand from all of my life that it be lived within the knowledge that such satisfaction is possible, and does not have to be called marriage, nor god, nor an afterlife.

This is one reason why the erotic is so feared, and so often relegated to the bedroom alone, when it is recognized at all. For once we begin to feel deeply all the aspects of our lives, we begin to demand from ourselves and from our life-pursuits that they feel in accordance with that joy which we know ourselves to be capable of. Our erotic knowledge empowers us, becomes a lens through which we scrutinize all aspects of our existence, forcing us to evaluate those aspects honestly in terms of their relative meaning within our lives. And this is a grave responsibility, projected from within each of us, not to settle for the convenient, the shoddy, the conventionally expected, nor the merely safe.

During World War II, we bought sealed plastic packets of white, uncolored margarine, with a tiny, intense pellet of yellow coloring perched like a topaz just inside the clear skin of the bag. We would leave the margarine out for a while to soften, and then we would pinch the little pellet to break it inside the bag, releasing the rich yellowness into the soft pale mass of margarine. Then taking it carefully between our fingers, we would knead it gently back and forth, over and over, until the color had spread throughout the whole pound bag of margarine, thoroughly coloring it.

I find the erotic such a kernel within myself. When released from its intense and constrained pellet, it flows through and colors my life with a kind of energy that heightens and sensitizes and strengthens all my experience.

We have been raised to fear the yes within ourselves, our deepest cravings. But, once recognized, those which do not enhance Our

pequena e intensa pastilha de corante amarelo posta como um topázio logo sob a pele transparente do saquinho. Deixávamos a margarina fora da geladeira um pouco para amolecer e aí apertávamos a pastilha para quebrá-la dentro do saco, libertando todo o rico amarelado para dentro da palidez da margarina. Pegando o saquinho com os dedos, o amassávamos repetidamente até que a cor havia penetrado pelo saco todo, colorindo-o completamente.

Penso no erótico como um núcleo dentro de mim mesma. Uma vez liberto de sua pastilha intensa e comprimida, ele flui pela minha vida, colorindo-a com um tipo de energia que exalta, intensifica e enriquece toda minha experiência.

Fomos criadas a temer o sim contido em nós, nossos anseios mais profundos. Porém, uma vez reconhecidos, aqueles que não acrescentam ao nosso futuro perdem sua potência e podem ser alterados. O medo de nossos desejos os mantém suspeitos e indiscriminadamente potentes, pois suprimir qualquer verdade é dotá-la de poder para além do tolerável.

Quando vivemos fora de nós mesmas, e com isso eu quero dizer de acordo com diretrizes externas somente, em vez de partir do nosso conhecimento e necessidade interna; quando vivemos longe dos guias eróticos contidos em nós mesmas, nossas vidas são limitadas por uma forma estranha, externa, e nos conformamos a uma estrutura que não se baseia nas necessidades humanas, muito menos nas de um indivíduo. Mas quando passamos a viver para o exterior a partir do interior, conectadas com o poder erótico contido em nós mesmas, permitindo que essas potências informem e iluminem nossas ações sobre o mundo à nossa volta, aí passamos a ser responsáveis por nós mesmas no sentido mais profundo. Pois conforme vamos reconhecendo nossas sensações mais profundas, começamos a abandonar, por necessidade, a satisfação com o sofrimento e a negação de si, da dormência que frequentemente, nessa sociedade, nos parece a única alternativa. Nossos atos contra a opressão tornam-se integrais ao eu, motivados e empoderados a partir de dentro.

Em contato com o erótico, torno-me menos apta a me render à impotência ou àqueles estados fornecidos que não são nativos a mim, como a resignação, o desespero, o autoapagamento, a depressão e a auto-negação.

E sim, há uma hierarquia. Há uma diferença entre pintar uma cerca de preto e escrever um poema, mas apenas em termos de quantidade. E não há, para mim, nenhuma diferença entre escrever um bom poema e mover-me à luz do sol contra o corpo de uma mulher que amo.

Isso me traz à última consideração acerca do erótico. Partilhar o poder das emoções de outrem é diferente de usar essas emoções como usamos lenços de papel. Quando desviamos o olhar da nossa experiência, seja ela erótica ou não, nós usamos, em vez de compartilhá-las, as emoções daqueles que participam da experiência conosco. E usar sem consentimento do que é usado é abuso.

Para serem utilizadas, nossas sensações eróticas devem ser reconhecidas. A necessidade de compartilhar uma sensação profunda é uma necessidade humana. Na tradição europeia-americana, porém, essa necessidade é satisfeita

future lose their power and can be altered. The fear of our desires keeps them suspect and indiscriminately powerful, for to

suppress any truth is to give it strength beyond endurance. The fear that we cannot grow beyond whatever distortions we may find within ourselves keeps us docile and loyal and obedient, externally defined, and leads us to accept many facets of our oppression as women.

When we live outside ourselves, and by that I mean on external directives only rather than from our internal knowledge and needs, when we live away from those erotic guides from within ourselves, then our lives are limited by external and alien forms, and we conform to the needs of a structure that is not based on human need, let alone an individual's. But when we begin to live from within outward, in touch with the power of the erotic within ourselves, and allowing that power to inform and illuminate our actions upon the world around us, then we begin to be responsible to ourselves in the deepest sense. For as we begin to recognize our deepest feelings, we begin to give up, of necessity, being satisfied with suffering and self-negation, and with the numbness which so often seems like their only alternative in our society. Our acts against oppression become integral with self, motivated and empowered from within.

In touch with the erotic, I become less willing to accept powerlessness, or those other supplied states of being which are not native to me, such as resignation, despair, self-effacement, depression, self-denial.

And yes, there is a hierarchy. There is a difference between painting a back fence and writing a poem, but only one of quantity. And there is, for me, no difference between writing a good poem and moving into sunlight against the body of a woman I love.

This brings me to the last consideration of the erotic. To share the power of each other's feelings is different from using another's feelings as we would use a kleenex. When we look the other way from our experience, erotic or otherwise, we use rather than share the feelings of those others who participate in the experience with us. And use without consent of the used is abuse.

In order to be utilized, our erotic feelings must be recognized. The need for sharing deep feeling is a human need. But within the european-american tradition, this need is satisfied by certain proscribed erotic comings-together. These occasions are almost always characterized by a simultaneous looking away, a pretense of calling them something else, whether a religion, a fit, mob violence, or even playing doctor. And this misnaming of the need and the deed give rise to that distortion which results in pornography and obscenity - the abuse of feeling.

When we look away from the importance of the erotic in the development and sustenance of our power, or when we look away from ourselves as we satisfy our erotic needs in concert with others, we use each other as objects of satisfaction rather than share our joy in the satisfying, rather than make connec- tion with our similarities and our differences. To refuse to be conscious of what we are feeling at any time, however comfort- able that might seem, is to deny a large part of the experience, and to allow ourselves to be reduced to the pornographic, the abused, and the absurd.

por alguns encontros eróticos prescritos. Essas ocasiões são quase sempre caracterizadas por uma desviada simultânea do olhar, um pretenso chamar-lhe de outra coisa, seja uma religião, um xilique, a violência do crime organizado, ou mesmo brincar de médico. E o erro no nomear da necessidade e do ato dá lugar àquela distorção que resulta na pornografia e na obscenidade – o abuso do sentimento.

Quando ignoramos a importância do erótico no desenvolvimento e na manutenção da nossa potência, ou quando ignoramos a nós mesmas conforme satisfazemos as nossas necessidades eróticas em conjunto com um outro, usamos uns aos outros como objetos de satisfação em vez de partilhar a nossa alegria na própria satisfação, em vez de estabelecer conexões com as nossas similaridades e diferenças. Recusar o que sentimos com consciência em um determinado momento, por mais confortável que pareça, é negar boa parte da experiência, e permitir que sejamos nós mesmas reduzidas ao pornográfico, ao abuso, ao absurdo.

O erótico não pode ser sentido de segunda mão. Como uma feminista negra e lésbica, tenho um particular afeto, conhecimento e compreensão de algumas irmãs com quem dancei muito, brinquei ou até briguei. Essa participação profunda já foi frequentemente precursora de uma ação conjunta que não foi possível de antemão.

Essa carga erótica, porém, não é facilmente compartilhada por mulheres que continuam a operar sob uma tradição européia-americana, exclusivamente masculina. Sei que ela não estava disponível para mim enquanto eu tentava adaptar minha consciência a esse modo de viver e sentir.

Só agora é que encontro mulheres identificadas como mulheres[2] corajosas o suficiente para arriscar partilhar a carga elétrica do erótico sem precisar virar a cara e sem distorcer a natureza enormemente poderosa e criativa dessa partilha. Reconhecer o poder do erótico contido em nossas vidas pode nos dar energia para seguir buscando mudanças genuínas no mundo, em vez de nos contentarmos com uma mudança de personagens no mesmo drama enfadonho.

2. (N.T.) No inglês *"women-identified women"*. O termo apareceu pela primeira vez no título de um manifesto feminista radical publicado em 1970. A temática do texto consiste no posicionamento lésbico diante das relações femininas, procurando definir o que seria "sentir-se mulher", "indentificar-se como mulher" e o que se enquadraria no conceito de feminilidade.

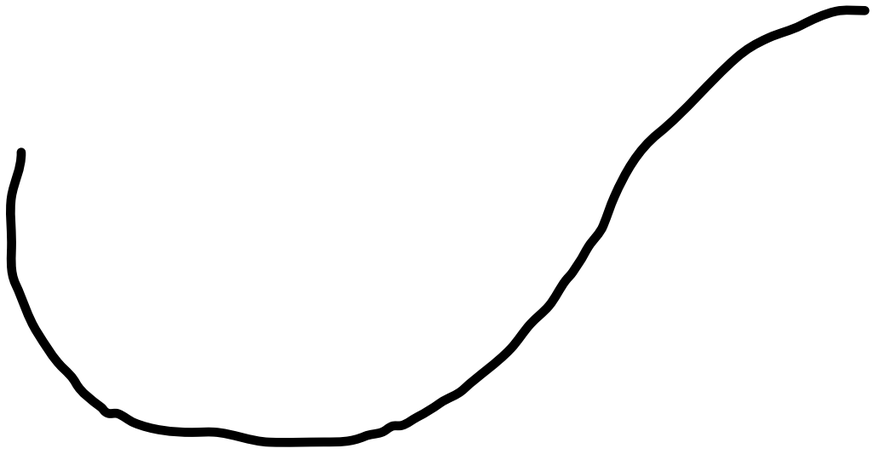
Pois não apenas tocamos a nossa fonte mais profundamente criativa, mas fazemos aquilo que é feminino e autoafirmativo diante de uma sociedade racista, patriarcal e antierótica.

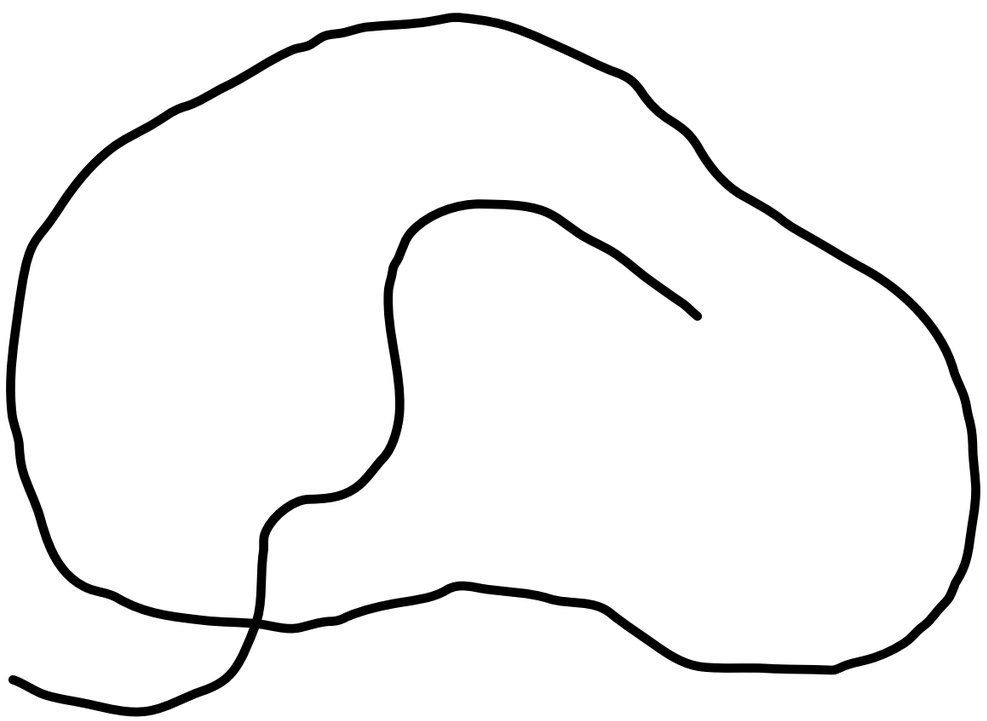
The erotic cannot be felt secondhand. As a Black lesbian feminist, I have a particular feeling, knowledge, and understanding for those sisters with whom I have danced hard, played, or even fought. This deep participation has often been the forerunner for joint concerted actions not possible before.

But this erotic charge is not easily shared by women who con- tinue to operate under an exclusively european-american male tradition. I know it was not available to me when I was trying to adapt my consciousness to this mode of living and sensation.

Only now, I find more and more women-identified women brave enough to risk sharing the erotic's electrical charge without having to look away, and without distorting the enormously powerful and creative nature of that exchange. Recognizing the power of the erotic within our lives can give us the energy to pursue genuine change within our world, rather than merely settling for a shift of characters in the same weary drama.

For not only do we touch our most profoundly creative source, but we do that which is female and self-affirming in the face of a racist, patriarchal, and anti-erotic society.





[redacted]

4.3 D-CENT*
Vercellone, Vattimo (et. al)

Gerindo o comum na economia do conhecimento

*Managing The Commons In The Knowledge Economy

*Decentralised Citizens ENgagement Technologieses

1. Sumário executivo[1]

Este relatório apresenta uma análise detalhada do conceito de bem comum e de possíveis variações políticas e gerenciais no contexto de uma economia baseada em conhecimento. A pesquisa apresenta uma revisão crítica da bibliografia acompanhada de uma análise concreta do desenvolvimento dos comuns e dos bens comuns.

1. Os escritos que seguem são retirados do volume *"Managing the Commons in the Knowledge Economy"*, do grupo Decentralized Citizens ENgagement Technology (D-CENT).

O relatório será organizado em três seções. Na primeira, intitulada "Da teoria dos bens públicos à nova economia política dos comuns"[2], veremos como, na nova teoria dos comuns proposta por Ostrom, o que permanece um elemento chave para definir o que são os bens comuns é a natureza particular de alguns bens, em continuidade com a abordagem a-histórica e estática de classificação dos bens (privado, público, comum, pertencente a um clube) apoiada na teoria econômica de inspiração neoclássica.

2. *"From The Theory of Public Goods to the New Political Economy of the Commons"*

Na segunda seção desenvolvemos uma abordagem baseada no Comum no singular, erguido a partir das contribuições de diversos estudos na estrutura teórica do capitalismo cognitivo.

A terceira irá tratar análise empírica e histórica da origem, sentido, e principais riscos em jogo nas dinâmicas do comum, partindo do papel chave desempenhado pelas transformações do trabalho na fundação de uma economia baseada no conhecimento.

Ao longo das três seções dessa jornada, vamos encarar de forma sistemática os diferentes aspectos cruciais relativos à formas de regulação aptas a garantirem a sustentabilidade do comum e promover seu desenvolvimento como uma nova forma central de organização econômica e social.

A presente pesquisa oferece uma estrutura teórica exaustiva, enfrentando todas as questões conceituais e históricas que acompanham a evolução da teoria dos bens comuns. Ao mesmo tempo, ela também fornece exemplos práticos e regulativos de modelos de auto-governança nos comuns, no contexto de uma economia baseada em conhecimento. Essa análise permite ao projeto D-CENT projetar modelos possíveis de gestão democrática de recursos e infraestruturas comuns que estão na base da experiência de democracia compartilhada na Espanha, na Islândia e na Finlândia, com o intuito de atingir uma sustentabilidade a médio e longo prazo. Precisamente, a análise aqui submetida relata: (1) uma pesquisa acerca do mercado de identidade e a reivindicação oposta dos dados sociais como bens comuns digitais e a necessidade por infraestruturas comuns de comunicação e informação não baseadas na lógica de mercado e monitoramento; (2) modelos para implementar uma moeda dos comuns que poderá sustentar as atividades de movimentos sociais e comunidades produtivas; (3) o último relatório é sobre modelos de sustentabilidade e o impacto geral deste projeto.

1. Executive Summary

This report presents an in-depth analysis of the concept of common goods and of possible political and management variation in the context of a knowledge-based economy. The research presents an initial critical review of the literature together with a concrete analysis of the development of the commons and common goods.

The report will be organised in three sections. In the first, entitled "From the theory of public goods to the new political economy of the commons" we will see how, for Ostrom's new theory of the commons, what remains as a central element defining common goods is the particular nature of certain goods, in continuity with the ahistorical and static approach to classification of goods (private, public, common, belonging to a club) driven by neo-classical inspired economic theory.

In the second section we will develop the approach of Common in the singular drawn up with the contribution of numerous studies in the theoretical framework of cognitive capitalism.

The third will deal with the historic and empirical analysis of the origin, sense and principal stakes at play in the dynamics of the common, starting from the key role of the transformations of labour at the foundation of a knowledge-based economy.

Throughout this journey, in the three sections different crucial aspects relating to the forms of regulation open to guarantee the sustainability of the commons and promote its development as a new central form of economic and social organisation will be faced systematically.

This research offers an exhaustive theoretical framework, tackling all the conceptual and historical issues on the evolution of the theory of common goods. At the same time however, it offers practical and regulative examples of models of self-governance of commons, in the context of the knowledge-based economy. This analysis offers the D-CENT project possible models of democratic management of resources and common infrastructures that are at the base of the experience of shared democracy in Spain, Iceland and Finland, with the aim of achieving middle and long-term sustainability. Specifically speaking, the analysis submitted here reports: (1) research into the market of identity and the opposing claim of social data as digital common goods and the need for public and common infrastructures of information and communication not based on the logic of the market and surveillance (D3.3); (2) models to implement a commons currency of the common that can support the activities of social movements and productive communities (D3.5); (3) the final report (D1.3) on models of sustainability and the general impact of this project.

Many of the examples proposed here, from the re-municipalisation of water, the self-management of cultural spaces to the free software and makers' movement, illustrate collective practices that establish new spaces, institutions or norms of participative and democratic sharing. These examples represent practices of re-appropriation and management of the common, new practices of labour, creation and production based on collaboration and sharing.

Muitos dos exemplos aqui propostos, da remunicipalização da água e a autogestão de espaços culturais aos softwares livres e ao movimento *maker*, ilustram práticas coletivas que fundam novos espaços, instituições ou normas de partilha democrática e participativa. Estes exemplos representam práticas de reapropriação e gestão do comum, novas práticas de trabalho, criação e produção baseadas na colaboração e no compartilhamento.

Ademais, a partir das experiências concretas analisadas aqui, surge a ideia de que o conceito de bem comum pode providenciar uma alternativa concreta, que possui fundamentos legais (Rodotà, 2011). O comum, portanto, é produto de uma estrutura social e institucional que demonstra formas de governança e cooperação social que garantem sua produção, reprodução e alcance. As novas instituições do comum que emergem dessas práticas constituintes constitui um princípio geral de autogovernança da sociedade e auto-organização da produção social, propondo uma nova divisão entre o público, privado e comum.

Obviamente, o sucesso dessas novas práticas é um processo complexo que deve prescindir de instituições que conciliam e garantem reprodução ao longo do espaço e do tempo do comum e dos bens comuns: formas de gestão baseadas na autogovernança e na economia colaborativa; relações de troca baseadas em reciprocidade e gratuidade; regimes legais que, como na invenção do copyleft para softwares livres, garantem uma acumulação de um estoque de recursos comuns[3]; normas de distribuição que permitem o envolvimento ativo daqueles implicados nos comuns no desenvolvimento dos comuns, garantindo uma renda mínima, por exemplo.

3. N. do T. CPR, *"Common Pool Resources"*

Neste contexto, se torna mais e mais essencial e urgente definir os termos de um modelo alternativo de regular uma sociedade e economia baseadas no conhecimento, no centro da qual os comuns desempenhariam um papel central.

2.152

Moreover, from the concrete experiences analysed here, the idea emerges that the concept of common goods can constitute a concrete alternative, and that includes on a legal footing (Rodotà, 2011). Therefore the common is the product of a social and institutional structure that demonstrates forms of governing and social co-operation that guarantee its production, reproduction and spread. The new institutions of the common that emerge from these constituent practices constitute a general principle of self-governance of society and self-organisation of social production, proposing a new division between common, public and private.

Obviously, the success of these new practices is a complex process that must rely on institutions which accord and guarantee reproduction over time and space of the commons and common goods: ways of management based on self-governance and collaborative economics; relationships of exchange based on reciprocity and gratuitousness; legal regimes that, like the invention of copyleft for free software, guarantee the accumulation of a stock of common-pool resources (CPR); distribution norms that permit the active involvement of the commoners in the development of the commons, guaranteeing a basic income, for example.

In this context, it becomes more and more essential and urgent to define the terms of an alternative model of regulating a knowledge-based society and economy at the centre of which the logic of the commons would perform an essential role.

2. Comum e comuns entre teoria e história. Elementos para uma introdução metodológica.

O público e o privado ainda existem como os dois polos indisputáveis da organização social e econômica e das formas de propriedade. Em debates tanto de política econômica quanto em alternativas sistêmicas, parece não haver nada entre esses dois polos, ou ao menos é o que parecia até a recente redescoberta do tema do comum e dos bens comuns na teoria econômica[4] e no debate político. Enfatizamos deliberadamente o termo "redescoberta". Em verdade, as formas de gestão e propriedade baseadas na propriedade comum datam de antes daquelas fundadas sobre a noção do público e privado.

4. Primeiramente o trabalho levado a cabo por Elinor Ostrom e seu grupo de pesquisa.

Parafraseando Fernand Braudel, podemos afirmar que a questão do comum e dos bens comuns é uma velha história que precede, atravessa e suplanta o desenvolvimento do capitalismo e da modernidade.

Por motivos históricos relativos ao desenvolvimento das instituições e forças de produção, ela primeiro assumiu a forma de uma terra comum ligada ao sagrado da natureza e ao manejo da terra e de recursos naturais.[5]

Portanto, desde a lei pública romana a noção de *res comunes omnium*[6] já existia. Ela concernia às coisas como o mar, o ar, a atmosfera ou a espaços sagrados que pertencem a todos pelo simples motivo de que ninguém se interessa ou pode estabelecer uma relação de apropriação exclusiva sobre eles. No âmbito legal, as *res comunes* já são contudo diferenciadas das *res nullius*, coisas sem dono mas que podem ser apropriadas.

5. Para um panorama completo dessas formas ver Max Weber (1991).

2.153

6. N. do T. "A coisa comum a todos"

A história do que é o comum, contudo, vai muito além de seu reconhecimento jurídico na lei romana.

Diferentes sistemas econômicos e sociais que precederam ao advento do capitalismo foram baseados em instituições e formas de organizar a produção fundadas em formas de posse comum da terra ou de outros recursos naturais.

As chamadas sociedades primitivas de caçadores-coletores, teorizadas previamente por Lewis Henry Morgan (2011), o pai da antropologia moderna, apresentam analogias extremamente significantes com a terra comum teorizada pela vencedora do prêmio Nobel Elinor Ostrom no final do séc XX e no começo do XXI.

O mesmo pode também ser dito acerca dos métodos de produção comunitária (ou comunistas primitivos) trazidos pela revolução Neolítica (Amin, 1973). As regras de organização dessa sociedades são baseadas em princípios de

2. Common And Commons Between Theory And History. Elements For A Methodological Introduction.

Public and private still exist as the two indisputable poles of economic and social organisation and forms of property. Both in debates on economic policy and on systemic alternatives, it seems there is nothing between these two poles, or at least so it appeared until the recent rediscovery of the theme of common and common goods both in economic theory and in political debate. We deliberately stress the term rediscovery. In fact, the forms of property and management based on common property in reality pre-date those founded on the notion of public and private.

To paraphrase Fernand Braudel, we can affirm that the issue of common and common goods is an old story that precedes, crosses and supplants the development of capitalism and modernity.

For historic reasons related to the development of the forces of production and institutions, it first of all took the form of common land linked to the sacredness of nature and the management of the earth and natural resources.

So as far back as Roman public law the notion of res comunes omnium already existed. It related to things such as the sea, the air, the atmosphere or sacred places which belong to everyone for the simple reason that no-one has an interest in them or can establish a relationship of exclusive appropriation over them. On the legal front, the res comunes are on the other hand already differentiated from the res nullius, which are things without an owner but which can be appropriated.

But the story of what is common goes way beyond its juridical recognition in Roman law.

Different economic and social systems that preceded the advent of capitalism have been based on institutions and ways of organising production founded on forms of common ownership of the land or other natural resources.

The so-called primitive communities of hunter-gatherers previously theorised by Levis Henry Morgan (2011), the father of modern anthropology, thus present extremely significant analogies with the land commons which the Nobel Prize winner for economics Elinor Ostrom, theorised between the end of the 20th and the beginning of the 21st centuries.

The same can also be said of the methods of community production (or primitive communists) brought about by the Neolithic revolution (Amin, 1973). The rules of organisation of the societies are based on principles of enforcement of what is common which present numerous analogies with the principles of property and management of Ostromian commons. In these terms, one could even ask oneself whether the commons described by Ostrom and other authors are no other than the remnants of a historic period when these on the contrary carried out an ergonomic role.

manutenção daquilo que é comum[7] e apresentam muitas analogias com os princípios de manejo e propriedade nos comuns ostromianos. Nestes termos, podemos até nos perguntar se os comuns descritos por Ostrom e outros autores não são nada mais do que os restos de um período histórico quando estes, ao contrário, realizavam um papel ergonômico.

7. A propriedade coletiva garante acesso à terra a todos os membros de uma comunidade baseado em regras precisas relativas tanto ao uso quanto à distribuição do produto entre os membros.

Em termos mais gerais, até em outras formas sociais e econômicas em que propriedade pública e privada começam a se delinear, o que é comum continua a desempenhar um papel central, às vezes dominante, ao lado do Estado e do mercado.

Um exemplo disso é o sistema de impostos imperial chinês, elaborado na primeira dinastia Han e assistiu à um desenvolvimento significante na economia de mercado já no séc. XI, bem antes da Europa (Aglietta e Bai, 2012). Além da posse pública das principais infraestruturas e meios de produção, o acesso à terra era fundado principalmente em direitos de propriedade assentados sobre o uso estabelecido num nível comunitário. O direito de *abusus* permanece excluído desta forma de propriedade comum[8] e será considerado por muitos historiadores como o principal "freio" para o desenvolvimento capitalista na China. Meios muito semelhantes de acesso à terra e aos recursos naturais podem também ser encontrados na Índia até a colonização inglesa e a subsequente introdução da propriedade privada e dos modos de produção ligados a ela (Hobsbawm, 1997).

8. Essa decomposição e distribuição social das diferentes partes dos direitos de propriedade (*abusus, usus, fructus*) está sempre à base, como também teorizam Ostrom e Coriat, das formas de propriedade relacionadas ao comum. Essa afirmação é verdadeira tanto para as formas mais tradicionais e arcaicas do comum, como aqueles ligados à terra na China imperial ou nas terras comuns na Europa na baixa Idade Média, quanto para as formas mais modernas ligadas à revolução informática, como no caso do copyleft.

O mesmo vale, guardadas as regras originais particulares, para as comunidades Mir na Rússia que persistiram até o início do séc. XX (Weber, 1991). Mir, que significa assembleia em russo, era o corpo tomador de decisões originado em comunidades rurais russas "obščina", que significa precisamente comum.

Na história propriamente dita do sistema feudal na Europa, estruturas emergentes do público e do privado se entrelaçam nas formas de propriedade e governo baseadas no comum, sendo ou uma herança germânica, instituições que os Normandos depois exportaram à Sicília e à Inglaterra ao longo dos primeiros dois séculos do século XI, ou como resultado de outros desenvolvimentos locais.

Para além disso, como demonstrado por historiadores da economia como Karl Polanyi, Fernand Braudel ou Immanuel Wallerstein, o crise do sistema feudal que sucedeu à Peste Negra e às revoltas camponesas do séc. XIV é acompanhado por um processo de emancipação da suserania feudal. Neste cenário, as terras comuns geridas por comunidades agrícolas adquirem grande significância na organização social e econômica da agricultura na Inglaterra. A co-propriedade da terra se apoia sobre formas de democracia organizada em vilarejos que regulam acesso a bens naturais

Speaking more generally, even in other economic and social forms in which public and private institutions begin to establish themselves, what is common continued to play a key role, sometimes a dominating role, besides the State and the market.

An example of this is the case of the Chinese Imperial and tax system which was set up from the first Han Dynasty and saw a significant development of market economy already in the 11th Century well before Europe (Aglietta and Bai, 2012). Besides public ownership of the principle means of production and infrastructures, access to land and natural resources remained largely regulated by property rights founded on use established at a community level. The right of abusus remains excluded from this form of common property and will be considered by many historians as one of the main "brakes" to capitalist development in China. Very similar means of access to land and natural resources can also be found in India up to the British colonisation and the subsequent introduction of private property and the systems of production and distribution linked to it (Hobsbawm, 1997).

The same is true, though with their own original rules, for the Mir Communities in Russia which persisted until the beginning of the 20th Century (Weber, 1991). Mir, which means assembly in Russian, was the decision-making body originating in rural Russian communities "obščina", which means precisely common.

In the history itself of the feudal system in Europe, emerging structures of public and private wove in and out with forms of property and governance based on commons, being either a Germanic inheritance, institutions that the Normans exported to Sicily and England, following the invasions in the first two centuries of the year 1000, or as the result of other local developments.

Even more, as shown by economic historians such as Karl Polanyi, Fernand Braudel or Immanuel Wallerstein, the crisis of the feudal system which followed the Black Death and the peasant revolts of the 14th Century is accompanied by a process of emancipation from feudal serfdom. In this scenario, the common lands managed by farming communities acquire great significance in the economic and social organisation of agriculture in England. Co-ownership of land hinges on forms of organised democracy in the villages which regulate access to natural goods (forests, pasture, hunting or fishing grounds) and the rotation of crops reconciling them with the aims of reproduction and inter-generational sustainability of the commons. This historical phase, together with the vitality of cities and the system of artisan self-governance of the corporations, is thus remembered as a period of relative prosperity and represents a sort of golden age of commons.

It is largely a reaction to this process of peasant emancipation based on common land that, as Polanyi and Braudel again remind us, initiates the movement of enclosures and expulsion of the peasants from common lands. This is a fundamental stage in the process which leads to the setting up of the principles of absolute private property making land a fictitious commodity, that is to say a good that can be freely bought and sold on the market. This evolution will proceed at the same rate as the success of the figure of modern nation-states. State and market, public and private, progressively relegate the commons to the margins

(florestas, pastos, territórios de caça ou pesca) e a rotação das plantações, reconciliando-as com os objetivos da reprodução e sustentabilidade intergeracional dos comuns. A fase histórica, junto com a vitalidade das cidades e o sistema de autogovernança artesanal das corporações é assim remorada como um período de relativa prosperidade e representa algo como a idade de ouro dos comuns.

É em grande parte em reação a esse processo de emancipação camponesa baseada em terras comuns que, como nos lembram novamente Polanyi e Braudel, se inicia o movimento dos cercados[9] e a expulsão dos camponeses das terras. Este é um estágio fundamental do processo que leva ao estabelecimento dos princípios da propriedade privada absoluta, tornando a terra uma mercadoria fictícia[10], isto é, um bem que pode ser livremente comprado e vendido no mercado. Essa evolução seguirá no mesmo ritmo como o sucesso da figura dos estados-nação modernos. Estado e mercado, público e privado, progressivamente relegam o comum às margens da sociedade e se colocam como os princípios quase exclusivos da ordem econômica e social.

9. N. do. T. No inglês: *enclosures*. Desenvolveram-se na Inglaterra através de diferentes estágios entre o início do século XVI e o século XIX.

Esse processo acelerou-se decisivamente com a expansão da revolução industrial. Certamente, quando começou o movimento dos trabalhadores parecia reviver formas de solidariedade, autogovernança e até de propriedade baseada no comum. Como nos lembra André Gorz (2008), é a "idade heróica" dos sindicatos, das cooperativas trabalhistas, e da ajuda mútua. Recursos financeiros e meios de produção e consumo são compartilhados "em nome do direito à vida" e apoiados num conceito das necessidades e modos da vida que ainda permanecem em grande parte estranhos à lógica do mercado e da produção capitalística. Essas formas de resistência, porém, não se desenvolverão mais adiante, ainda que alguns de seus ideais continuem a sustentar exatamente o que agora se chama de terceiro setor da economia social solidária (SSE – Social Solidarity Economy).

10. *Fictitious Commodities*, como proposto por Karl Polanyi,. Onde a terra, como outros recursos naturais, não é um produto do trabalho do homem, mas uma dádiva da natureza.

Com o advento dos Estados fordistas-keynesianos, a dialética entre público e privado torna-se tão geral que a própria organização da solidariedade parecerá ser cada vez mais assumida pela organização burocrática do Estado de bem-estar social. Durante o crescimento dos chamados *Glorious 30s,* o mesmo sentido do conceito do comum parecia afundar definitivamente no esquecimento da história.[11]

11. Nesta conexão, as mesmas graves imprecisões teóricas e terminológicas do artigo de Garret Hardin dedicado à chamada *tragédia dos comuns* são testemunhos do que, como veremos, não deixará de ter o mérito de reabrir o debate científico acerca da questão do comum e dos bens comuns.

No entanto, a história não é um processo linear, mas procede através de hibridização, de bifurcamento e fratura. Seguindo à crise do capitalismo industrial e a emergência de uma economia baseada em conhecimento (EBC), assistimos simultaneamente a representação do funcionamento de uma sociedade baseada no parelhamento do Estado com o mercado e do público com o privado novamente suscitar discussões.

of society and assert themselves as the almost exclusive principles of economic and social order.

This process accelerated decisively with the expansion of the industrial revolution. Certainly, when it first began the labourers' movement seemed to revive forms of solidarity, self-governance and even property founded on common. As André Gorz (2008) reminds us, it is the "heroic age" of the trade unions, labour' cooperatives, and the Mutual Aid movement. Financial resources and means of production and consumption are shared "in the name of the right to life" and on the basis of a concept of the needs and ways of life that still remain largely extraneous to the logic of the market and capitalistic production. But these forms of resistance will not come to develop further, even if some of their ideals continue to strengthen exactly what is called the third sector of the Social and Solidarity Economy (SSE).

With the growth of Fordism and the Keynesian State, the dialectic between public and private becomes so all-inclusive that the organisation of solidarity will itself seem to be ever more taken up by the bureaucratic organisation of the welfare state. During the growth of the so-called Glorious Thirties, the same sense of the concept of common thus seems to sink definitively into the oblivion of history.

Nevertheless, history is not a linear process, but proceeds through hybridisation, fractures and forks. Following the crisis of industrial capitalism and the emergence of an Knowledge Based Economy (KBE) on we simultaneously witness the representation of the functioning of the economy and society founded on the pairings of State-market, public-private being brought up for discussion again.

The problem of common and common goods rises up again in academic literature as it does again in political debate bit by bit lifting up the same veil that was drawn over its historical role. This return to strength is rooted in two main structural transformations of the contemporary economy which, in the theoretical field, are often made to correspond to two different types of commons.

The first transformation is without a doubt linked to the ecological crisis and the awareness of the finiteness of the planet and natural resources. This knowledge drives back into the forefront, though in largely unedited forms, the theme of so-called traditional, land-based or natural commons, relating to the conservation of rare or non-renewable resources. This has given new impulse to a theoretical formulation of which Ostrom's reflection (section 1) on commons-pool resources (CPR) undoubtedly constitutes the best formed expression in the field of academic economic theory. This has also been translated into multiple initiatives on a political and institutional level. The most significant of these are the recognition of the non-appropriable nature of natural commons in Iceland's project of constitutional reform in 2012 and in the new constitution of Ecuador in 2008.

Thus, for example, Article 34 of the draft of the new Icelandic constitution formulated through the device of participative democracy via the Web which mobilised the contribution of a great many citizens stated that:

A questão dos bens comuns e do comum aparece novamente na discussão acadêmica, como também o faz no debate político, pouco a pouco erguendo o véu que foi colocado sobre seu papel histórico. Esse retorno à força está enraizado em duas principais mudanças estruturais da economia contemporânea que, no campo da teoria, são frequentemente postas como correspondentes a dois diferentes tipos de comum.

A primeira transformação está sem dúvida atrelada à crise ecológica e à consciência da finitude do planeta e de seus recursos naturais. Esse conhecimento evidencia, embora em termos majoritariamente não-editados, o tema dos chamados comuns tradicionais, naturais ou baseados em terra, relativos à conservação de recursos raros ou não-renováveis. Tal acontecimento impulsionou formulações teóricas, da qual a reflexão de Ostrom (seção 1) sobre os *commons-pool resources*[12] sem dúvida constitui a forma mais bem expressa no campo da teoria econômica acadêmica. Isto também se traduz em muitas iniciativas a nível político e institucional. A mais significante destas é o reconhecimento da natureza não-apropriável dos comuns naturais no projeto de reforma constitucional da Islândia em 2012 e do Equador em 2008.

12. N. do T. Ver página da 4.30 do presente texto.

Assim, por exemplo, o artigo 34 da primeira versão da nova constituição islandesa, formulada a partir de um dispositivo de democracia participativa através da web e que mobilizou um grande número de cidadãos, afirma:

"Os recursos naturais da Islândia que não forem propriedade privada serão propriedade compartilhada e perpétua da nação. Ninguém poderá adquirir os recursos naturais nem os direitos pertinentes aos mesmos, seja por propriedade ou por uso permanente, eles tampouco poderão ser vendidos ou declarados. Reservas naturais públicas tais como os estoques marítimos e outros recursos do oceano e de seu leito estão inclusos na zona econômica da Islândia, assim como as fontes de água e direitos de armazená-la, direitos à energia geotérmica e direitos de mineração. A posse pública de certos recursos numa determinada profundidade abaixo da crosta da Terra poderá ser determinada por lei. No uso de recursos naturais, o desenvolvimento sustentável e o interesse público servirão de guia."

2.156

No que concerne à constituição equatoriana de 2008[13], especificado no artigo primeiro está: "Recursos naturais não-renováveis do território estatal pertencem a seu espólio inalienável e absoluto, os quais não estão sujeitos a um estatuto de limitações". Ela acrescenta, com uma inovação jurídica fundamental, no artigo 10 que "A natureza será sujeita daqueles direitos que a Constituição reconhece como garantidos a ela". Ou seja, como especificado no Artigo 71:

13. Ver: www.asambleanacional.gov.ed/documentos/constituicion_de_bolsillo.pdf, acesso em 20 de fevereiro de 2015.

Iceland's natural resources that are not private property shall be the joint and perpetual property of the nation. No one can acquire the natural resources, or rights connected thereto, as property or for permanent use and they may not be sold or pledged. Publicly owned natural resources include resources such as marine stocks, other resources of the ocean and its bottom within Iceland's economic zone and the sources of water and water-harnessing rights, the rights to geothermal energy and mining. The public ownership of resources below a certain depth under the earth's surface may be determined by law. In the use of natural resources, sustainable development and public interest shall be used for guidance.

As for the 2008 Ecuadorean constitution, it specifies in Article 1 that "Nonrenewable natural resources of the State's territory belong to its inalienable and absolute assets, which are not subject to a statute of limitations". It adds with fundamental juridical innovation in Article 10 that "Nature shall be the subject of those rights that the Constitution recognises for it". That is to say, as specified in Article 71:

Nature, or Pacha Mama, where life is reproduced and occurs, has the right to integral respect for its existence and for the maintenance and regeneration of its life cycles, structure, functions and evolutionary processes.

All persons, communities, peoples and nations can call upon public authorities to enforce the rights of nature. To enforce and interpret these rights, the principles set forth in the Constitution shall be observed, as appropriate.

Finally, a non-secondary role in order to lead to the juridical recognition of natural common goods, water in particular, has been played in Italy by the work of the Rodotà Commission, which was set up at the Ministry of Justice in 2007 with the aim of drawing up a draft of a law to reform the part of the Civil Code on the subject of public goods. This proposal, as well as defining public property and providing a classification of it, demonstrates the connection between public property and a person's fundamental rights. The recent deliberation on common goods of Municipality of Chieri drawn up by a working group gathered around Ugo Mattei, as we will see better hereafter, takes up and develops this reflection giving the concept of common and common goods its most complete and well-constructed current juridical wording (Section 3).

The second transformation is connected to the development of an economy based on the driving role of knowledge and the spread of it. At the centre of this dynamics we find the meeting between the formation of widespread intelligence and the information revolution. This gives rise to the formation of knowledge-intensive communities and to forms of coordination of alternative activities in

A natureza, ou Pacha Mama, onde a vida ocorre e é reproduzida, tem direito ao respeito integral à sua existência e pela manutenção e regeneração dos seus ciclos vitais, funções e processos evolutivos.

Todas as pessoas, comunidades, povos e nações podem reivindicar que as autoridades públicas façam cumprir os direitos da natureza. Para exercer e interpretar estes direitos, os princípios propostos na Constituição serão observados conforme a ocasião.

Finalmente, um papel não-secundário, concernente ao reconhecimento jurídico dos bens comuns naturais, particularmente à água, está sendo desempenhado na Itália pelo trabalho da comissão Rodotà, articulada no Ministério da Justiça em 2007 com o propósito de redigir um projeto de lei que reformasse parte do código civil no tocante aos bens públicos. Essa proposta, além de definir a propriedade pública e providenciar uma classificação eficaz, demonstra a conexão entre a propriedade pública e os direitos fundamentais da pessoa.[14] A recente deliberação acerca dos bens comuns ocorrida na municipalidade de Chieri, redigida por um grupo de trabalho formado ao redor de Ugo Mattei, como veremos melhor adiante, assume e desenvolve essa reflexão, dando ao conceito de comum e bens comuns a sua mais completa e bem-articulada expressão jurídica corrente.

13. Ver Pierluigi Vattimo (2013).

A segunda transformação está ligada a uma economia baseada no papel dirigente do conhecimento e de seu alcance. No centro desta dinâmica está o encontro entre a formação de uma inteligência de longo alcance e a revolução informática. Isso dá lugar à ascensão de comunidades com intensa conotação de conhecimento, e a formas de coordenação de atividades alternativas na gestão tanto da hierarquia quanto do mercado. Os modelos da Wikipedia, do software livre e das formas legais do copyleft são sem dúvida os mais conhecidos exemplos disso, embora representem apenas a ponta do iceberg de um comum muito mais amplo, mais bem construído e mais complexo. É o caso daqueles que são frequentemente chamados de os novos comuns do conhecimento relativos aos abundantes recursos imateriais que escapam das limitações da escassez.

2.157

No entanto percebemos imediatamente que essa distinção binária entre dois tipos de comum, o tradicional e aquele do conhecimento, definido de acordo com os bens e recursos ali encontrados nos parece ilusória.

Por um lado, os chamados comuns naturais/tradicionais podem, de fato, a um só tempo também definirem-se como comuns do conhecimento. Em verdade, o funcionamento de um comum natural reside na mobilização de conhecimentos complexos, muitas vezes transmitidos de geração a geração, através de mecanismos cumulativos de enriquecimento do conhecimento e o *savoir-faire* relacionado ao que nas economias de conhecimento é conhecido como aprendizado através do fazer e do uso de efeitos. Dessa forma, em inúmeras comunidades tra-

the principles of management both of the hierarchy and the market. The models of Wikipedia, free software and at the level of legal forms of copyleft are without doubt the best known expressions of this, although they barely represent the tip of the iceberg of a much wider, well- constructed and complex commons. It is the case of those that are commonly called the new commons of knowledge relating to the abundant immaterial resources and which slip out of the constraints of scarcity.

Nevertheless we note straightaway that this binary distinction between two types of commons, traditional commons and that of knowledge, defined according to the type of goods and resources is, to our minds, largely misleading.

On one hand, the so-called traditional and natural commons can, in fact, at the same time also fully claim to be knowledge commons. In fact, the working of a natural common rests on the mobilisation of complex knowledge, often passed down from generation to generation, through cumulative mechanisms of enrichment of knowledge and the savoir-faire tied to what in the knowledge economy are called learning by doing and by using effects. And in this way, for example in numerous traditional communities, they have been able to reach an extremely complex knowledge of biodiversity drawing from it accurate selections of seeds and a rich pharmacopoeia which, besides, is attracting more and more strategic interest from large multinational companies in the pharmaceutical and agro-industrial sectors.

On the other hand, regulation of natural commons is today founded on the meeting and hybridisation of more modern knowledge and techniques with the rediscovery of the value of traditional knowledge which has permitted the preservation of natural resources over generations. The crucial importance of this interaction between KBE and natural commons has been recognised in a farsighted way by the Ecuadorian government (as we will see in the last part of this report). As René Ramírez Gallegos (2014) underlines, this inclusion becomes the very basis of a transformation of the production matrix of the Ecuadorian economy and of the way it inserts itself in the new international division of work founded on knowledge.

On the other hand and reciprocally, knowledge commons are thus not only concerned with immaterial goods, such as for example software, creating data banks or the production of codified knowledge. Their organisation principles can concern any type of material or immaterial activity, whether it is products made by humans for humans (health, education) or any other kind of good, service or resource.

From this point of view, common thus appears above all to be a social construction founded on the spread of knowledge and self-governance of production and not an intrinsic feature of the nature of particular categories of goods. These considerations will be an important theme in this report is to guide us through the critical review of the literature is the concrete analysis of the development of the commons and commons goods.

dicionais, por exemplo, chegou-se a um conhecimento extremamente avançado de biodiversidade, da qual retiram seleções precisas de sementes e uma rica farmacopéia, que além disso têm atraído cada vez mais a atenção das enormes corporações farmacêuticas e agro-industriais.

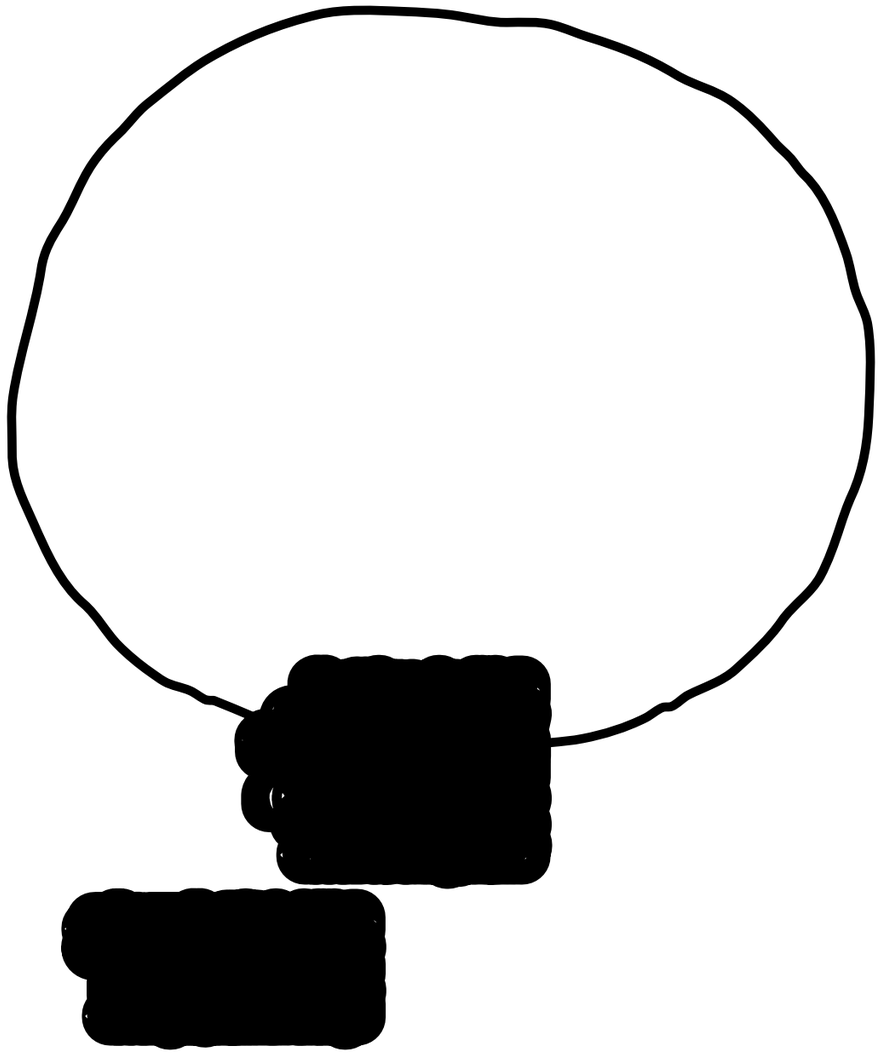
Por outro lado, a regulação dos recursos naturais hoje se funda sobre o encontro e hibridização de um conhecimento e técnica mais moderna com a redescoberta do valor do conhecimento tradicional que permitiu a preservação natural ao longo de gerações. A interação crucial entre as economias do conhecimento e os comuns naturais foi reconhecida de modo a garantir um alcance a longo-prazo pelo governo equatoriano (como será visto ao cabo deste relatório). Como ressaltado por René Ramirez Gallego (2014), a interação torna-se a base mesma de uma transformação da matriz produtiva da economia do Equador, do modo como ela se insere na divisão internacional do trabalho fundado sobre o conhecimento.[15]

Por outro lado e reciprocamente, os comuns do conhecimento não estão preocupados apenas com bens materiais, como os softwares, os bancos de dados ou a produção de um conhecimento codificado. O seu princípio organizacional pode concernir a qualquer espécie de atividade material ou imaterial, sejam produtos feitos de humanos para humanos (a saúde, a educação) ou qualquer outro tipo de bem, recurso ou serviço.

15. Para mais informações neste ponto, ver René Ramirez Gallegos (2014).

Desse ponto de vista, o comum aparece sobretudo como uma construção social fundada na propagação do conhecimento e da autogestão da produção, não como um traço intrínseco à natureza de alguns tipos particulares de bens. Essas considerações serão um tema central se este relatório deseja nos guiar através da revisão crítica da bibliografia e das análises concretas do desenvolvimento dos bens comuns e do comum.

[redacted]



4.4 Ricardo Basbaum

Amo os artistas-etc

I love etc-artists

Publicado em http://www.e-flux.com/ como parte do projeto 'The next Documenta should be curated by an artist', com curadoria de Jens Hoffmann, julho de 2003.

Published at http://www.e-flux.com/ as part of the project 'The next Documenta should be curated by an artist', curated by Jens Hoffmann, July 2003.

ADVERTÊNCIA:

Atenção para esta distinção de vocabulário:

(1) Quando um curador é curador em tempo integral, nós o chamaremos de curador-curador;

quando o curador questiona a natureza e a função de seu papel como curador, escreveremos 'curador-etc' (de modo que poderemos imaginar diversas categorias, tais como curador-escritor, curador-diretor, curador-artista, curador-produtor, curador-agenciador, curador-engenheiro, curador-doutor, etc);

(2) Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de 'artista-artista';

quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos 'artista-etc' (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico, etc);

O enunciado acima pressupõe que o 'curador-curador' (ou mesmo o 'curador-artista') trabalha de modo diferente do 'artista-curador'. É em torno deste ponto que gostaria de comentar a afirmação proposta: "A próxima Documenta deveria ser curada por um artista".

Amo os artistas-etc.

Talvez por que me considere um deles.

Artistas-etc não se moldam facilmente em categorias e tampouco são facilmente embalados para seguir viagens pelo mundo, devido, na maioria das vezes, a comprometimentos diversos que revelam não apenas uma agenda cheia mas sobretudo fortes ligações com os circuitos locais em que estão inseridos. Vejo o 'artista-etc' como um desenvolvimento e extensão do 'artista-multimídia' que emergiu em meados dos anos 1970, combinando o 'artista-intermídia' fluxus com o 'artista-conceitual' – hoje, a maioria dos artistas (digo, aqueles interessantes...) poderia ser considerada como 'artistas-multimídia', embora, por 'razões de discurso', estes sejam referidos somente como 'artistas' pela mídia e literatura especializadas. 'Artista' é um termo cujo sentido se sobre-compõe em múltiplas camadas (o mesmo se passa com 'arte' e demais palavras relacionadas, tais como 'pintura', 'desenho', 'objeto'), isto é, ainda que seja escrito sempre da mesma maneira, possui diversos significados ao mesmo tempo. Sua multiplicidade, entretanto, é invariavelmente reduzida apenas a um sentido dominante e único (com a óbvia colaboração de uma maioria de leitores conformados e conformistas). Logo, é sempre necessário operar distinções de vocabulário. O 'artista-etc' traz ainda para o primeiro plano conexões entre arte&vida (o 'an-artista' de Kaprow) e arte&comunidades, abrindo caminho para a rica e curiosa mistura entre singularidade e acaso, diferenças culturais e sociais, e o pensamento. Se a próxima Documenta for curada por um artista, devemos esperar encontrar um artista-etc trabalhando como artista-curador.

WARNING:

Be aware of this vocabulary distinction:

(1) when a curator is a full-time-curator we call her/him a 'curator-curator';

when the curator questions the nature and function of her/his role we should write 'etc-curator' (so we can imagine several categories: writer-curator, director-curator, artist-curator, producer-curator, agent-curator, engineer-curator, doctor-curator, etc);

(2) when an artist is a full-time-artist we call her/him an 'artist-artist';

When the artist questions the nature and function of her/his role we should write 'etc-artist' (so we can imagine several categories: curator-artist, writer-artist, activist-artist, producer-artist, agent-artist, theoretician-artist, therapist-artist, teacher-artist, chemist-artist, etc);

The above assumption presupposes that the 'curator-curator' (or even an 'artist-curator') works differently than a 'curator-artist'. It is around this point that I'd like to comment the proposed statement: 'The next Documenta should be curated by an artist'.

I love etc-artists.

Perhaps because I consider myself one of them.

Etc-artists don't fit easily into categories and are not so easily packaged for traveling around the world, due most of the times to several compromises that reveal not simply a busy agenda, but strong links to local art circuits they are immersed in. I see the 'etc-artist' as a further development of the 'multimidia-artist' that emerged in the mid 1970s, mixing the fluxus 'intermedia-artist' with the 'conceptual-artist' – today, most of the (interesting...) artists could be considered as 'multimidia-artists', but for 'speech' reasons they are referred to only as 'artists' by the specialized literature and media. The word 'artist' is a multilayer-meaning word (the same with 'art' and related words such as 'painting', 'drawing, 'object'), that is it has several meanings at the same time though one writes it always the same way. Its multiple meaning is invariably reduced to just a strong and dominant one (with the obvious help of a majority of conformist readers). Therefore, vocabulary differentiation needs to be made. The 'etc-artist' even brings to the forefront connections between art and life (Kaprow's 'un-artist'), art and communities, opening a pathway for the curious and rich mixture of casual and singular circunstances, cultural and social differences, and thought. If next Documenta is to be curated by an artist, we should expect to find an etc-artist working as a curator-artist.

When artists curate they cannot avoid to mix their artistic investigation with the proposed curatorial project: for me, this is their strenght and singularity when engaged in curatorship. The event can have a chance to make itself clearly embedded in a network of proximate knotes/nodes, enhancing the

Quando artistas realizam curadorias, não podem evitar a combinação de suas investigações artísticas com o projeto curatorial proposto: para mim, esta é sua força e singularidade particulares, quando em tal engajamento. O evento terá a oportunidade de mostrar-se claramente estruturado em rede de nós próximos, aumentando a circulação de energia 'afetiva' e 'sensorial' – um fluxo que o campo da arte tem procurado administrar em termos de sua própria economia e maleabilidade.

Se um artista-curador pretender dirigir/curar/planejar o assim chamado 'maior evento de arte contemporânea do circuito de arte do Ocidente', ele ou ela certamente terá que incluir, entre os diversos tipos de artistas (com forte simpatia pelos artistas-etc), pensadores contemporâneos de variadas disciplinas (para os críticos de arte: "coloque-se como um pensador-sensorial; caso contrário, você não existe") – todo um conjunto de não-artistas, tais como pessoas trabalhando em qualquer ocupação ou campo de pesquisa, em qualquer lugar do mundo. Essas pessoas não estariam produzindo arte, mas envolvidas com os artistas e seus trabalhos em um fórum permanente para produção de pensamento em tempo real (por bem mais que cem dias), construindo em conjunto atos sensoriais provocativos (SPACTs – *Sensorial Provocative Acts*). Aqui, suporte digital seria fundamental. Com tal dinâmica, quem se importará com o 'público'? O evento não estaria com as portas abertas, tendo optado por voltar-se para 'consumo interno' – este autofechamento deve ser compreendido como o reconhecimento da falência da 'esfera pública' e sua transição para algum tipo de arena pós-pública (a linha diagramática amizade-coletivo-multidão-comunidade), gesto a ser assumido como provocação necessária com o objetivo de buscar novas formas de relacionamento com a audiência. Queremos que os visitantes, que efetivamente comparecerem, sejam sujeitos de um processo de transformação durante o (e depois do) evento, desenvolvendo algum tipo de responsabilidade e compromisso em relação a ele. Como proposta final, a *Documenta* deveria deixar a cidade de Kassel e iniciar uma turnê mundial, passando seis meses em algumas cidades dentro dos cinco continentes, sendo coordenada por equipes locais de artistas-etc. Quando enfim retornar novamente ao seu lugar inicial (voltará para um local denominado 'origem'?), haverá material suficiente para uma série de filmes-documentários acerca do papel a ser desempenhado pela arte contemporânea no mundo mutante da atualidade. Para serem apreciados na segurança do lar, através da TV, pelas famílias do planeta.

Amo os artistas-etc.

Talvez porque me considere um deles, e não é correto odiar a mim mesmo.

circulation of 'sensorial' and 'affective' energy – a flow which the field of art has managed to comprehend in terms of its economy and circulation.

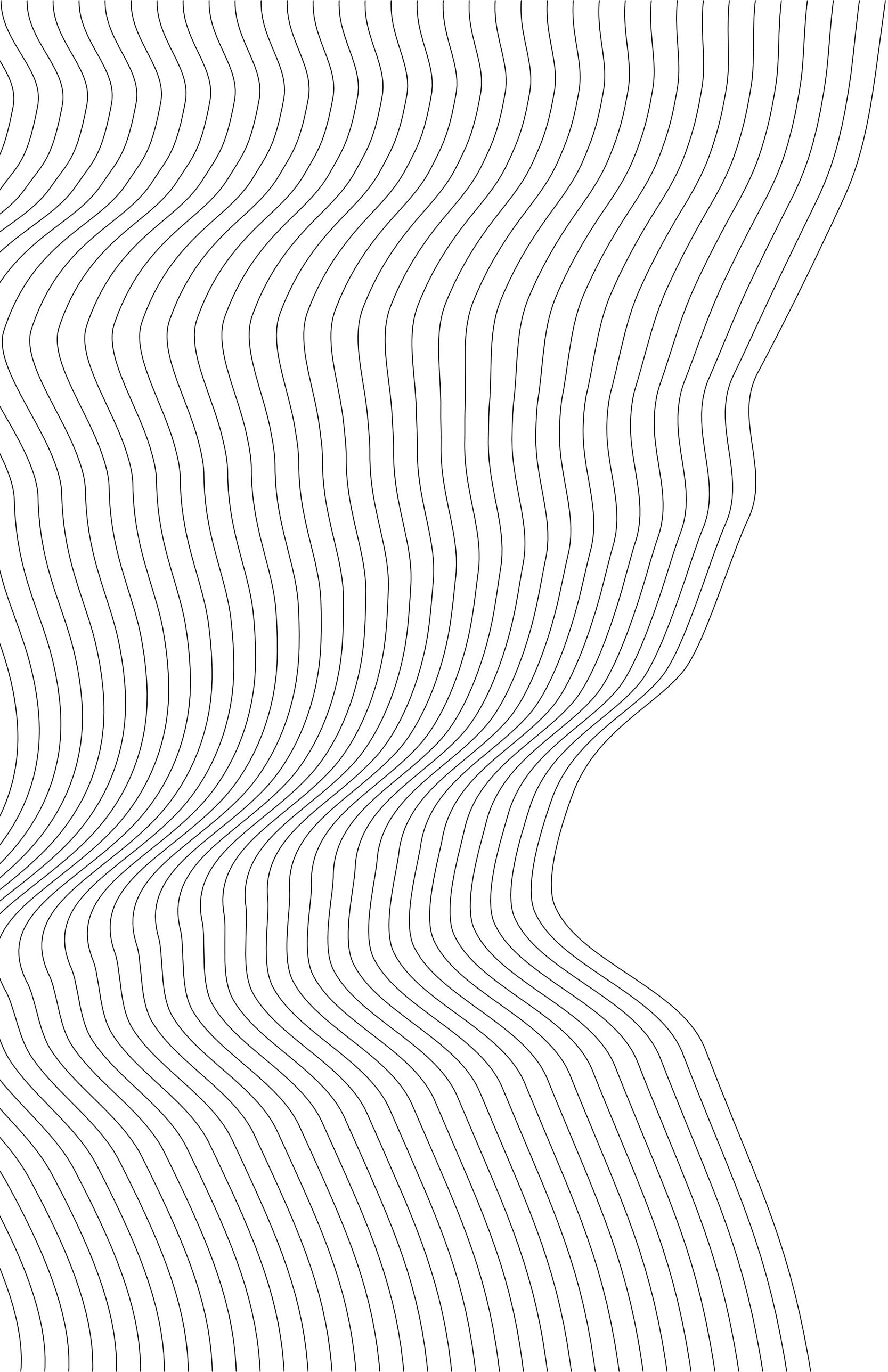
If a curator-artist should plan/direct/curate the so called 'major contemporary art event in the western artworld', s/he has to include, beyond the various types of artists (with strong sympathy for etc-artists), contemporary thinkers from different disciplines (to art critics: "either you are a sensorial-thinker or you don't exist") – a whole set of non-artists such as people working in any field of research or occupation anywhere in the world. This people would not be producing art at all, but involved with the artists/artworks in a permanent forum/fair for real-time thinking (for more than 100 days), jointly producing sensorial provocative acts (SPACTs). Digital support is a fundamental requirement here. With such a dynamics, who would care about the 'public'? The event would not be opened for the public, choosing instead to dedicate itself to 'internal consumption' – this self-enclosure should be understood as a recognition of the failure of the 'public sphere' and its transition into a new kind of pos-public arena (collective-multitude-community-friendship diagram), gesture to be assumed as necessary provocation with the aim of seeking new forms of relating to the audience. We want the visitors that do come in to be subjects of a changing process during (and after) the event, and develop some sort of responsibility and compromise towards it. As a final proposal, the Documenta should leave the city of Kassel and begin a world tour, spending six months in certain cities within the five continents, being coordinated by a team of local etc-artists. When it finally resumes again to its original place (should it come back to such a place called 'origin'?) there would be enough material for a series of film documentaries about what is the role to be played by contemporary art in the today's changing globe. To be appreciated safely at home in TV by every family in the world.

I do love etc-artists.

Maybe because I consider myself one of them, and it's not fair to hate myself.

Notas

Notes



Laboratório para Estruturas Flexíveis
Laboratory for Flexible Structures

23 a 28 de outubro de 2017

O projeto Laboratório para Estruturas Flexíveis foi contemplado pelo programa RUMOS 2015–2016 do Itaú Cultural.

The Laboratory for Flexible Structures is a Casa do Povo project contemplated by the RUMOS 2015–2016 program, from Itaú Cultural.

Realização / Realization
Casa do Povo

Curadoria / Curatorship
Benjamin Seroussi, Mariana Lorenzi e Marília Loureiro

Produção / Production
Chico Daviña e Alita Mariah

Assistente de produção / Assistant production
Lucas Rodrigues

Comunicação / Communication
Ana Druwe

Cenografia / Cenography
"Emaranhando" Amilcar Packer e Valentina Desideri

Convidadxs / Guests
Adriana Sumi, Agência Solano Trindade (Thiago Vinicius), Aldeia Kalipety (Jera Poty e Marquinho), Amilcar Packer, Ana Terra, Andrea Phillips, Beta Local (Michael Linares), Casa de Cultura Tainã (TC Silva e Layla Xavier Silva), Chão SLZ (Samantha Moreira), Contrafilé (Cibele Lucena e Joana Zatz Muss), Clínica Aberta de Psicanálise, coletivA Ocupação, Coletivo Transformação, data_labe, Dénètem Touam Bona, Digital Art Lab (Eyal Danon), Edições Aurora, Escola Nacional Florestan Fernandes (Rosana Fernandes), G>E [grupo maior que eu], JA.CA (Francisca Caporali), Kadija de Paula (PF), L'Asilo (Pierluigi Vattimo), Lote, Maria Dias, Nelson (Movimento de Moradia da Região Centro), Movimento Passe Livre, Nice (Ocupação Mauá), Ocupeacidade, Oficina de Imaginação Política, PAF [=PerformingArtForum] (Valentina Desideri), Sofía Olascoaga

Participantes das imersões / Immersion participants
Adriana Sumi, Alicia Esteves, Amilcar Packer, Ana Terra, Andrei Lopes, Alvim Silva Junior, Anthony Davies, Beatriz Ximenis, Bruno Levorin, Benjamin Seroussi, Beatriz Lemos, Chico Daviña, Christ Kamanda, Carlos Serejo, Fábio Lima, Guilherme Silva, Ícaro Pio, Kadija de Paula, Lilith Cristina Passos, Leticia Karen de Oliveira, Laura Frare, Marcela de Jesus, Maria Gabriela Fernandes, Marcelo Rocha, Matheus Santos,Marcela Nogueira dos Reis, Melissa Oliveira Maciel, Murilo Salazar, Marília Loureiro, Martha Kiss Perrone, Marian, Marianne Oliveira De Toni, Mayara Vivian, Sebastião Neto, Stephany Karolina de Carvalho Andrade e Thiago Vinicius

Grupo de estudos / Study group
Adriana Sumi, Amilcar Packer, Benjamin Seroussi, Bruno Levorin, Malu Andrade, Mariana Lorenzi, Marilia Loureiro, Thiago Vinicius

Residência de Pesquisa para Coletivos – Jurí de seleção
Research Residency for Collectives – Jury panel
Ana Druwe, Fabio Malheiros, Malu Andrade (júri associada), Marilia Loureiro, Mayara Vivian

www.casadopovo.org.br / fb.com/casadopovoxxi

Publicação/Publication

Organização/Organization
Ana Druwe, Benjamin Seroussi e Marília Loureiro

Coordenação editorial/Editorial Coodination
Ana Druwe

Projeto gráfico/Graphic Design
Estúdio Margem + Mateus Acioli

Textos / Texts
Andrea Phillips*, Audre Lorde, Bruno Levorin, Clara Sacco e Gilberto Vieira, Coletivo Transformação, Kadija de Paula, Ricardo Basbaum*, D-CENT – Vercellone, Vattimo (et.al)*

* Textos cedidos pelos convidados do projeto / Text reproduction authorized by project participants.

Foto / Photo
Murilo Salazar

Revisão / Copy-edit
Isabela Benassi

Tradução / Translation
Pedro Koberle

Gráfica / Printing
Meli-Melo Press

Casa do Povo

Presidente / President
Lilian Starobinas

Vice-presidente / Vice-president
Tania Fukelmann Landau

Directors / Directors
Gerson Froiman, Daniel Douek e Miguel Natalio Abadi

Conselheiros / Board members
Denise Grinspum, Eliana Finkelstein, Iara Rolnik Xavier, Marilza Silveira de Carvalho Pereira, Marina Sendacz, Renato Cymbalista, Roberto Wolfenson, Sara Cunha Lima, Sarah Feldman, Zelda Bulis Goldenberg, Iso Sendacz, Marcos Gorelik Ajzenberg, Miriam Biderman, Carlos Frydman, Clara Schafirovits, Fani Kuperman, Hugueta Sendacz.

Colaboradores / Collaborators
Alita Mariah, Amanda Caiuby Meyer, Ana Druwe, Benjamin Seroussi, Fernanda Morse, Lucas Rodrigues

Auxiliar de serviços gerais / Mantainance and general services
Lourival Fialho de Carvalho/Gold Cooper

Segurança / Security
Jorge França Rodrigues/Pronto Serviço

Laboratório para Estruturas Flexíveis

Ferramentas de gestão, redes de cuidado e modos de auto-organização

2017

Management Tools, Networks of Care and Self-organization

Laboratory for Flexible Structures

Apoio

Apoio cultural

Realização